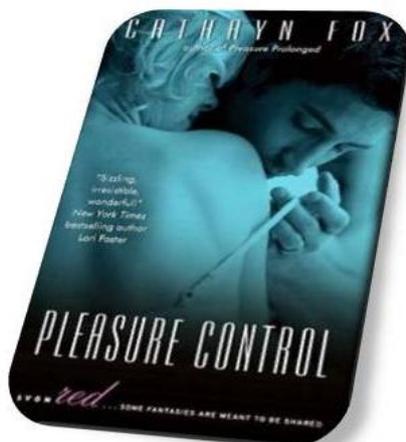


Tiamat-World apresenta:



Prazer sob controle

Cathryn Fox

Laura Manning é uma fria e responsável cientista, mas, sob seu imaculado uniforme branco, seu corpo deseja ser satisfeito. É difícil manter a concentração na experiência e não no corpo musculoso de Jay, seu companheiro de equipe.

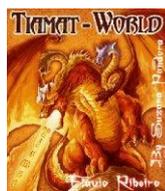
Laura e Jay tentam descobrir um inibidor de libido para ajudar os viciados em sexo. O trabalho de Laura é provocar Jay para comprovar se o inibidor age corretamente.

Mas, a experiência não funciona como eles esperavam e a libido de ambos dispara. Jay e Laura então têm que passar as noites no laboratório tentando uma e outra vez. Tudo pela ciência!



Comentário da Revisora Gislene: é uma delícia, com cenas hot e envolventes, um "mocinho" tudíssimo de bom e uma "mocinha" super inteligente que não sabe que é gostosa! Vale a pena deixar o ventilador ligado ou ler perto de uma janela, claro que aberta...e rezar para ter um vizinho igualzinho ao do livro kkkkkkkk!

Comentário da Revisora Kakau: Livro bem hot e gostoso de revisar. Mocinhos sem frescuras e safadinhos. Gostei!



Capítulo 1

Como era possível que tantas mulheres quisessem apaziguar o apetite sexual de seus maridos?

Laura Manning se fazia esta mesma pergunta, enquanto apagava o queimador Bunsen e fechava os dedos ao redor da proveta que continha seu futuro. Agitou o vidrinho número vinte e quatro entre as palmas das mãos e levantou uma sobrelanceira em direção a seu companheiro de laboratório, Jay Cutler.

— Está certo que não prefere que eu o faça?

Jay passou os dedos pelo cabelo escuro como a noite. Seus lábios, tão sensuais, curvaram-se para baixo.

—O inibidor da libido que estamos preparando é para homens, Laura.

Seus olhos deslizaram pelas curvas de sua companheira enquanto mudava de postura.

— acredite, não é apta para o experimento nem por indício. E, de toda forma, o conselho diretor que nos subvenciona se ocupará de acabar com sua carreira, e também com a minha, se não apresentarmos algo concreto antes do final da semana que vem.

Laura mordeu o lábio inferior, como costumava fazer quando se sentia frustrada. Era evidente que Jay tinha razão. Não passaram os últimos meses trabalhando cada dia até tarde no laboratório para que agora o conselho detivesse de repente o projeto.

Sentou-se em um tamborete e apoiou os cotovelos sobre a superfície metálica da mesa de trabalho.

— Mas ainda não conhecemos todos os efeitos secundários.

Jay se inclinou para frente e fechou suas mãos ao redor das dela. Seus olhos se encontraram e as angulosas linhas do rosto dele pareceram suavizar-se por um instante.

— E não conheceremos a menos que me preste a ser nosso porquinho da índia — apertou os dedos de Laura e acariciou sua pele com o polegar. O gesto era inocente, sem dúvida, mas, mesmo assim, intensas pulsações percorreram o corpo dela. O quente calafrio do desejo propagou-se descontrolado até os dedos dos pés. O laboratório, que era pequeno, pareceu fechar-se ainda mais ao seu redor.

Apesar de que o contato com aquele homem provocava uma misteriosa alquimia em sua libido, Laura sabia que ao Jay não encantava as garotas de ciências estudiosas e aplicadas como ela. Durante os últimos três anos tinha visto suficientes jovens o adorando para saber que *mister uma-mulher-diferente-cada-dia* sentia um apetite voraz pelas loiras altas, com aspecto de meninas abandonadas, que ostentavam



atraentes sorrisos que ao final sempre acabavam sendo o mais brilhante que havia nelas. Ela era, em troca, uma mulher inteligente com uma figura miúda e cheia de curvas, o qual era a antítese do protótipo pelo que ele sentia-se atraído.

Sinceramente, acaso os homens eram incapazes de dar-se conta de que as coisas boas sempre estavam nos menores pacotes? Baixou o olhar até se deter justamente uns centímetros abaixo da cintura de Jay. Bom, possivelmente nem todas as coisas.

A calidez do polegar de Jay acariciando distraidamente sua pele devolveu a Laura novamente à realidade. Ficou em pé de um salto e agarrou uma seringa de injeção.

— Bom, pois se estiver preparado, acabemos com isto de uma vez. Sente-se e levante a manga. — enquanto indicava que se sentasse no tamborete junto a ela, preparou o soro.

Introduziu a dose na seringa de injeção pela agulha, eliminou o ar restante e olhou Jay fixamente aos olhos.

— Preparado?

— Adiante, Laura.

Ela abriu o pacote de algodão impregnado de álcool e o esfregou por seus bíceps. Virgem Santa, e que belo bíceps era aquele!

— Mas tome cuidado. Conheço seu estilo espetando — inclinou a cabeça de lado com um gesto carregado de erotismo e Laura perdeu o fio de seus pensamentos. — Tivemos sorte de não ter nenhuma baixa até a data — sua voz desprendia certo tom de brincadeira, que deslizou pelas costas de Laura como se se tratasse de um potente afrodisíaco.

Ignorando o suave comichão que corria por suas veias, dissimulou um sorriso brincalhão, olhou em seus olhos com evidente chateação e levantou a seringa de injeção.

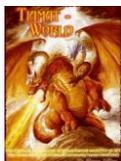
— Sempre há uma primeira vez.

Ele se inclinou sobre ela e abriu a boca para dizer algo, mas Laura ordenou que se calasse com um simples gesto do dedo antes que pudesse replicar com algum de seus engenhosos comentários.

Levantou uma sobrancelha em aviso.

— Porte-se bem ou farei que isto seja um processo doloroso.

Quando chegaria o dia em que todas aquelas brincadeiras e sarcasmos amistosos que compartilhavam deixaria de lhe remover as vísceras? Trabalhar os últimos três anos junto à Jay nem sempre foi fácil. Às vezes, convencia-se que arrancar um molar teria sido menos doloroso que aquilo que compartilhavam. Cada vez que a presenteava com um de seus sorrisos, sensuais e despreocupados, seu corpo pedia aos gritos para unir-se ao dele, o que fazia bastante difícil conseguir um estado mínimo de



concentração. Felizmente, mal passavam tempo juntos fora do laboratório. Semelhante exposição prolongada à Jay Cutler, também conhecido como o Selvagem, queimaria seu corpo mais que uma semana inteira sob um sol abrasador de verão sem levar protetor solar. E alguém deveria ocupar-se de que aquele homem levasse sempre uma etiqueta de advertência sobre a pele.

Deviam, entretanto, fazer ato de presença na sessão mensal em que todos os empregados deviam ir por desejo expresso do diretor, Reginald Smith, quem sempre estava costumava dizer: «Ao nos relacionar fora do trabalho, abrimos as portas para que a felicidade e a harmonia entrem em nossas vidas.» Deus santo! Fique de lado, iluminado.

Depois de injetar a espessa mistura no músculo, Laura cobriu a pequena ferida com um esparadrapo e se sentou de novo em seu tamborete.

— E agora esperar — concentrou-se em seu caderno e começou a anotar a data.

— Esperar o que? — perguntou Jay em voz baixa. Ela levantou o queixo para olhar em seus olhos.

— Para ver, — alongou o som da última palavra e apontou com um gesto da cabeça para entre suas pernas — se o Pequeno Jay acorda ou não.

— *Pequeno Jay?* — em seus lábios se formou um sorriso brincalhão. — Mas muito bem o *não-tão-pequeno-Jay*. E, além disso, não acredita que deveríamos o pôr a prova?

Laura olhou por cima de seu ombro.

— Tem que haver alguma revista por aqui que certamente te será de ajuda com esse pequeno problema — respondeu ela, provocadora.

Jay cruzou os braços, desafiante, com um sorriso aparecendo em seus lábios.

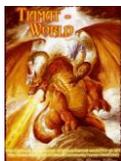
— Não acredito.

— Talvez devesse chamar a alguma de suas numerosas amiguinhas. — Queria aparentar que fosse um comentário profissional, mas acabou soando bastante sarcástico e inclusive fruto de ciúme. Maldição.

Jay se aproximou ainda mais de Laura. O suficiente para lhe paralisar os sentidos com seu hipnótico aroma. Olhou-a fixamente aos olhos com uma intensidade tal que sobre a pele dela dançaram ondas de um prazer puramente sensual.

— Esqueceu que este projeto é Top Secret, Laura? Se o Pequeno Jay, como muito amavelmente o batizou, pendura o cartãozinho de «não incomodar» enquanto estou em plena tarefa, não crê que meu possível encontro poderia suspeitar de algo?

Certo, aparentemente nunca antes sofrera um ataque de impotência, o qual, em realidade, não surpreendia Laura. Emocioná-la? Sim. Surpreendê-la? Não. Lástima que o último cara com o que saiu não pudesse fazer suas essas palavras. Aquela relação acabou sendo uma comédia romântica, só que sem



romance algum. Em toda sua vida só tinha saído a sério com dois meninos e nenhum deles se incomodou de satisfazê-la sexualmente. O tipo de homens que Laura atraía só pareciam se importar com seu próprio prazer e sempre a deixavam em tal estado que tinha que ocupar-se de tudo com suas próprias mãos. Literalmente. Agora se limitava a evitar sair com alguém. Por que preocupar-se com o intermediário quando podia passar diretamente ao êxtase com a ajuda de seu melhor amigo, que funcionava a pilhas?

A perna de Jay se moveu do lugar para roçar na dela. Um imperceptível tremor percorreu o corpo de Laura ao reagir ao contato. Piedade!

Talvez devesse parar para comprar pilhas no caminho de retorno para casa.

Nunca tinha praticado sexo com alguém que não fosse seu casal, mas, se era certo que Jay estava oferecendo seus serviços, talvez fosse hora de reconsiderar sua postura. Porque, a julgar pelo número de mulheres que telefonaram ao laboratório depois de passar a noite com ele, era evidente que não era o tipo de homem que deixava uma mulher sem o que esperava.

Excitada, molhada e satisfeita, sim; a meia tarefa, nunca.

Encolheu os ombros e tratou de concentrar-se.

— É um cara com recursos. Se murchar, invente a primeira desculpa que venha à sua cabeça.

Jay inclinou a cabeça. Seus lábios, quentes e sedosos, detiveram-se apenas a alguns centímetros dos dela. Aquela total falta de consideração por seu espaço lhe pareceu excitante, tanto que começou a tremer nas partes mais secretas de sua anatomia.

—Me ocorre uma ideia melhor — disse ele.

Laura se sentiu intrigada pelo calor que desprendiam daqueles olhos.

—Sério? — Acaso aquela ideia incluía seus corpos nus e um pote de calda de chocolate? Deus sabia que ela sempre estava aberta a possibilidades que incluía chocolate, ou calda, ou a eles dois nus.

—Sim, uma ideia genial. — O cabelo de Jay lhe acariciou brandamente a nuca e Laura sentiu uma onda de delicioso prazer percorrendo o corpo. Com os olhos fixos aos dela, pôs um dedo sobre seu avental branco de laboratório, sempre limpo e engomado — Acredito que deveria tirar isto, ir para casa e tomar um banho quente, longo e relaxante.

Com um movimento tão rápido que Laura mal teve tempo de reagir, Jay lhe tirou a presilha com a que prendia o escuro coque que coroava sua cabeça e seus longos cachos cor castanho cascatearam sobre seus ombros.

Sem deter-se, continuou com a explicação.

— Em seguida quero que ponha a lingerie mais fina que tenha.

Aquilo era brincadeira, não era? Jamais se incomodou em olhá-la duas vezes seguidas. Sequer era



seu tipo.

—Então? — perguntou — Anotou?

O que o fazia pensar que ela estaria desejando vestir seu conjunto mais provocante para a investigação? Para ele?

Certo, em realidade sim desejava. Mas, de nenhuma forma pensava admitir até que ponto. Sacudiu a cabeça para desfazer-se daquele pensamento. Era evidente que estava sofrendo alucinações, provavelmente um dos efeitos secundários derivados de trabalhar com o inibidor. Aquilo tinha que ser uma brincadeira. Um sorriso diabólico se formou no atraente rosto de Jay.

—Se não me excitar, então saberemos sem quaisquer dúvidas que a dose terá funcionado.

Pois parecia que não estava brincando.

Tratando de aparentar que aquelas palavras não tiveram efeito algum nela, Laura levantou o queixo para olhar diretamente em seus olhos.

—E se te excitar?

Um brilho brincalhão dançou nos olhos de seu companheiro de laboratório enquanto passeava o olhar lentamente por todo seu corpo. Quando estendeu uma mão para acariciar sua bochecha com o polegar, um calor tórrido se filtrou através dos poros de sua pele. Laura umedeceu os lábios e tratou de ignorar o ritmo acelerado de seu coração.

O olhar de menino mau de Jay posou sobre sua boca.

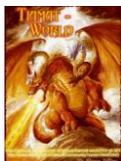
—Carinho, se me excitar, as possibilidades são ilimitadas.

Capítulo 2

Jay meteu uma garrafa de vinho tinto sob o braço e subiu de dois em dois os degraus que levavam ao apartamento de Laura. O dia todo não pensou em nada que não fosse o aspecto que teria o corpo de sua companheira, suas sensuais curvas cobertas unicamente por um jogo de fina lingerie de seda. Sentiu como sua ereção se fazia mais evidente em apenas imaginar. A espera do que estava por vir fez com que sua carne se lubrificasse a cada passo que o aproximava mais e mais de sua porta.

A ideia de vê-la semi desnuda só com fins científicos era uma imbecilidade e ele sabia. Embora, isso sim, tinha que admitir que fazê-lo em nome da ciência outorgava um ponto mais erótico a todo aquele assunto.

Havia algo em Laura Manning que o atraía fisicamente de uma forma em que nenhuma outra



mulher tinha feito jamais. Era uma combinação letal de inteligência, inocência e sensualidade.

Tinha-o totalmente cativado, tanto que o fazia sentir a calidez como se acabasse de tomar um gole de brandy. Gostava, e muito. O suficiente, de fato, para que durante os dois últimos meses sequer tivesse vontade de ficar com outra mulher. Os calos que decoravam suas mãos davam fé disso. O sexo fortuito ao que estava acostumado tinha perdido todo seu interesse desde que a única coisa em que podia pensar era em quanto desejava poder acariciar as curvas daquela mulher, tão suaves e tão sinuosas, tão doces e tão sensuais ao mesmo tempo.

Apesar da atração física que sentia por Laura ser incomoda, não queria desenvolver um vínculo emocional mais profundo com ela. Igual ao seu pai e todos os membros masculinos da família Cutler que o precederam, Jay não estava feito para comprometer-se por uma vida com alguém. Sua mãe se ocupou conscientemente de deixar-lhe bem claro. Nem um único Cutler da geração de seu pai tinha mantido jamais uma relação duradoura. Depois que seu pai os abandonasse, sua mãe começou a referir-se ao clã familiar de seu marido como os «Cutler de frio coração».

Jay sabia que sua mãe o desprezava, certamente porque era a viva imagem de seu pai. Quando pequeno, sempre lhe repetia que, quando crescesse, seguiria os passos dos Cutler. As únicas pessoas que tiveram fé nele e acreditaram que quando maior seria um homem honrado e respeitável foram seu amigo da infância Diño Moretti e seus pais, Tony e Isabella. Passava mais tempo no restaurante italiano que administravam que em sua própria casa. Graças a eles pode ter ideia de como viviam e amavam outros.

Jay sempre tratava com respeito às mulheres com as quais saía, mas, como nunca sentia nada especial por elas, tinha dado por certo que sua mãe estivesse correta e que não era mais que a lasca despreendida do velho pau, outro Cutler que pensava com o membro e que era incapaz de sentir um amor profundo e verdadeiro.

Enquanto se aproximava da porta do apartamento de Laura, seus pensamentos se centraram de novo na mulher sensual que esperava sua chegada. Deus, quanto desejava sentir o tato de sua pele contra a sua. A forma em que se movia, com uma sensualidade claramente involuntária, e o suave aroma de framboesa que alvoroçava seus hormônios o mantinha permanentemente a beira do precipício. Morria por averiguar se o sabor de sua pele era tão doce como prometia.

Trabalhar cada dia até tarde com Laura ao lado acabara sendo um exercício de frustração. No laboratório era conhecida como a Princesa de Gelo, a mulher que só queria levar a cabo investigações sobre sexo dentro do laboratório e nunca fora. Nunca lhe deu nem o mais remoto sinal que se interessasse em manter uma relação com ele, fosse física ou de outra natureza distinta. Ele sempre tinha respeitado e se esforçava em manter as mãos quietinhas. Até agora. Até que a oportunidade de levar



aquela relação ao seguinte nível de intimidade se apresentou por si só.

Deus! Se entrasse pela porta e descobrisse que vestia renda branca, teria que reunir todas as forças que ficassem para não obrigá-la a dobrar-se sobre si mesma e tomar imediatamente seu sensual corpo.

Tirou a camiseta da cintura das calças para cobrir com ela o vulto, cada vez mais marcado, que se formou em seu jeans. Caramba levava meses navegando a meio mastro. Se não domesticava logo à sucuri enfurecida que se escondia entre suas pernas, acabaria arrebatando uma artéria, para não mencionar todas as provetas que esteve a ponto de derrubar enquanto trabalhava no laboratório. Estava tão dura como um torpedo e era capaz de acabar com algo que se encontrasse em seu caminho.

Era evidente que a dose ainda não tinha começado a fazer efeito. Não que quisesse que não funcionasse, é óbvio que não. Suas futuras carreiras no Centro de Investigação de Iowa dependiam disso. Para não mencionar o fato de que queriam aperfeiçoar o inibidor Top secret antes que os de AdTech, seus rivais, conseguissem levar seu projeto a bom termo. Só queria conter os resultados durante umas horas para poder assim persuadir Laura para que concordasse em satisfazer suas necessidades, seus desejos mais secretos. Desejos que Jay suspeitava que existisse, mas que Laura negava continuamente.

Aquela noite tinha uma missão. O plano era levar a investigação além das portas do laboratório, dentro das do dormitório. O objetivo era converter à Princesa de Gelo em um atoleiro de chocolate fundido.

Laura sentia um intenso comichão por todo o corpo, fruto sem dúvida dos nervos, enquanto percorria ansiosa no pequeno apartamento, esperando a chegada de Jay. Quase conseguiu abrir um buraco no tapete e nas meias brancas com cinta liga que comprou para a ocasião.

Respirou profundamente e afastou o cabelo do rosto. Tinha as palmas tão molhadas que umedeceu os cachos com elas. Limpou as mãos no roupão que vestira e deixou que o grosso algodão absorvesse a umidade.

Deus santo, no que estaria pensando quando aceitou algo como aquilo? O diretor os poria de joelhos na rua se descobrisse que estiveram provando o soro neles mesmos, sobretudo, porque ainda não tinham alcançado resultados positivos com os ratos de laboratório, que representavam a primeira fase no processo de análise. Era evidente que seu cérebro tinha deixado de funcionar e que o triângulo empapado em que se uniam suas pernas estava agora no comando de tudo.

Para ser honesta, Laura era uma mulher tranquila e acostumada a acatar as regras, orientada para sua carreira profissional e criada em uma família de classe média. Jamais aceitava riscos desnecessários e nunca antes tinha feito algo tão desatinado.



Tão sujo.

Tão deliciosamente escandaloso.

Olhou o relógio pela milionésima vez e logo avançou até a janela. Afastou as finas cortinas e escaneou os arredores do edifício. Vamos, no céu, o brilho prateado das estrelas salpicava o escuro tecido aveludado. A lua cheia irrompeu através do dossel de folhas de carvalho que cobria a entrada e iluminou o caminho que conduzia até a porta principal do edifício. Reatou seus passos, avançou até a porta e olhou através do olho mágico.

Deteve-se um instante para considerar aquela situação em que havia se metido. Em uns minutos, o homem pelo qual estava secretamente interessada estaria em sua casa, esperando vê-la vestindo sua lingerie mais sensual.

Que possibilidade havia de sentir o tato de seus lábios acariciando os seus ou aqueles habilidosos dedos percorrendo sua cálida pele nua? Nenhuma, sobretudo considerando o fato de que lhe administrara um inibidor da libido apenas umas horas antes.

Conteve-se para não se golpear na testa. *Assim é que se faz, Laura. É realmente brilhante. Essa engenhosa manobra tem as palavras «Premio» e «Nobel» escritas por toda parte.*

Mas o que ocorreria se finalmente Jay se excitasse?

«As possibilidades são ilimitadas.»

Aquelas quatro palavras levavam todo o dia ressonando em sua cabeça. Deu a si mesma um instante, breve, mas mesmo assim intenso, para imaginar como seria ter seu corpo nu sobre ela; sua boca descrevendo um caminho sinuoso em sua carne tremente até chegar ao abismo úmido que se abria entre suas pernas; o suave fio de sua língua abrindo as dobras de seu sexo como se tratasse de uma flor, só para poder saborear o suave orvalho de sua excitação; seus lábios fechando-se ao redor dela, embriagando-a com sua calidez, reclamando-a só para ele.

De repente, sua pele tomou vida própria, enquanto uma onda de desejo percorria seu corpo de cima abaixo. Afastou sua mente, afundada na espessa neblina de paixão, daqueles deliciosos roteiros pelos quais entrou e refez seus próprios passos até o batente da janela.

Em realidade, se pensasse nisso, em semelhante situação só podia fazer duas coisas: ganhar ou ganhar. Se Jay não se excitasse, significaria que finalmente asseguraram os recursos necessários para continuar com a pesquisa e, ao mesmo tempo, teriam deixado seu pequeno entalhe no mundo da ciência. E, se ele se excitasse... Um suave tremor sacudiu seu corpo. Se ele se excitasse, então talvez pudesse apagar o fogo que ardia entre suas pernas.

Qual das duas possibilidades gostava mais?



Estendeu a mão para afastar a cortina a um lado, mas seus dedos ficaram congelados no ar quando um suave golpe na porta chamou sua atenção. Deu a volta e respirou profundamente, enquanto sentia o inconfundível batimento de seu coração na garganta.

Deus! Parecia uma massa de nervos. Nem todos os dias seu trabalho exigia ter que tentar ao menino com o que fantasiava em meses, um tipo que estava totalmente fora de seu alcance.

Ajustou o roupão ao redor da cintura e avançou lentamente em direção à porta. Deslizou uma mão ao redor do trinco, girou-o muito devagar e observou ao homem que esperava tranquilamente sobre a soleira da porta.

Tomou uns instantes para repassá-lo de cima abaixo. Os esculpídos músculos de seu peito preenchiam o tecido da camiseta até esticá-la, enquanto que seus largos ombros se estreitavam até formar uma cintura bem definida e uns abdominais firmes e bem marcados. Com um corpo simétrico e quase perfeito, Jay estava desenhado para satisfazer até a mais insaciável das mulheres.

Vestido com jeans que se ajustava a seu físico em todos os pontos mais politicamente incorretos, aquele menino mau levava a palavra «problema» escrita na frente.

Apresentou-se com um sorriso sensual nos lábios.

—Olá — lhe disse, enquanto entregava uma garrafa de vinho.

—Olá — Laura retrocedeu um passo, deixou o vinho sobre uma mesinha junto à porta, saudou-o com um gesto da mão e fez gestos para que entrasse — Entre.

Jay entrou no apartamento sem afastar um segundo os olhos dela. Laura ouviu o som metálico do ferrolho da porta voltando para sua posição inicial e não pôde evitar que um calafrio percorresse suas costas.

Maldita seja. Aquele homem era tão bonito, tão perfeito... Algo diferente, uma emoção mais profunda, retorceu-se dentro dela. Umedeceu os lábios e a afastou para um lado. Não pensava apaixonar-se por ele por mais que a beijasse, tocasse ou lhe fizesse docemente amor durante toda a noite. Era muito inteligente para encher a cabeça com ideias preconcebidas sobre o amor. Um fim de semana de ofertas em qualquer centro comercial podia durar mais que todas as relações que teve até a data.

O brilho nos olhos de Jay, parecido ao de um predador a ponto de saltar sobre sua presa, fez que seu pulso acelerasse ainda mais. Partes de seu corpo, as mais interessantes, começaram a desprender uma calidez agradável e familiar. Abanou o rosto com a mão e logo abriu as lapelas do roupão para refrescar-se, de forma que descobriu a delicada renda da regata que se escondia debaixo. Acaso alguém ligara a calefação?

Adotando uma expressão o mais profissional possível, Laura deixou a um lado seus desejos mais



íntimos e perguntou:

—Como se sente? Algum efeito secundário?

Ele se limitou a encolher os ombros, enquanto seus olhos deslizavam para baixo para observar detalhadamente a forma em que o peito de Laura se agitava.

Jay clareou a garganta e afastou para um lado as visões que naquele momento monopolizavam seus pensamentos.

— Até agora, tudo bem. Continuo tendo cabelo na cabeça e ainda não comecei a babar. —Percorreu com o olhar o corpo de Laura — Ao menos não até este momento — acrescentou, com um sorriso brincalhão no rosto.

Ela baixou a vista até sua virilha. Unicamente com fins científicos, assegurou-se a si mesma.

— Passa algo aí por baixo? Jay sorriu.

—Alguns pequenos movimentos involuntários. Nada que não seja perfeitamente normal — seus olhos brilharam, e neles havia malícia e algo mais. Confiaria em seus instintos, parecia o brilho próprio da promessa de algo — Saberemos mais quando pusermos a prova.

Laura estremeceu com uma mescla de emoção e nervosismo, enquanto não deixava de brincar com o cinto do roupão. Não queria parecer muito impaciente ou ansiosa por começar as provas com o Pequeno Jay, mas o olhar prometedor nos olhos de seu dono não fazia mais que incitá-la a que desse rédea solta à ação. Renovada a concentração, Laura se cobriu de um ar de profissionalismo e tratou por todos os meios ignorar o trêmulo calor que se estendia lentamente por seu corpo.

—Talvez devêssemos ir começando. Não sabemos quanto tempo vai levar isto — propôs, quase em voz baixa.

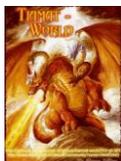
Jay deu um passo à frente enquanto inclinava a cabeça, e os poderosos músculos de sua anatomia se esticaram com o movimento. Seu aroma, intenso e masculino, intoxicou os sentidos de Laura e os pôs em alerta.

— Sim, talvez devêssemos começar.

Laura respirou profundamente, tratando de reunir todas suas forças, e abriu o roupão uns centímetros, de forma que revelou uma camisola de seda branca, umas meias rematadas em renda e uma cinta liga combinando.

Um som de aprovação, rico e decadente, escapou das profundezas da garganta de Jay. O corpo de Laura tremeu em resposta. Observou como a luxúria obscurecia o olhar de seu até então companheiro de laboratório, e como seus olhos acariciavam-lhe a pele.

Luxúria! Nos olhos do Jay! Olhando a ela!



Santo Deus!

Seus mamilos reagiram inchando perante aquelas pupilas que a devoravam. Sentiu como suas bochechas se ruborizavam sob os efeitos do calor e do desejo.

Os dedos de Jay se cravaram em seu quadril e logo a puxaram com força para atraí-la para ele. Seus seios se chocaram contra o sólido muro de músculos de seu peito e Laura sentiu que a febre se apoderava dela.

A voz de Jay adquiriu uma tonalidade rouca e sensual.

—Como o soube? — Seus olhos refletiam cada uma de suas emoções, cada um de seus desejos.

—Soube o que? — perguntou Laura.

Com uma suavidade extrema, ele riscou com as mãos as generosas curvas da jovem.

—Que meu preferido é a renda branca. — O profundo timbre de sua voz a cobriu como se fosse cera quente.

Clareou a garganta e tomou ar para tratar de acalmar-se.

— Uma vez li que a renda branca é capaz de fazer que qualquer homem levante as sobrancelhas assombrado.

A turbulência que refletiam os olhos do homem que tinha frente a ela fez com que sua pele se umedecesse e se esticasse cada vez mais. Jay afundou os dedos em seu cabelo e atraiu a boca de Laura para a sua.

—Bom, sim, embora o que queremos levantar aqui não fica precisamente perto das sobrancelhas.

Laura teve que lutar contra o impulso de gritar a pleno pulmão «Aleluia!».

Jay observou o erótico balanço do sinuoso traseiro de Laura enquanto se dirigia à cozinha para servir duas taças de vinho. Sua longa juba frisada se precipitava como uma cascata sobre suas costas e se agitava com cada um de seus sensuais movimentos. Sorriu. Gostava de vê-la com o cabelo solto.

Ficou ali plantado, seguindo-a com o olhar até que desapareceu depois de uma curva da sala. Permaneceu imóvel, incapaz de formar nem um só pensamento coerente, enquanto uma fragrância exótica, sem dúvida o perfume inconfundível da Laura, impregnava o ambiente. Bom, imóvel por completo, não. Havia uma parte dele que parecia ter vida própria.

Ajustou os jeans, tratando de aliviar o desconforto que sentia. Deus! Deveria ter se dedicado uns minutos antes de sair de casa a aliviar aquela tensão sexual que o estava voltando louco. Uma espiada mais do sinuoso corpo da Princesa de Gelo coberto de renda branca e acabaria apagando-se mais rapidamente que uma fonte de foguetes. Mas tinha saído de casa com muita pressa para ter em consideração tais inconvenientes.



Um rio de lava, lento, mas implacável, percorreu suas veias até desembocar entre suas pernas. Nunca antes tinha reagido dessa forma ante uma mulher. Não conseguia entender. Tudo nela o excitava, desde seus felinos olhos verdes até sua pele imaculada e sua voz profunda e sedosa.

Em realidade, dava-lhe igual o que tivesse posto. Não lhe importava se vestia o tosco e disforme avental de laboratório ou umas calças e uma camiseta folgados. De qualquer maneira sempre estava incrivelmente sensual. Mas agora, depois de espionar seu corpo coberto de lingerie cor branca, a necessidade de perder-se nela tinha adquirido tal intensidade que quase era dolorosa. Tinha necessitado de todo seu autocontrole para não agarrá-la, obrigá-la a que se dobrasse sobre si mesma e tomá-la ali mesmo. Sabia que era muito cedo para perder o controle daquela maneira. Queria fazê-lo pouco a pouco, preparar seu corpo como se fosse um banquete e ele o comensal disposto a devorar cada delicioso centímetro de sua carne cálida e nua.

Ignorando o desconforto físico que sentia, entrou no amplo apartamento. Era quente, acolhedor e confortável. A suave luz de um abajur banhava o sofá e outorgava ao ambiente um brilho dourado carregado de sensualidade. Jay sorriu. Aquele seria o lugar escolhido, justo ali, estendidos sobre as suaves almofadas.

Junto à janela aberta se consumia uma vela com aroma de framboesa. Sua trêmula luz desenhava sombras sobre as paredes cor canela e a suave fragrância que emanava dela impregnava o ambiente.

Framboesa. Sua fruta do bosque favorita.

—Mmm... — ronronou com voz grave.

Encontrou o aparelho estéreo e pôs um pouco de música suave para amenizar ao encontro de amigos, do estilo que criava o ambiente perfeito para a sedução.

Escutou a voz da Laura a suas costas. Quando se voltou, seu cérebro se deteve em seco. Meu Deus! Era consciente do sexy que ficava quando mordida o lábio inferior daquela maneira? Inspirou profundamente e as aletas de seu nariz se dilataram.

Ali estava, frente a ele, segurando duas taças de vinho e com um suave rubor rosado no pescoço, erótico e incitante ao mesmo tempo.

Com um gesto do dedo, Jay a convidou a que se aproximasse.

—Venha aqui, Laura. — Sua voz era suave, persuasiva.

Ela avançou três passos perfeitamente calculados e lhe entregou uma das taças de vinho. Jay bebeu com avidez, deixou-a sobre uma mesinha e se aproximou dela até que seus corpos estiveram a tão somente um suspiro de distância um do outro. Inspirou seu aroma, tão incrivelmente delicioso. Olhou-a nos olhos, aqueles olhos que eram uma tentação, e com a expressão de seu rosto lhe assegurou que o que



estava a ponto de acontecer ia ser muito bom. Para os dois.

Aproximou uma mão ao rosto de Laura e riscou com os dedos a delicada curva de sua mandíbula, enquanto com o polegar acariciava o lábio inferior. Era suave e macio como a seda. Logo desceu lentamente até roçar o pescoço. Sentiu os erráticos batimentos de seu coração contra a pele da mão. Imaginou a si mesmo acariciando-a só com os lábios e a visão fez que seu corpo esticasse durante um instante, antecipando o que estava a ponto de acontecer.

Seguiu descendo. De repente Laura tomou ar, sobressaltada, ao sentir a ponta de seus dedos sobre os pálidos montículos de seus peitos. Trocou o peso de uma perna à outra e seu quadril roçou o dele.

Jay conteve um gemido e abriu lentamente o grosso objeto de algodão até que pôde ver a delicada camisola coberta de renda.

—Gosto muito de sua camisola.

—Obrigada.

—Agora tire isso.

Capítulo 3

“Tire isso”

Um calafrio percorreu seu corpo e, de repente, foi totalmente consciente de quão molhadas estavam suas calcinhas. Necessitou uns segundos para recuperar o fôlego e responder ao desafio do Jay.

—Direi o que vamos fazer. Ficarei nua se você também o fizer. Os dois estamos juntos neste projeto, assim, acredito que é o mais justo, não te parece? Além disso, terei que ver o Pequeno Jay se é que quero observar suas reações.

Os músculos da mandíbula de Jay esticaram e as aletas de seu nariz dilataram. Agarrou a taça da Laura dentre seus dedos e a deixou sobre a mesinha, junto a sua. Logo a rodeou pela cintura com seus fortes braços, descansou as mãos, grandes e cálidas, sobre a pele de suas costas e aproximou os lábios a sua orelha. Seu doce fôlego lhe roçou brandamente a nuca como se fosse a carícia de um amante. Uma calidez lânguida se estendeu muito devagar pelo corpo de Laura e provocou o mais delicioso dos prazeres.

— Sabia Laura. Sabia que sob o avental de laboratório se escondia uma rebelde — murmurou-lhe ao ouvido com voz sedutora.

Ela encolheu de ombros e ignorou aquele comentário. Sabia que no trabalho todos a conheciam como a Princesa de Gelo. Mal sabiam eles que em seu interior ardia um fogo mais intenso que o de seu



queimador Bunsen. Só necessitava ao homem adequado para que contribuísse com a primeira faísca.

Jay segurou as lapelas do robe com as mãos e acariciou o tecido. Logo a atraiu de novo entre seus braços, enquanto de sua garganta brotava um suave gemido de satisfação.

De repente, Laura sentiu que sua pele tinha tomado vida própria e teve que esforçar-se para poder recuperar a voz.

— Registrou?

—O que te parece se levamos este jogo um passo mais adiante? — Colocou uma mão no bolso do jeans e tirou uma moeda. Em seguida levantou o olhar de novo e sorriu, fazendo aquela careta tão sensual que sempre conseguia com que Laura perdesse o norte.

Inclinou a cabeça, claramente interessada naquela nova proposição.

—Me esclareça.

—O que acha de jogarmos a sorte? Quem ganhar manda. Um pouco como o strip pôquer, mas com uma moeda.

Ela passou a língua pelo lábio inferior. Aquele era um movimento que não teve em conta. Pelo visto o apelidavam o Selvagem por algo.

—E quais são as regras deste jogo?

—Vamos alternando. Você atira a moeda, eu escolho cara ou coroa, e vice-versa. Depois de cada rodada, quem perder terá que fazer o que o outro ordenar — Deixou a moeda sobre a palma da mão de Laura — Joga?

Deu a volta à moeda e logo olhou fixamente aos olhos com uma sobrancelha levantada.

—E este jogo nos servirá para analisar os resultados do soro? Puramente com fins científicos? — Embora, a finalidade final era vê-lo nu.

—É obvio.

—Bom, pois se esse é nosso objetivo, claro que jogo. — Soprou sobre a superfície chapeada da moeda para atrair a sorte e logo a lançou ao ar. Apanhou-a no ar e a apertou contra o reverso da mão — Cara ou coroa?

—Mmm... Cara ou coroa, cara ou coroa... Gosto de cara — passou a mão pelo rosto como se estivesse concentrado em seus pensamentos. — A cara sempre amplia o leque de possibilidades, não sei se me entende — acrescentou, enquanto piscava um olho com malícia.

Laura fechou as pernas com toda a força que foi capaz de reunir. Sim, claro, é obvio que sabia a que se referia.

—Mas também tem a coroa que, claro, sempre me funciona muito bem — Ele passou a língua pelos



lábios e ela se perguntou se seria consciente do poder que exercia seu encanto natural.

Sua respiração ia acelerando por momentos. Deus! Adorava seu senso de humor e aquele lado tão brincalhão que lhe mostrava só de vez em quando.

— Se decida Jay. - Ele sorriu.

— Coroa.

Laura levantou a mão da moeda e suspirou contrariada. Parecia que os deuses da sorte não estavam com ela naquela noite. E provavelmente era porque estava jogando com o diabo em pessoa.

—Você ganha.

Jay esfregou as mãos e deixou que seu olhar percorresse lentamente o corpo de sua companheira. Sua voz se voltou suave, quase como um sussurro.

—Tire o robe.

Retrocedeu até a parede do salão e, uma vez ali, começou a tirar rapidamente o enorme robe com o que cobria seu corpo.

De repente ele a deteve com um gesto negativo da cabeça. Olhou-o com o cenho franzido, sem entender aquela negativa.

—Faça-o lentamente. — Avançou até a música e subiu o volume — Sente a música, Laura. Deixe que te guie.

A luz da vela recortava as formas do corpo alto e musculoso de Jay. Ela inclinou a cabeça e olhou aos olhos. Seu coração palpitava com mais força por momentos. Era tão incrivelmente bonito...

Bloqueou sua mente ante a corrente repentina de emoções que tomou conta dela. Tomou ar, fechou os olhos e se deixou levar pela música. Em seguida sentiu como seu quadril se contorcia lentamente ao ritmo da canção.

Ouviu os passos de Jay aproximando-se até que soube que estava de pé frente a ela. Então abriu os olhos e olhou. Com seus olhos seguia cada um dos movimentos que ela fazia.

Laura desatou o cinto do roupão e o abriu um pouco mais até deixar descoberto as curvas de seus peitos. Logo deixou que o objeto se deslizasse graciosamente por seu corpo até formar a seus pés um pequeno atoleiro de algodão.

Sua suave textura a acariciou com tanta intensidade que a arrepiou.

A brisa que penetrava pela janela aberta lhe beijava a pele. Estremeceu de prazer, embora estivesse segura de que aquele estremecimento tinha mais a ver com o fato de ter a um homem diante, observando-a enquanto se despia, que com a fria brisa da noite.

A expressão do rosto de Jay se suavizou.



—Tem frio? — A ternura de sua voz a surpreendeu e fez seu coração dar um tombo. Olhou aos olhos e viu neles uma preocupação que lhe pareceu sincera. Aquela era outra de suas qualidades, uma a mais da longa lista que Laura tinha redigido em sua cabeça e que fazia com que se sentisse irremediavelmente atraída por ele. Nas noites em que trabalharam até tarde no laboratório conheceu um lado dele que era tranquilo e reflexivo, atento e entregue. Um lado de sua personalidade que não só a atraía fisicamente, mas também de uma forma mais emocional.

Passou a língua pelos lábios.

— Um pouco.

Jay cruzou a sala para fechar a janela e logo refez seus passos para deter-se de novo frente a ela e acariciar sua bochecha com o reverso dos dedos.

— Melhor agora? — A ternura de sua voz fez desaparecer o frio do corpo de Laura. De repente sentiu uma calidez intensa, tanto dentro dela como percorrendo toda sua pele.

Finalmente, assentiu.

— Sim, obrigada. — A doçura de sua voz, a amabilidade que desprendia seu olhar e aquele contato tão íntimo sobre a pele a comoveu profundamente e a encheu de calidez e de um desejo desconhecido para ela.

Jay lhe ofereceu uma mão com a palma para cima e se aproximou até mais a ela.

— Toca-me — Era tão pouco o espaço que os separava que seu fôlego quente acariciou seu rosto. Laura lhe entregou a moeda e se rodeou com os braços, tratando de ignorar o amontoado de emoções que tomaram conta dela.

Jay lançou a moeda ao ar, apanhou-a na outra mão e, não sem antes espiar o resultado, perguntou:

— O que escolhe? — A vibração de sua voz, tão masculina, fez Laura estremecer.

— Coroa — respondeu ela em um sussurro.

Jay levantou a mão que cobria a moeda e mostrou o resultado.

— Parece que hoje é seu dia de sorte.

Ela agitou os dedos em direção a seu peito.

— Tire a camiseta.

Com um rápido movimento, Jay tirou o objeto pela cabeça e atirou a um lado. Laura ficou ali de pé, aniquilada, mal podendo reagir ante o que estava vendo. Era tão masculino, tão viril...

Devolveu a moeda.

— Sabe o que, Laura? Assim que te deixar nua, penso fazer o que me agrada contigo. — Sua voz



também parecia possuída pelo desejo.

Ela ficou sem palavras, enquanto sua temperatura interna não deixava de subir.

Falava a sério? Estava Jay Cutler, aliás, o Selvagem, interessado nela? Em fazer o que quisesse com ela, para ser exata? Tinham deixado de jogar pelo bem da ciência?

Tinha morrido e subido ao céu?

Tentou que sua voz não soasse tão tremente.

— Primeiro terá que ganhar algumas vezes mais.

Jay esticou uma mão para afastar o cabelo de Laura de seu rosto e a tensão sexual que flutuava no ambiente se fez mais e mais intensa. Deus! Adorava que a tocasse com tanta familiaridade.

— Não tem nenhuma objeção? — perguntou Jay. Laura lhe mostrou a moeda.

— Um trato é um trato. Não tenho escolha. — respondeu depois de se desfazer do nó que aprisionava a garganta. Tampouco queria poder escolher. Sentia-se intrigada e excitada ao mesmo tempo pelas possibilidades que aquele jogo oferecia. Além disso, se Jay realmente fizesse com ela o que quisesse, tal e como prometeu, seria como ganhar na loteria. A quem estava enganando? Ganhar na loteria não seria nada em comparação.

Lançou a moeda e ganhou a aposta. Assinalando os jeans de Jay, ordenou:

— Tire-o.

Ele obedeceu com diligência e entusiasmo, tanto que esteve a ponto de arrancar as pernas.

Laura observou então a cueca que se escondia debaixo e sua respiração ficou mais agitada ao ver o enorme vulto que apontava da fina malha de algodão.

Seu corpo tremeu encantado perante semelhante visão, e seus lábios se abriram ligeiramente sem que ela se desse conta.

— Muito bonitos... — As palavras saíram de sua boca antes que tivesse tempo de censurá-las.

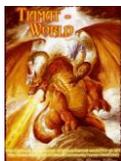
— Laura?

Muito penosamente, ela levantou a vista para o olhar aos olhos.

— Sim? — perguntou ensimesmada, enquanto seu cérebro se negava a centrar-se em outra coisa que não fosse o ponto que ocupava um lugar privilegiado de sua anatomia, bastante ao sul. E pensar que uma fina capa de algodão separava sua boca daquela proeminência... Piedade! De onde tinha saído semelhante idéia?

— Me toque. — Como se houvesse lido cada um de seus pecaminosos pensamentos, Jay sorriu e se inclinou sobre ela, prendendo seu corpo entre seu peito musculoso e a parede.

Agarrou a moeda de sua mão e a lançou ao ar. Laura fez sua aposta e perdeu.



— Eu ganho — mofou Jay. Lentamente floresceu em seus lábios um sorriso pícaro, de menino mau, e ela sentiu como imediatamente seu pulso se acelerava de novo. — Estou certo de que sabe querida Laura, que não preciso te ter totalmente nua para fazer contigo o que quiser. As regras dizem que tem que fazer o que te ordene. E isso pode não se ater unicamente a tirar a roupa. — Baixou o olhar até seus peitos e o contato de seus olhos foi como uma tosca carícia.

Laura tremia quase com violência, mas não era medo o que sentia, mas sim um claro sentimento de antecipação.

— O que quer que faça?

Ele limpou a garganta antes de falar.

— Ver uma mulher dançar é algo que sempre me excita. Acredita que poderia fazê-lo para mim? — Ela percebeu claramente como seus olhos se obscureciam.

Passou a língua pela boca, que de repente parecia ter ficado totalmente seca, e começou a mover-se seguindo o ritmo da música. Fez silêncio a seu redor enquanto deslizava as mãos pelos lados até descansá-las finalmente na cintura. Os olhos de Jay pousaram primeiro em sua boca e logo nos peitos, para acabar detendo-se no suave montículo que se elevava entre suas coxas.

Deslizou um joelho entre as pernas dela e a obrigou a abri-las. Aquele contato tão tosco, tão invasivo, acendeu seu sangue.

— Abra as pernas para mim. — Sua voz era hipnótica e tinha um efeito quase mágico sobre suas terminações nervosas.

De repente, sentiu como os lábios de seu sexo se separavam apenas uns milímetros. Uma sensação cálida e úmida bulia em seu ventre e entre suas pernas e a enchia de um desejo quase doloroso. Respirou profundamente e sentiu como sua pele esticava-se cada vez mais.

A combinação da suave luz, a vela com aroma de framboesa, o aroma masculino e viril do homem frente a ela e a cadência sedutora da música fizeram estragos em seus sentidos. Foi consciente por momentos de até que ponto estava excitada, de quanto precisava sentir o contato de sua pele.

Abriu as pernas um pouco mais e ele respondeu com um grunhido de aprovação. Seu corpo tremia de desejo.

Agarrou a moeda da mão de Jay e a lançou de novo.

— Cara — disse ele com uma voz tão rouca que era como escutar o rangido da folhagem. Deu a volta nela, sem nem sequer olhá-la, mostrou o resultado—. Eu ganho, Laura.

— Suponho que isso significa que perco. — Perder. Ganhar. A linha entre uma possibilidade e outra era muito fina.



— Se toque.

— O que?

As aletas do nariz de Jay se dilataram.

— Quero que se toque.

Laura levou os dedos até o pescoço e começou a acariciar-se brandamente.

— Mais abaixo — ordenou ele, sua voz era apenas um áspero sussurro.

Uma mão desceu distraidamente por seu corpo, cada vez mais abaixo, até que finalmente se perdeu no abismo que se escondia entre suas pernas. A outra, enquanto isso se entregou a encher os peitos de carícias, até que o desejo se estendeu por seu corpo como um incêndio fora de controle.

Os olhos de Jay a percorreram como se a abraçassem, fazendo-a esquecer que o objetivo daquele jogo era puramente científico. Uma deliciosa sensação de calor cobriu a pele de Laura enquanto observava como ele seguia cada um de seus movimentos. Sob a intensidade daquela carícia visual, seus mamilos ficaram duros como duas pérolas rosadas.

Então Jay voltou a centrar sua atenção em seu rosto.

— Quero que brinque com seus peitos. — Sua voz era um leve murmúrio, grave e rouca.

Laura sentia o batimento de seu coração no pescoço cada vez com mais força. Deteve-se um instante, em dúvida, sem saber muito bem o que fazer. Nunca antes havia se tocado daquela maneira diante de outra pessoa.

— Ponha as mãos sobre seu corpo, Laura — sussurrou Jay — E se toque — Era uma ordem, não um pedido.

Todas suas dúvidas desapareceram quando ele começou a incitá-la com aquela voz que cada vez parecia mais rouca. Um gemido escapou de sua garganta, fruto do desejo descontrolado que a consumia. Nunca antes se comportou com tanto descaramento, mas Jay tinha esse efeito sobre ela, convertia-a em uma mulher atrevida. Arqueou as costas, deslizou a mão por debaixo da regata e beliscou os mamilos tal e como tinha sido ordenado.

Aquilo intensificou ainda mais sua ânsia de sexo. Já não lhe bastava que fossem suas próprias mãos as que brincassem com seus peitos. Queria que as mãos de Jay percorressem suas suaves curvas, explorassem as formas de seu corpo e extinguissem as brasas que ameaçavam incendiar tudo e a queimar fora de controle.

Laura umedeceu os lábios e tratou de manter o ritmo de sua respiração, ignorando os descontrolados pulsados do coração.

— Toca-me — disse Jay, enquanto lançava a moeda ao ar.



Laura queria ganhar aquela rodada a todo custo para poder lhe ordenar que a tocasse e sentir a calidez de seus lábios na boca, nos peitos, entre as pernas.

— Cara — murmurou baixinho, enquanto o aroma de sua própria excitação se apoderava de seus sentidos.

Jay ganhou de novo a aposta.

— Enfie as mãos na tanga. — A cadência profunda de sua voz reverberou por toda sua corrente sanguínea.

Ébria de desejo, Laura fez o que ordenava. Necessitava-o, precisava acariciar a si mesma, liberar a pressão que cada vez era mais intensa entre suas pernas, antes que seu corpo se convertesse em uma bola de fogo.

Percorreu as curvas de seu corpo com as mãos até que finalmente seus dedos deram com a cintura de sua tanguinha. Enrolou a fina banda elástica ao redor de um de seus dedos e puxou-a, deixando descoberto os cachos que cobriam seu sexo. Com um gemido profundo e sensual, deslizou os dedos sob o fino tecido. O som da respiração entrecortada de Jay se mesclou com seus roucos suspiros. Acariciou a suave pele do clitóris até liberá-lo de seu doce cárcere rosado.

Para trás ficava perseguir o bem da ciência. Agora o que queria era conseguir um orgasmo.

Descreveu espirais infinitas sobre a seda líquida que era seu sexo. Podia sentir a pressão, mais intensa por momentos, mais próxima, logo ao limite. Olhou ao Jay com uma súplica no olhar, implorando que a ajudasse a acabar com a inquietação que formava redemoinhos entre suas coxas. Desejava-o com tal intensidade, de tantas formas distintas, que mal podia respirar.

A voz de Jay, quebrada pela paixão, interrompeu seus pensamentos.

—Se toque — Sua respiração era também entrecortada e em sua testa brilhavam pérolas de suor. Laura soube com certeza que estava lutando para não perder o controle.

Desejava tanto sentir suas mãos sobre ela que mal tinha força suficiente para obedecer. Finalmente, retirou a mão do interior da tanga e se dispôs a pegar a moeda.

— Escolho coroa — disse ele enquanto a entregava.

Mas Laura tinha a mão tão molhada que escapou de entre seus dedos.

— Merda, onde caiu? — perguntou Jay.

— Debaixo do sofá. — Laura se agachou para poder procurá-la. Apoiou os joelhos no chão e se inclinou para frente. Aquela posição deixou seu traseiro descoberto ante uma audiência entregue de unicamente um espectador.

Um grunhido de satisfação emergiu da garganta de Jay.



— Santo Deus, Laura. O que está me fazendo?

— É coroa — respondeu ela, enquanto saía debaixo do sofá.

—Então ganho — acrescentou ele. Sua voz, profunda e sensual, caiu sobre ela como uma neblina espessa e fez que seu corpo estremecesse como sacudido por um terremoto.

Jay pôs uma mão sobre suas costas.

— Fique aí, Laura. Quero que fique de joelhos e que rebole.

Ela fez o que lhe ordenava. Balançou-se a frente e atrás e em seguida sentiu uma baforada de fogo que a rasgava por dentro com tal intensidade que teve que morder o lábio para reprimir um gemido de prazer. Era evidente que Jay sabia muito bem o que fazia. Com aquele movimento lhe estimulava o clitóris e levava suas paixões ainda mais nas alturas. Se aquilo era perder, não queria ganhar nunca mais.

Continuou rebolando sobre o chão até que sentiu um desejo abrasador em seu interior. Estava nervosa, impaciente por sentir o tato de sua pele, por receber o alívio que tanto ansiava. A moeda lhe escorreu de entre os dedos pela segunda vez e rodou até perder-se fora de seu alcance.

— Jay?

— Sim?

— Perdi a moeda. — Ele caiu de joelhos.

— Já não a necessitamos.

— Não? — OH Deus, aquilo só podia significar que o soro finalmente tinha feito efeito. Laura olhou por cima do ombro, tratando de comprovar com seus próprios olhos o que tinha ocorrido a seu pênis.

— O que está fazendo, preciosa? — Sua voz profunda e masculina lhe acariciou brandamente a pele, renovando o desejo.

Tentou manter um tom de voz constante e pausado, mas logo se deu conta de que seus esforços eram inúteis.

— Estou tentando ver seu pênis. Para comprovar se a dose funciona.

— Meu o que? — podia-se distinguir claramente a nota de humor em sua voz.

Laura sentiu como o rubor subia até suas bochechas e tratou de fazê-lo desaparecer.

— Já me ouviu.

— Que forma é essa de falar? Pênis.

Laura deu a volta para olhar à sua cara.

— Bom, chama-se assim, não?

— Tecnicamente, sim. Mas deixemos o jargão técnico para o laboratório. Não me excita absolutamente. — Inclinou-se para ela, afastou-lhe o cabelo dos ombros e logo deixou que seus olhos



pousassem sobre a delicada pele do pescoço. — Sabe o que é que realmente me esquenta, preciosa? — Sua voz grave e sensual a envolveu como uma manta cálida e Laura se deu conta de que se aproximou ainda mais a ele.

— O que?

— Dizer sacanagens.

O pulso de Laura disparou. Virgem Santa! Tinha toda sua atenção, entre outras coisas porque também a excitava o mesmo.

— Começo eu.

Ela assentiu, entusiasmada. Maldição, ao menos deveria ter tratado de ocultar sua emoção.

— Tenho o pau como uma pedra e a ponto de estalar, Laura. Morro de vontade de te foder.

Tragou saliva. Seus mamilos tremeram presos aquela sorte quase celestial. Todo seu corpo tremeu enquanto sua mente desfrutava com a imagem tão provocadora.

— Se toque — disse ele.

Laura abriu a boca e em voz baixa e sensual disse:

— Jay, quero sentir seu pau todo cravado em mim.

Ele ficou imóvel, como se tivesse se convertido em uma estátua de sal. Ela baixou a vista até sua virilha para comprovar se suas palavras tiveram o efeito desejado. Jogo, set e partida!

Com um rápido movimento, Jay ficou em pé e a puxou para que se levantasse também. Em seguida se colou a ela, tanto que Laura podia sentir cada um dos músculos de seu corpo moldando-se às curvas do dele. Seu olhar era profundo e intenso e seu corpo desprendia uma calidez quase sufocante. Por um segundo acreditou ver o brilho de uma emoção mais profunda em seus olhos, embora certamente fosse fruto de sua imaginação.

Como se tratasse de uma mensagem silenciosa, Jay apertou os quadris com mais força contra o corpo de Laura. Estava excitado, e muito. Ela tragou saliva. Estava excitado e quente... por ela. Sentiu que o pulso acelerava e uma sensação cálida percorreu seu corpo.

Deveria ter se sentido decepcionada de que o soro tivesse falhado, especialmente porque seu futuro profissional dependia do êxito daquele experimento. Mas, maldita seja, não estava. Sentia-se eufórica.

Tragou o nó que fechava por completo sua garganta. Santo Deus! Era enorme. Um calafrio percorreu seu corpo. Sabia, sabia que tinha razão. Nem todas as coisas boas vêm no menor pacote.

Jay sorriu com um ar provocador.

— Então que assim seja. — Sua voz não era mais que um tosco sussurro. O intenso calor que alagava



seu olhar lambeu sua pele e o corpo da Laura reagiu exigindo ainda mais.

Cravou-lhe os dedos no quadril para ancorar seu corpo ao dela. Laura estremeceu ante aquele contato tão prometededor.

Inclinou a cabeça e ali estava sua boca, a uns centímetros da sua. A única coisa que tinha que fazer era abrir os lábios e o convidar.

Mas, essa decisão foi arrebatada de suas mãos quando os dedos de Jay começaram a descrever uma lenta ascensão por suas curvas. Afastou uma mecha de cabelo da frente, afundou as mãos em sua juba e atraiu sua boca para a dele.

— Acabaram-se os jogos, Laura. — Sua voz parecia embebida pela emoção. Quando olhou fixamente aos olhos, algo especial, quase íntimo, passou entre eles. — Preciso saborear seu corpo. Cada centímetro de sua pele. — Acariciou seus lábios com o dedo polegar. — Começarei por aqui e logo irei descendo lentamente.

Vencida pela ternura de suas palavras e a delicadeza de suas mãos, Laura sentiu que se desfazia por dentro.

Jay prendeu seu rosto entre suas mãos e acariciou os olhos, o nariz, as bochechas com os lábios, antes de cair implacável sobre os dela e invadir sua boca com a faminta ponta de sua língua. Quando ela se abriu para recebê-lo, ele trocou o ângulo de seu beijo para convertê-lo em um ato de selvagem abandono.

Laura podia sentir seu corpo contra o dela, cada centímetro de sua pele tatuada sobre o seu. Peitos contra torso, membro contra ventre, pernas contra pernas. Suas mãos ganharam vida própria e começaram a percorrer as firmes planícies do corpo de Jay, deleitando-se com o contraste que supunham as suaves curvas de uma mulher encaixadas nos rígidos músculos de um homem.

Rebolou contra seu corpo enquanto a língua dele saqueava sua boca lasciva. Um calor abrasador corria por suas veias. Trocaram beijos durante tanto tempo que seu corpo exausto, não deixava de tremer.

Finalmente, seus lábios se separaram e Jay decidiu então centrar-se nos peitos. Acariciou o decote com o olhar, enquanto de sua garganta emergia um grunhido de aprovação.

— Tem um corpo muito bonito, Laura.

Olhou aos olhos e soube que dizia aquelas palavras com genuína convicção. Gostava de suas curvas generosas. Uma cálida sensação a percorreu de cima abaixo e se deteve finalmente em algum canto escuro de seu coração.

Jay retirou com delicadeza as finas tiras que seguravam a regata aos ombros e deixou descobertas as sinuosas curvas de seus peitos. Um gemido profundo e erótico se formou na garganta de Laura. Cada movimento era mais sensual que o anterior, mais estimulante. O coração pulsava cada vez com mais



violência e os mamilos se contraíam com tanta força que a sensação resultante se aproximava perigosamente à dor.

Jay puxou a regata até que esta ficou enrolada ao redor da cintura de Laura. Durante uns intermináveis segundos observou sua nudez em todo seu esplendor. Logo beijou sua pele com uma extrema delicadeza e respirou o doce aroma que desprendia.

— Cheira tão bem.

Lambeu um mamilo com pequenos movimentos circulares que estiveram a ponto de levar Laura ao limite. Ela deixou cair a cabeça para trás e gemeu de prazer, enquanto os lábios de Jay seguiam atormentando seus peitos. Sentia o frio contato de sua língua sobre a pele incendiada de seus mamilos. Deus! Estava se afogando naquele prazer tão intenso. Com a determinação própria de quem tem um objetivo claro em mente, Jay fechou a boca ao redor de um dos pálidos montículos de seu peito e chupou, arranhando com os dentes a sensível pele dos mamilos.

Percorreu com as mãos os suaves contornos de seu corpo, enquanto iniciava uma lenta descida para o sul. A sensação de seus toscos dedos sobre a pele era indescritível.

O coração de Laura pulsava cada vez com mais força. Os tenros lábios de seu sexo abriram-se e as terminações nervosas do clitóris gritaram, tratando de atrair a atenção de Jay. Sentia-se tonta, quase superada por aquele desejo tão intenso. Rendeu-se ante o inevitável e abriu ligeiramente as pernas, convidando-o em silêncio a entrar.

Ele se situou entre suas coxas e com um rápido movimento se desfez da fina renda que cobria seus quadris. Seus escuros cachos estavam empapados de paixão. Quando acariciou as úmidas dobras de sua feminilidade e sentiu a excitação líquida sobre a pele de seus dedos, um grunhido profundo e gutural escapou de sua garganta.

Aproximou sua boca a dela.

— Está muito molhada, preciosa. — Em seus olhos brilhava um brilho faminto de paixão.

Acariciou suas suaves pétalas e separou com delicadeza os lábios rosados.

— Me diga, Laura. Desfrutou se tocando tanto como eu te olhando?

Ela inspirou profundamente e reuniu toda a coragem que pôde para responder.

— Sim — admitiu finalmente.

Os lábios de Jay acariciaram sua bochecha.

— Faz quando está sozinha? Toca-se?

Laura duvidou por um segundo, assim que ele continuou.

— Não é errado, também o faço.



— Sim — sussurrou finalmente— Gosto de me tocar.

— E o faz até chegar ao limite? — Sua voz acariciava a pele com sua suave cadência.

Como um arco que se tensa, Laura lhe ofereceu seu corpo.

— Sim. — Sua pele estava cada vez mais úmida coberta do suave vermelho da paixão, e sua respiração mais superficial. Nunca antes tinha estado tão excitada.

Sua honestidade pareceu agradar a Jay, que a recompensou deslizando um dedo em seu interior.

— Esta noite o privilégio de te levar até o orgasmo será meu — assegurou com a voz cheia de promessas, enquanto seu dedo abria caminho entre as cálidas e escuras paredes de seu sexo.

Um intenso fogo acariciou suas coxas. Aquelas palavras, tão sexuais, tão prometedoras, estiveram a ponto de fazer estalar o vulcão que se escondia entre suas pernas.

Enquanto com um dedo a penetrava, com o polegar acariciou a tenra pele do clitóris. Laura respirou profundamente, surpreendida pela intensidade daquela sensação, enquanto as peritas mãos de Jay faziam magia nela.

— Me conte no que pensa quando se joga na cama pelas noites e se acaricia com os dedos. Imagina que são as mãos de outra pessoa as que lhe percorrem? — A excitação converteu sua voz em um profundo ronco.

Ela sentiu como o rubor de suas bochechas se fazia mais intenso.

— Sim.

— Me conte no que pensa, Laura — insistiu, e o calor que desprendia seu corpo se filtrava pelos poros de sua pele.

Ante seu silêncio, Jay retirou o dedo e acariciou o clitóris com mais intensidade, sabendo que cada vez estava mais perto do limite.

Ela protestou e se retorceu entre suas mãos, tratando de obrigá-lo a penetrar de novo em seu corpo, onde mais o necessitava.

Jay abriu ligeiramente a entrada de seu sexo com a ponta do dedo.

— Conta-me tudo — insistiu, deslizando o dedo um centímetro mais pra dentro. — Me diga no que pensa e te darei o que quer.

Havia algo na forma em que a olhava, como se pudesse ver as curvas mais profundas de sua alma e ler todos seus pensamentos, cada uma de suas emoções.

Olhou-o nos olhos, de um azul quase lacerante, e soube que não tinha sentido ocultar a verdade.

— Em você, Jay. Penso em você — sussurrou Laura.

Aquelas palavras, aquele reconhecimento da verdade, fizeram Jay gemer de prazer, e voltou a



deslizar o dedo dentro dela.

A punhalada de prazer foi tão intensa que Laura ficou sem fôlego.

— Sim. — Fechou os olhos e gemeu. Aquela sensação era tão indescritível...

Jay procurou de novo sua boca e a beijou com força, enquanto com os dedos continuava assaltando-a com suavidade. Um contínuo tremor se apoderou dos músculos do sexo de Laura à medida que, onda atrás de onda, o prazer cada vez mais intenso.

Tremiam-lhe os joelhos. Rodeou o pescoço de Jay com os braços e se prendeu a ele, temerosa de perder as forças e cair ao chão.

A fez retroceder até que suas pernas tocaram o sofá e imediatamente soube quais eram suas intenções. Deixou-se cair sobre as macias almofadas e abriu ainda mais as pernas, franqueando o caminho, fazendo-o saber sem lugar a dúvidas o que mais desejava.

Jay ficou de joelhos e se posicionou entre as coxas dela, abrindo-a ainda mais com a amplitude de seus ombros. Laura viu como as aletas de seu nariz se dilatavam ao perceber o aroma feminino de sua própria excitação, que impregnava o ambiente.

— Carinho, é incrível.

Afundou os dedos em sua cabeleira e o guiou até o ponto em que tanto precisava sentir o contato de sua boca.

— Por favor... — implorou, com as pálpebras meio fechadas.

Jay começou então uma lenta subida com a língua sobre a suave pele de suas coxas. A calidez de sua boca se gravava a fogo sobre a carne enquanto se aproximava cada vez mais ao vale que se escondia entre suas pernas. Quando finalmente sentiu seu quente fôlego sobre as delicadas pétalas de sua vulva, Laura arqueou as costas para oferecer ainda mais seus quadris. Nunca antes havia sentido algo tão delicioso.

— O que quer que faça preciosa? — Perguntou Jay de algum lugar remoto entre suas pernas.

Ela inspirou profundamente enquanto sentia que seu corpo estava a ponto de estalar, loja de comestíveis de uma fome incomensurável.

— Quero você, Jay — gemeu sem poder conter-se, e apertou com força os punhos, afundados ainda na escura cabeleira de seu amante — Sempre quis você.

Ao primeiro contato com a língua, Laura estremeceu de prazer. Os dedos de Jay acariciaram os úmidos cachos de seu sexo até encontrar ao fim a zona mais sensível de seu sexo. Cobriu-a de suaves carícias, persuadindo-a para que se unisse ao jogo, enquanto ele continuava com o festim. Cobriu com beijos as partes mais íntimas de Laura, e ela reboiou, apertou-se contra ele, procurando aquilo que seu corpo tanto ansiava. Deus, como gostava do que estava lhe fazendo. Estava morta e tinha subido aos céus.



— Assim está gostoso, Laura? Você gosta? — sussurrou Jay. Seu quente fôlego acariciou o pelo empapado e fez cócegas na pele. Adorava a forma em que parecia preocupar-se com seu prazer.

— Sim, Jay. Assim está ótimo. Nunca foi melhor — admitiu — Por favor, não se detenha.

Deslizou dois dedos dentro dela, abrindo-a ainda mais, enchendo-a por completo. Seus dedos eram tão grossos que Laura se sentiu deliciosamente completa.

O prazer era quase muito intenso para poder suportá-lo. Continuou penetrando-a, mais forte, mais rápido, trocando o ritmo e o tempo, levando-a cada vez mais a beira do abismo.

De repente, uma onda de calor cobriu Laura por completo. Tremeu sob seu corpo e soube que estava se desfazendo entre seus braços. Apertou-se ainda mais contra ele.

— Sim, assim — gemeu com voz rouca. Um poderoso terremoto se desatou em seu interior e suas ondas expansivas o arrasaram todo.

Jay a apertou com força, absorvendo os tremores enquanto ela se precipitava e se descontrolava, para o orgasmo. Sua boca se encheu de seda líquida, enquanto o olhar dela se cobria de estrelas, uma por cada pequeno fragmento de prazer.

Sentou-se sobre os calcanhares e a olhou fixamente aos olhos. Quando os olhares de ambos se encontraram, Laura sentiu uma intensa calidez em seu interior. Deslizou sobre o corpo dela para perder-se em sua boca e devorar um errático suspiro de prazer. Laura podia sentir sua ereção incrustada em sua coxa.

Beijou-o, saboreando sua própria essência ao fazê-lo. Ele devolveu o beijo. Foi aquela uma carícia longa, quase preguiçosa, que lhe removeu a alma, alterou suas emoções e a recordou que, apesar de haver-se prometido que não se apaixonaria por ele se a beijasse, ou a tocasse, ou fizesse amor docemente, isso era justamente o que lhe tinha acontecido.

Jay mudou de posição, como se tratasse de não esmagá-la sob o peso de seu corpo. Aquele pequeno gesto a encheu de ternura.

— Levante-se — ordenou Laura, sem poder controlar a emoção que a estrangulava.

Ele entreabriu os olhos e franziu o cenho, empanando a perfeição dos traços de seu rosto.

— Passa algo?

— Claro que passa algo — respondeu ela com expressão neutra. Era evidente que Jay estava muito vestido para a ocasião.

Ele a olhou com seus preciosos olhos azuis cheios de uma preocupação evidente.

— Te fiz mal?

— Não. Cale-se e se ponha de pé. — Pôs as mãos sobre o peito dele e o empurrou.



Finalmente, ele fez o que ordenava.

Laura tomou uns segundos para olhá-lo de cima abaixo.

—Temos um problema.

—Um problema? — Jay retirou o cabelo molhado do rosto. Deus! Parecia tão adorável ali de pé, com o olhar cheio de ternura e preocupação.

— Sim, um problema — continuou ela com um sorriso brincalhão nos lábios.

Logo baixou o olhar até pousá-lo entre suas pernas.

—Gosto de sua cueca.

Ele franziu a sobrancelha, desconcertado.

—Obrigado.

—Agora tire isso.

Capítulo 4

—Santo Deus, Laura — murmurou Jay, enquanto passava a mão pelo queixo. O delicioso aroma daquela mulher ainda seguia preso a sua pele e lhe provocava autênticas palpitações.

Com um brilho sedutor nos olhos, ela ficou em pé e deslizou uma mão dentro das cueca.

— Porra! O que está me fazendo? — O desejo converteu sua voz em um tosco sussurro.

O sorriso que brilhava no rosto de Laura ficou ainda mais visível, e também mais pícaro.

— Claro que se preferir que não... — O suave ronronar de sua voz ressonou por todo seu corpo. Deus todo-poderoso, se se detivesse naquele exato momento, Jay estava seguro de que morreria ali mesmo, vítima de um excesso de excitação.

Apressou-se a pronunciar as palavras.

— Não, não. Prefiro que o faça. — Atraiu-a para ele e ela se desfez sobre sua pele. Seus corpos encaixavam com tanta perfeição... Jay afastou uma mecha de seu rosto, coberta pelo rubor, e se fixou nas provocantes e sensuais linhas de sua boca.

Um suspiro violento e afiado ficou apanhado em sua garganta no momento em que a mão da Laura entrava em contato com a pele de seu membro.

Ansioso por sentir o tato de sua pele, agarrou a cueca pelos lados, e, esteve a ponto de arrancar-lhe, deslizou-as por suas pernas até o chão, e lançou-as do outro lado da acomodação com um chute.

Ofegando como se acabasse de correr uma maratona, ergueu-se em toda sua estatura frente a ela,



com a arma pronta e carregada, um transbordador espacial a ponto de separar.

Laura o rodeou com a palma das mãos. A sensação dos dedos, quentes e delicados, ao redor de seu sexo apagou qualquer possível pensamento cordato da cabeça de Jay, que manteve a boca fechada, por medo a balbuciar como um idiota.

Ela primeiro acariciou distraidamente a ponta molhada e logo deslizou os dedos com suavidade pelo resto da pele, como se estivesse examinando a textura, a grossura e a longitude.

— Estava equivocada.

— Sêrio? — Maldição! Ela estava pensando duas vezes?

— Nunca devia apelidá-lo de *Pequeno Jay* — murmurou, e sua voz pareceu adquirir um tom ainda mais rouco.

A habitação começou a dar volta sobre si mesma. Ele girou o quadril, fazendo com que as mãos de Laura o abrangesse em toda sua envergadura. Mas não permitiu. Retirou-se uns centímetros e observou como seu pênis oscilava no ar, reclamando sua atenção. A forma em que jogava com ele, em que lentamente o seduzia, estava a ponto de voltá-lo louco. Seu gemido se converteu em um grunhido profundo e cavernoso.

Laura se inclinou sobre ele. Suas grossas pestanas revoavam acariciando a pele de seu pescoço enquanto ela descrevia um atalho de beijos da garganta, passando pelo peito e seguindo lentamente para baixo, até que finalmente estiveram cara a cara ou, melhor dizendo, boca a pau. Jay sentiu que um desejo cru e irracional lhe rasgava as vísceras.

— É bastante grande.

Ele deixou escapar uma baforada de ar. Estava experimentando a mais cruel das agonias. Umas gotas de sua essência coroavam seu sexo como pérolas nacaradas.

Laura acariciou a ponta e estendeu o espesso líquido com os dedos. Jay sentiu o incêndio rugindo em seu interior e notou como ela rodeava seu pau com os lábios, aqueles lábios doces e carnudos. Precisaria fazer grandes esforços para controlar-se e não entrar em erupção.

Ela emitiu um suave gemido e trocou de posição.

— Realmente é maravilhoso — admitiu com total sinceridade, enquanto não deixava de lhe acariciar com um prazer que tivesse resultado evidente a olhos de qualquer um.

Deus, aquela mulher era incrível. Podia ser selvagem e indomável, e tão passional como ele mesmo. Uma de onda de calor percorreu suas veias e produziu uma estranha sensação de plenitude no coração, a que não estava muito acostumado.

Sem deixar de lhe acariciar, Laura abriu a boca e passou a língua pelo lábio inferior.



— Mmm...

OH, Deus. OH, Deus. OH, Deus.

Aquele leve gemido esteve a ponto de levá-lo ao limite. Sentiu como o sangue pulsava com força em seu membro e o fazia crescer ainda mais. Queria que o tocasse, que saboreasse sua pele, uma vez atrás da outra, depois de outra. Com uma mão lhe acariciou os peitos e beliscou os mamilos. Laura suspirou e se arqueou ainda mais contra ele. Aquela reação totalmente desinibida não fez mais que avivar as brasas de seu desejo.

Ela levantou o olhar até encontrar-se com os olhos dele e arqueou uma sobrancelha. Tinha a boca aberta e os olhos mais escuros, lânguidos, cheios de luxúria.

— Importa-se?

Seu quente fôlego roçou seu pênis. Não esperou a ser convidada. Antes que Jay tivesse tempo de reagir, tirou a língua e, como uma serpente que rasteja sobre a terra, descreveu um atalho ziguezagueante ao longo de seu sexo. Jay sentiu que se perdia nas sensações, no calor que desprendia daquela boca.

Afrouxaram-lhe as pernas e por pouco não perdeu o equilíbrio. Segurou seu rosto entre as mãos e seguiu o ritmo de seus movimentos. Ela fechou a boca ao redor de sua ereção e a sepultou nas profundezas de sua garganta.

Com uma mão procurou entre o matagal de pelo escuro dentre suas pernas até que finalmente encontrou os testículos. Sopesou-os na palma da mão e logo apertou brandamente. O suave roçar dos longos cachos castanhos de Laura sobre a delicada pele das coxas o fez oscilar a beira do precipício.

Jay deixou cair a cabeça para trás e gemeu.

— Deus! — exclamou, sabendo que não poderia aguentar mais. Um estremecimento percorreu-lhe o corpo, enquanto na frente brilhavam mil pérolas de suor.

Grunhiu levado pela luxúria, lutando com todas suas forças por aguentar. Queria levá-la à cama e lhe fazer amor lenta e apaixonadamente, durante toda a noite, mas sabia que já tinha ultrapassado o ponto de retorno.

Sentir o suave tato de sua língua sobre a dobra que rodeava a ponta de seu pênis era mais que suficiente para levá-lo ao topo. Entretanto, foi o sensual miado de prazer que ela emitia o que foi muito para ele. Sentiu a pressão do orgasmo que se aproximava e afundou os dedos na juba frisada de Laura.

— Vou gozar. — Tratou de lhe retirar a cabeça antes que fosse muito tarde, mas ela se negou a mover-se. Continuou com a boca fechada ao redor dele, chupando com todas suas forças. De repente Jay ficou sem fôlego e seu corpo se paralisou com o prazer cegador do orgasmo.

A sensação foi tão forte, tão intensa, que durante uns segundos sua vista nublou. Necessitou um



momento para recuperar o fôlego e a compostura.

Baixou o olhar e dedicou um sorriso àquela incrível mulher que estava ajoelhada a seus pés. Repentinamente sentiu como algo florescia em seu interior. Entrelaçou os dedos com os dela e a atraiu para seu corpo, para sua boca.

Jamais teria imaginado que estar com ela fisicamente pudesse despertar tantas emoções nele. Laura o fazia sentir coisas que nem sequer sabia que existiam.

E o certo era que não estava preparado para isso. De alguma forma, durante o tempo que tinha durado esse encontro íntimo, tinha notado algo distinto dentro dele, converteu-se em alguém necessitado e faminto.

Que demônio estava acontecendo?

Acaso não era outro Cutler «de frio coração»? Um homem que só pensava com o membro e que era incapaz de ter sentimentos ou de vincular-se emocionalmente com uma mulher?

Laura emitiu um suave murmúrio e atraiu de novo sua atenção. Jay acariciou sua bochecha.

— Preciosa, é incrível. — Sequer tentou que sua voz não parecesse afetada pela emoção.

Ela se aconchegou contra seu corpo e passou a língua pelos lábios.

— Você tampouco está mal.

Jay sorriu e a apertou ainda mais entre seus braços. Durante uns minutos, nenhum dos dois disse nada. Ficaram ali de pé, abraçando-se, escutando o suave tic-tac de um relógio que soava na distância.

Finalmente, ele rompeu aquele agradável silêncio que os envolvia.

— Suponho que o soro falhou.

— Ao que parece.

Jay prendeu um cacho rebelde por trás da orelha.

— Sabe o que significa isso?

Ela levantou o queixo para lhe olhar aos olhos e se mordeu o lábio inferior.

— Que nossas carreiras estão em perigo.

— Pode ser. — Uma faísca iluminou os olhos. — Teremos que trabalhar duro amanhã no laboratório, averiguar o que é o que está errado e voltar a testá-lo à noite.

— E se o soro falhar outra vez? Jay sorriu.

— Então teremos que trabalhar duro também, mas de uma maneira totalmente distinta.

Laura lhe devolveu o sorriso.

— Sabe que estou disposta a fazer algo pelo bem da ciência, mas não poderemos trabalhar até amanhã pela tarde. Graças à percepção superior das coisas que possui nosso diretor, temos que cumprir



com as três normas básicas do bom colega de trabalho: compromisso, beisebol e churrasco.

— Ao nos relacionarmos fora do trabalho, abrimos as portas para que a felicidade e a harmonia entrem em nossas vidas — fizeram coro os dois ao unísono.

Jay revirou os olhos em branco.

— Alguém tem que dizer a esse homem que faz muito que deixamos atrás os anos sessenta, que é de onde procedem aos tipos como ele.

— Não deixe que seu desejo de que os empregados se relacionem e seu gosto pela decoração sessentista o enganem, Jay. Esse tipo é um pit bul e não se deve subestimá-lo.

Arqueou uma sobrancelha e assentiu.

— Sei, mas poderíamos não dar-lhe atenção e lhe dizer que já nos relacionamos o suficiente este mês.

Laura enrugou o nariz e cravou o dedo indicador no peito dele.

— Não acredito que este seja o tipo de relação a que ele se refere.

Jay soltou uma gargalhada e atraiu ainda mais os quadris de Laura para os seus.

— Sim, bom, suponho que isto não é o tipo de conexão entre empregados que ele tenta favorecer.

— “Isto”, como você chama — disse Laura, enquanto passeava o olhar por cima de suas roupas pulverizadas pelo chão — poderia nos pôr de patinhas na rua.

Seus lábios, sensuais e perfeitos, desenharam um sorriso pícaro.

Os pensamentos de Jay se dispersaram assim que seus olhos posaram na boca de Laura. Queria saborear sua doçura de novo e encontrar quietude na delicada calidez de seu corpo. Inclinou-se sobre ela e aprisionou seus lábios com um beijo profundo e sincero. Ela se abriu para receber com toda a paixão que encerrava em seu interior. O tato aveludado da língua de Laura contra a sua fez que a cabeça lhe desse voltas.

Ring. Ring. Ring.

Laura interrompeu o beijo e escapuliu fora do círculo que formavam seus braços. Jay franziu o cenho.

— O que acontece? — perguntou, segurando-a pelo cotovelo para atrai-la de novo para si.

— Esse som.

Jay respirou fundo, com certo trabalho.

— Você também o ouve? - Ela sorriu.

— Em suas calças.

— Ouve um som dentro de minhas calças?

Sua suave risada o encheu de um sentimento quente e agradável.



— Seu celular está tocando.

Jay teve que piscar com força para centrar-se.

— É verdade. — Olhou ao seu redor — Onde demônios estão minhas calças? — Rastrou o som do telefone até que finalmente encontrou os jeans em um canto. Tirou o celular do bolso e o levou rapidamente à orelha.

— Sim? — Sequer se incomodou em eliminar o ligeiro tom de chateio de sua voz. Ao outro lado do fio um homem clareou a garganta.

— É você, Jay? — perguntou uma voz grave. Jay suspirou impaciente.

— Sim, quem é? — respondeu, aborrecido por aquela interrupção tão inoportuna.

— Gerard, do departamento de segurança do laboratório.

De repente seu interesse pela chamada despertou. Ergueu-se e tratou de concentrar-se. Uma chamada de segurança àquelas horas da noite não podia significar nada bom. Levantou o olhar do chão e se encontrou com o de Laura, que observava com cara de preocupação. Olhou-a e formou as palavras “segurança” e “laboratório”.

Gerard pigarreou de novo e continuou.

— Houve um problema em seu laboratório.

Jay sentiu como os músculos de sua cara se esticavam.

— O que acontece?

— Alguém entrou.

Amaldiçoou em voz baixa, enquanto vestia as calças.

— Agora ligarei para Laura — disse Gerard.

— Não se preocupe, falarei com ela. — Desligou o telefone e olhou de novo para Laura, que observava com uma interrogação no olhar.

— Pensa me contar o que passou? — disse ela, percorrendo a distância que os separava.

Formou um nó na boca do estômago. Sacudiu a cabeça, claramente preocupado.

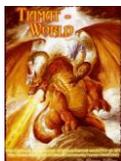
— Alguém entrou no laboratório. A cor desapareceu do rosto de Laura.

— A investigação... — murmurou. Sua voz não era mais que um sussurro apagado. Jay a rodeou com os braços e a atraiu para ele.

— Provavelmente isso seja o que procuravam. Vamos, temos que passar por lá e ver se falta algo.

Laura tratou de abrir caminho entre os dois fornidos oficiais que bloqueavam a entrada do laboratório.

Um deles segurou-a pelo braço e balbuciou com a boca cheia de donuts e de café quente:



— Desculpe senhorita, mas não pode entrar aí.

Abriu a boca, disposta a dizer ao detetive Gorducho aonde ia e exatamente aonde podia ir ele, mas Jay a deteve e passou os braços ao redor de sua cintura, em um gesto claramente protetor.

—Ela é Laura Manning e eu Jay Cutler. É nosso laboratório — disse ao oficial, mostrando durante um segundo o cartão de identificação que lhes permitia acessar ao edifício.

O oficial liberou o braço da Laura, afastou-se e fez um gesto com a mão.

— É óbvio, entrem. Estávamos esperando-os. Precisamos que revisem tudo para saber se levaram algo.

Laura passou entre os oficiais e em seguida o forte aroma de amônia saturou seus sentidos. O panorama que apareceu ante seus olhos a deixou sem palavras. Levou uma mão ao peito, sem poder afastar o olhar do arquivo, que estava destroçado, e suspirou. Tinham forçado a fechadura e espalhado seu conteúdo por toda a sala. O trabalho de meses perdido ou, pior, roubado.

Seu último experimento era secreto por um motivo. Sabiam que se as pessoas de AdTech, que recebia subvenções, não do governo, e sim de empresas privadas, tivessem acesso à ideia, tratariam por todos os meios de produzir o fármaco antes que alguém e levariam toda a glória, deixando Laura e Jay sem projeto, sem reputação e sem nada.

Avançou pela sala. O vidro de tubos e provetas quebrados estalava sob seus pés, e aqui e lá havia pequenos atoleiros, os restos de tantas provas... Laura fez o possível para não pisá-los. Ficou de joelhos e procurou entre o montão de papéis molhados. Se o que os ladrões procuravam eram os arquivos em que detalhava a composição química do inibidor, erraram de lugar. Felizmente, aquela informação estava guardada a boa distância em seu apartamento. A salvo de intrusos, com um cadeado e sob chave.

Jay se agachou junto a ela. Passou os dedos pelo cabelo e sacudiu a cabeça, claramente aborrecido.

— Que desastre. — Sua voz era calma, mas sua raiva, evidente.

Laura o olhou de esguelha. No canto de seus olhos azuis se formaram pequenas rugas de preocupação e sua boca parecia emoldurada por profundas linhas de tensão.

— Crê que isto foi fortuito? —Estava ansiosa por ouvir sua opinião.

O rosto de Jay evidenciava a incerteza. Apertou os dentes e os músculos de sua mandíbula se esticaram.

Certamente também suspeitava que aquilo fosse obra de gente da AdTech. Quando estava a ponto de perguntar abertamente, ele a cortou com uma resposta. Às vezes a surpreendia que pudesse ler sua mente com tanta facilidade.

— Não tenho nem a mais remota dúvida de que isto foi feito por alguém da AdTech. Só esses *caras*



seriam capazes de fazer algo assim. — A ternura que Laura adivinhava em seus olhos tinha desaparecido por completo, substituída pela frustração e a ira.

Voltou-se para ela e arqueou uma sobrancelha.

— Laura...

Sabia o que perguntaria e se apressou a apaziguar seus medos.

— Os arquivos estão a salvo. — Suspirou aliviado.

— O que faria sem você?

— Talvez deversem dar uma olhada aqui — disse a voz do detetive do outro lado da pequena sala.

Ambos se voltaram e o localizaram junto à geladeira aberta. O homem coçou a enorme pança e jogou uma olhada dentro, como se esperasse encontrar mais donuts ali.

Jay ficou em pé e puxou o braço de Laura para que também se levantasse.

— Quebraram esta fechadura. Veem algo estranho aqui dentro? — perguntou o detetive. Laura cruzou a sala, inclinou-se junto ao oficial e examinou as provetas atentamente. Levou as mãos às têmporas e começou às massagear. Até que não analisasse os componentes de cada um dos tubos, não teria a certeza.

— Não estou segura. Preciso um pouco de tempo para averiguá-lo. Tenho que analisar o conteúdo destas provetas.

O detetive entregou um cartão com seu nome.

— Quando tiver terminado me chame neste número.

Laura olhou o cartão. Detetive Gorducho, também conhecido como detetive Doyle. Guardou o pequeno retângulo de cartolina no bolso traseiro dos jeans. De repente um som junto à porta do laboratório chamou sua atenção. Deu a volta e viu Erin, sua assistente, com os olhos abertos como pratos.

— Laura, o que aconteceu? Recebi uma chamada do Gerard me dizendo que passasse em seguida pelo laboratório. — Cruzou rapidamente a sala para lhe dar um caloroso abraço.

Permaneceram abraçados durante uns segundos. Depois Erin se retirou e a olhou de cima abaixo. Seu olhar posou primeiro nela e em seguida em Jay, para voltar finalmente para a Laura.

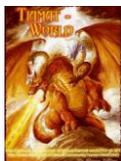
— Estão bem? Está vermelha.

Vá se estava vermelha, mas não precisamente pelo arrombamento.

— Jay e eu estamos bem. Não estávamos aqui quando aconteceu — explicou. Percorreu com um gesto da mão o resto do laboratório e acrescentou — Que desastre!

Erin moveu a cabeça para olhar ao seu redor e seu rabo de cavalo cor avelã se agitou no ar.

— O que posso fazer para ajudar?



— Tenho que analisar os conteúdos destas provetas para determinar se foram alteradas. Poderia me dar uma mão.

—Em seguida verei isso — respondeu seu assistente, movendo o rabo de cavalo como se fosse a cauda de um cachorrinho.

Jay apareceu atrás da Laura e acariciou seu braço com ternura. Em um segundo, todo seu corpo se arrepiou. Com um movimento da cabeça, ele assinalou a jaula de metal junto à janela, onde guardavam os dois ratos de laboratório que utilizavam em seus experimentos.

— Ao menos Bonnie e Clyde estão ilesos. — Sua voz acariciou sua pele enquanto o contato de sua mão lhe trazia a mente lembranças doces e pecaminosas. Um calafrio lhe percorreu as costas.

Laura assentiu com a cabeça e observou seus ratos favoritos.

— Oxalá o experimento se consistisse em ensiná-los a falar. Assim poderiam confirmar nossas suspeitas a respeito dos quais são os responsáveis por isto.

Ele riu e afastou uma mecha de cabelo da frente. A calidez daquele gesto tão delicado a encheu de uma agradável sensação. Deu meia volta para que Erin não pudesse ver sua reação ante a proximidade de Jay. O último que queria era que seu assistente se desse conta do que estava passando entre eles. Não queria que sua vida amorosa fosse o primeiro tema de conversa cada manhã ao redor da máquina de café.

Ele assinalou a montanha de papéis que ainda se amontoavam no chão do laboratório.

—Revisarei esses arquivos e verei se falta algo enquanto vocês dois se ocupam disto.

Laura olhou seu traseiro enquanto se afastava. A lembrança do que tinham vivido aquela mesma tarde arrasou com tudo como uma tormenta de fogo. Recordou a forma em que se deixou levar entre seus braços, como a tinha elevado às mais altas cúpulas da paixão unicamente com os dedos, a boca e a língua. E as coisas que ela tinha feito naquele corpo escultural e masculino... Coisas maravilhosas, deliciosas, que pensava repetir uma e outra vez...

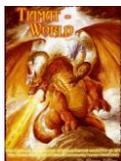
Sentiu um quente comichão entre as pernas e estremeceu de prazer. Recordou que Erin seguia a seu lado e tratou de centrar-se, deixar a um lado seus desejos mais imediatos e concentrar-se no que tinha entre mãos.

Procurou uma pinça de plástico sobre a mesa de trabalho e recolheu o cabelo com ela, voltando assim para que seu estilo profissional.

Erin se inclinou para frente em seu tamborete.

— Mmm... Do que ia isso?

— O que? — Introduziu uma seringa de injeção na primeira proveta e tomou com ela parte do



líquido que continha. Logo a passou ao Erin — Leve isto ao laboratório de análise, por favor.

A garota agarrou o tubo, mas ignorou o resto, e rediregiu a conversa para o tema que sua chefe não tinha intenção alguma de comentar. Percorreu a sala com o olhar e logo se concentrou de novo em Laura. Em voz baixa, como se fossem companheiras de crime, perguntou-lhe:

— O que está acontecendo entre vocês? — Seus lábios, pintados da cor do café, curvaram-se como se fossem feitos de chocolate.

Laura sacudiu a cabeça, desgostada pelo rumo que estava tomando a conversa.

— Nada.

— Não me diga que nada. Vi como a olhava. — Entreabriu seus enormes olhos castanhos. — Agora que parei pra pensar, parece diferente esta noite...

Laura anotou o número da proveta em seu caderno e agarrou outra seringa de injeção para repetir o procedimento.

— Suponho que estou um pouco estressada pelo roubo — mentiu, tratando de trocar de tema e desejando que Erin acreditasse.

A assistente, entretanto, não lhe deu nem uma pausa. De repente abriu os olhos de par em par.

— OH..., Meu Deus! — Sua voz soou uma oitava mais aguda.

— O que?

— Dormiram — concluiu, com a boca aberta. Laura notou como o sangue lhe tingia as bochechas.

— Não seja tola. Não me deitei com ele. Erin se agarrou ao braço de Laura.

— Com o Jay. — Era mais uma afirmação que uma pergunta.

— Cale... Não tenho feito tal coisa. — Mas, sabendo-se descoberta, grunhiu e enterrou a cara entre as mãos.

— É obvio que o fez. — Erin aproximou seu banco ao de Laura — Me conte. Conte-me tudo. Quero todos os detalhes suculentos. Até o menor deles.

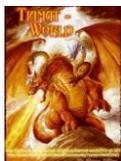
— Erin, para ou ao final te ouvirá — sussurrou, olhando em direção ao Jay para averiguar se realmente se precaveu dos gritos histéricos da assistente. Felizmente estava envolvido em uma conversa com o detetive.

— Assim é verdade.

Temendo que, se respondia afirmativamente, Erin ficasse em pé de um salto e dançasse ali mesmo a Macarena, pôs uma mão sobre a dela para evitar que se movesse.

— E bem? — insistiu a assistente.

Laura suspirou de pura frustração, consciente de que Erin não se daria por satisfeita até que



conhecesse até o mais íntimo dos detalhes.

— Escuta, contarei tudo com detalhes se me prometer deixar o tema por agora. — Desejou que aquilo fosse suficiente para apaziguar a curiosidade de sua amiga, ao menos no momento.

— Vá, vá. Sabia, eu sabia — cantarolou Erin, agitando os braços no ar como se fosse um cantor de rap seguindo o ritmo da música.

A excitação que brilhava em seus olhos era contagiosa e Laura não pôde reprimir um sorriso. Logo apontou um dedo para a porta.

— Ande. Ao trabalho. Falaremos mais tarde.

Uma vez que Erin desapareceu finalmente pela porta, ela tratou de concentrar-se no trabalho, mas era difícil não distrair-se tendo Jay tão perto. Olhou furtivamente em sua direção. Estava junto à janela, tirando Bonnie da jaula e colocando-a sobre a palma de sua mão. Depois de examiná-la atentamente, aproximou-a do rosto e lhe falou docemente, enquanto o rato não deixava de mover seu pequeno narizinho. Laura sentiu como as emoções se fechavam em um nó ao redor de sua garganta.

Teria gostado de saber o que lhe dizia, mas estava muito longe para ouvi-lo. De repente, como se pudesse notar seus olhares, Jay voltou a cabeça, levantou a vista e encontrou-se com os olhos de Laura. Seu coração deu um tombo. Ele, em troca, limitou-se a sorrir e a piscar um olho, um gesto sensual e carregado de significado.

Envergonhada, ela baixou o olhar, agarrou outra proveta e retornou ao trabalho. Uns minutos mais tarde, incapaz de se conter, deu outro rápido olhar em direção a seu atraente companheiro de laboratório. Estava acariciando o lombo de Bonnie. Encantavam-no os animais, fossem de que tipo fosse igual a ela. Era comovedora a forma em que alimentava aqueles dois ratos de laboratório.

Ao fim deste momento, Erin apareceu de novo no laboratório com os resultados das análises. Deixou-se cair sobre um tamborete junto à Laura e devolveu as provetas que tinha analisado.

— Tudo está bem. Não parece haver nenhuma alteração na composição do potenciador da libido.

Laura franziu o cenho.

— Potenciador? Isto não são potenciadores. O que te pedi que analisasse é um inibidor.

— Temo que não — assegurou a jovem, enquanto golpeava o tubo de ensaio com uma unha perfeitamente grafite — Estes tubos contêm um potenciador.

Laura deu a volta aos tubos na mão e conferiu a numeração com a que figurava em suas notas. Os tubos que foram do vinte aos vinte e cinco eram inibidores, não potenciadores. Tinha que haver algum tipo de engano.

— Repete as análises, Erin.



A assistente franziu as sobrancelhas, perplexa.

— Por quê? Analisei-os duas vezes e não há nenhum problema. Ninguém alterou sua composição. Impossível. Aquelas cinco amostras tinham que ser inibidores. A menos que...

OH, não! Sentiu como a cor desaparecia de suas bochechas. A menos que alguém penetrou no laboratório antes dessa noite.

De repente a verdade se materializou ante seus olhos e o estômago lhe deu um tombo.

Tinha aplicado ao Jay um potenciador aquela mesma tarde, e não um inibidor como era sua intenção. Sentiu como o sangue lhe gelava nas veias. Tomou ar e ficou de pé. Como o som de umas unhas arranhando a superfície lisa de uma mesa, a cadeira chiou contra os ladrilhos do chão e aquele som estridente chamou a atenção de Jay.

— Está tudo bem? — perguntou. Em tão somente três passos, cruzou a sala e se deteve junto à Laura. Olhou primeiro a Erin, logo a Laura e finalmente os tubos que mantinha firmemente seguro.

A mente de Laura trabalhava a marchas forçadas, tratando de encontrar o sentido a tudo aquilo. Angustiada, fechou os olhos com força. De repente tudo parecia ganhar sentido. Aquele era o motivo pelo qual Jay parecia tão excitado e ansioso por manter relações com ela. Ao fim e ao cabo, sempre tinha sido consciente de que não era seu tipo de mulher. A ereção daquela noite não teve nada a ver com sua habilidade para excitá-lo. Uma simples brisa teria tido o mesmo efeito nele.

Consciente de que Jay podia ler em suas expressões e em cada um de seus gestos, tratou de apagar a decepção de sua expressão. Agarrou-se a pouca compostura que ficava e converteu a careta de sua boca em uma linha severa e apagada.

Erin e Jay esperavam ansiosos sua resposta, assim decidiu centrar-se.

— Parece ser que alguém alterou o conteúdo dos tubos e que a dose que te administrei esta tarde não era um inibidor, mas sim um potenciador da libido. — Deixou as pequenas provetas em uma bandeja e tratou de fingir uma risada despreocupada.

Um sorriso iluminou a expressão de Jay.

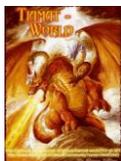
— Está me tirando o sarro? - Ela negou com a cabeça.

— Não.

Ele deixou cair a pasta que tinha entre as mãos sobre a mesa de trabalho e logo afundou as mãos nos bolsos, deslizando os jeans uns centímetros mais abaixo de sua cintura. Laura se obrigou a olhá-lo diretamente aos olhos.

— Essas são boas notícias. Quer dizer que nosso experimento não tem por que ter falhado.

Ela sorriu ausente, tratando de ocultar seus verdadeiros sentimentos. Pois claro que eram boas



notícias, exceto pelo dado insignificante de que agora sabia que se deitou com ela não porque a desejasse, mas sim porque necessitava. Não era tão ingênua para tratar de procurar outras explicações. Nunca antes os hormônios de Jay tinham experimentado uma atividade tão intensa.

De repente sentiu frio. Rodeou-se com os braços, tratando de impedir um calafrio.

Ele entreabriu os olhos e a olhou fixamente. Aparentemente se deu conta de seu repentino mal-estar.

— Está esgotada, Laura. Deixe que te leve para casa. Já teve suficiente por esta noite. Dormir esclarecerá a mente e fará com que se sinta melhor.

Deus! Precisava afastar-se dele, descobrir o que era aquilo que sentia com tanta intensidade. Com muito cuidado recolheu as provetas, guardou-as na geladeira e colocou um novo cadeado. Sem sequer dar a volta para lhe olhar à face, falou por cima do ombro.

— Não, estou bem. Erin pode me levar, mora perto de minha casa. De toda forma, aqui já fizemos o suficiente por esta noite.

— Permita ao menos que acompanhe as duas até o carro.

Aproximou-se do arquivo e puxou as gavetas metálicas para comprovar que estavam bem fechados.

— A polícia segue procurando pistas pelos arredores. Estaremos bem.

Jay se aproximou dela e acariciou sua bochecha com suavidade, tratando de captar sua atenção. Os músculos de seu braço se esticaram com o movimento.

— Está segura?

Incapaz de pronunciar uma só palavra, Laura assentiu com a cabeça. De repente, aguentar o olhar daquele homem lhe pareceu o mais difícil do mundo.

— Amanhã pela manhã passarei para te buscar para ir à partida e em seguida ao churrasco. Quando acabarmos, podemos passar por aqui — disse Jay.

— Não, não precisa, irei de carro — respondeu ela rapidamente. — Tenho um par de recados que retornar pela manhã. — Apesar de querer parecer alterada, a situação tinha escapado de suas mãos. Tratou de recuperar o ambiente distendido que sempre tinha reinado entre eles lhe dedicando um cálido sorriso e acrescentando rapidamente: — Nos vemos ali.

— Certo. Fico um momento mais aqui para limpar este desastre. De toda forma, quero repetir algumas das provas em Bonnie e em Clyde para ver se a última versão do soro funciona neles antes que provemos manhã de noite.

Um calafrio percorreu as costas de Laura. As palavras de Jay não deixavam de ressoar em sua cabeça. Poderia passar por aquilo outra vez, especialmente depois de saber o que tinha causado sua excitação? A



verdade lhe pareceu muito mais desencorajadora.

Antes que Laura tivesse tempo de protestar, Erin ficou em pé de um salto.

— Assim que isso é o que traziam entre as mãos. Tentaram experimentar um no outro e a coisa falhou. — levou a mão à frente e riu — Esse é o motivo por que acabaram dormindo juntos, por culpa desses tubos equivocados.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas Laura o cortou antes que pudesse pronunciar uma só palavra. Quão último queria era ouvi-lo confirmar as suspeitas da assistente.

— Boa noite, Jay — disse, enquanto segurava Erin pelo cotovelo e virtualmente a arrastava em direção à porta.

Com Erin as costas, Laura abriu a porta de segurança e saiu ao exterior. O frio ar da noite a ajudou a desfazer-se das marcas de vergonha que tingiam suas bochechas. Arrastou sua assistente, artilosa, entretanto muito faladora, por todo o estacionamento e não a soltou até que finalmente chegaram ao carro. Erin pressionou o botão do comando a distância para que se abrissem as portas do veículo e ambas ocuparam seus assentos no pequeno Funda.

Assim que a luz interior se apagou e a escuridão as envolveu com seu frio manto, Laura grunhiu e enterrou o rosto entre as mãos. Como tinha sido tão estúpida para acreditar que Jay a desejava? Aquela situação era tão humilhante... Poderia algum dia voltar a olhá-lo à cara?

— O que fiz? — murmurou escondida entre as palmas de suas mãos.

— Onde está o problema? Dormiu com ele. Acaso não queria fazê-lo? — Erin deslizou a chave no contato e arrancou o carro.

— É óbvio que queria. E quem não? — Tampou os olhos com as mãos e sacudiu lentamente a cabeça de lado a lado.

— Certo. Está acostumado a causar esse efeito sobre as mulheres, verdade? Se tivesse a oportunidade, atiraria-me em cima. — Fez um som com a língua, como se chupasse.

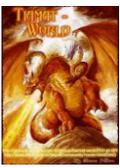
Laura olhou sua amiga e franziu as sobrancelhas, enquanto em sua mente se formavam imagens de sua amiga e Jay praticando o mambo horizontal. Sentiu o afiado guilhão de ciúmes e a ponto esteve de perder o equilíbrio.

— A questão é que não se deitaria comigo se as amostras não estivessem mescladas. Você mesma o disse.

Erin a olhou e sacudiu a cabeça.

— O que te faz pensar que não se deitaria contigo?

— Que o inferno ainda não se congelou. - Erin riu.



— Sério, Laura, o que te faz pensar que não gosta?

— Não sou seu tipo. Você mesma viu com seus próprios olhos o tipo de mulheres que costuma atrair. Sua amiga ajustou o retrovisor esquerdo do carro.

— Tem se olhado ultimamente? Já não é nenhuma monja, Laura.

— Sou um ímã de insetos estranhos.

— Não acredito.

— Bom, pois sou.

— Então Jay é o inseto estranho mais gostoso com o qual eu tenha cruzado alguma vez.

— Para que conste em ata, não dormimos juntos, mas, bem fizemos todo o resto.

Erin deu marcha ré e manobrou para incorporar-se à auto-estrada.

— Então, quer ou não se deitar com ele e acabar o que começaram?

Laura descansou as mãos sobre seu colo e olhou distraidamente a estrada.

— Não... Sim... Não sei. —Apoiou a cabeça contra o frio vidro da janela e suspirou.

— Bem, o que decide?

Que sentido tinha mentir? As expressões de seu rosto eram totalmente transparentes.

— Sim — admitiu finalmente em voz baixa, embora sabia que outra noite com ele equivaleria ao suicídio emocional. Nem sequer um colete anti-balas poderia protegê-la da forma em que a fazia sentir.

— Pois então vá encontrá-lo. Seduza-o amanhã de noite. Isso é o que eu faria.

— Há alguém em casa? Acredito que se esquece de algo, Erin. Deitou-se comigo porque as provetas estavam trocadas. Além disso, amanhã não quererá dormir comigo, entre outras razões porque o que lhe vou injetar é um inibidor.

Erin arqueou uma sobrancelha, enquanto em seus lábios se formava um sorriso brincalhão.

— Volta a trocar as provetas.

Laura abriu os olhos de par em par, surpreendida pelo que acabava de ouvir. Nunca lhe teria ocorrido fazer algo assim.

— Sou incapaz de fazê-lo.

— Mal, mal, Laura. Sempre jogando a ser a menina boa. Sempre seguindo as regras e pintando só dentro das marcas. Deixe te perguntar algo. Aconteceu isso bem com ele?

O termo «bem» era curto.

— Sim.

— E a ele pareceu bem?

Laura recordou seus olhos cheios de luxúria, a forma em que seu corpo tinha reagido e seus gemidos



de prazer no momento do orgasmo. Só pensar nisso fez que um tremor percorresse seu corpo.

— Suponho que sim.

Erin agitou uma mão no ar.

— Claro que sim. E voltaria a passar bem. Os dois o fariam. Assim onde está o problema?

Laura pôs os olhos em branco.

— Quer saber onde está o problema? Começemos por que é imoral... — respondeu, fazendo ênfase na última palavra — Além disso, o que acontece ao experimento? Temos que apresentar os resultados ante o comitê a semana que vem. E se não conseguirmos o que estão procurando, não aprovarão a subvenção e ficaremos todos sem trabalho, inclusive você — ameaçou, agitando um dedo no ar para enfatizar suas palavras.

— As palavras chave em tudo isto são «semana» e «que vem». Tem tempo mais que suficiente para provar o experimento e para penetrar entre os lençóis de um cara que tem fama de cumprir todos os desejos de uma mulher.

Laura olhou a sua amiga. Tinha comprovado que, em efeito, Jay era capaz daquilo e de muito mais. Em realidade, com ela tinha sido assim.

— Não tinha nem ideia de que fosse tão malvada. Me recorde que te despeça amanhã pela manhã — brincou.

Erin sorriu e deteve o carro frente ao apartamento de sua amiga.

— Pense nisso.

— Não — respondeu.

Laura cruzou os braços sobre o peito.

— Já o fiz e não penso te dar atenção — respondeu com rudeza. — Obrigado por me trazer, Erin. Nos vemos amanhã.

— Laura, espera. É verdade que tem que responder uns recados pela amanhã?

— Não — respondeu.

— Então passarei para te buscar e irmos juntas à partida. Não tem nenhum sentido que usemos dois carros quando tenho que passar por aqui igualmente.

Laura assentiu.

— Parece-me bem. Nos vemos amanhã, então. — Saiu do carro, despediu-se de sua amiga com a mão e correu para a entrada do edifício. Como podia ser que Erin tivesse sugerido algo tão ridículo?

Tratou de esquecer a conversa que acabara de manter com ela, mas, apesar de todos seus esforços, as palavras de sua amiga voltavam uma e outra vez a sua mente. Abriu a porta de vidro da entrada e



entrou no edifício. A única coisa na qual queria pensar era em tomar um banho quente, preparar uma xícara de chá e meter-se na cama para desfrutar de uma reparadora noite de sono antes da partida do dia seguinte. Não queria esbanjar nem um segundo a mais em algo tão estúpido. Porque quanto mais pensava nisso, melhor lhe soava a ideia. Santo Deus!

Capítulo 5

Ainda vestida com o uniforme de sua equipe de soft ball, Laura se deixou cair em uma das macias espreguiçadeiras do jardim privado do diretor, protegido do exterior por uma fileira de árvores. Com uma mão segurava um copo de limonada gelada e com a outra massageava o cotovelo que acabava de machucar. Levantou a cabeça e bebeu um gole de limonada. Ao seu redor, a decoração floral impregnava o ambiente com seu aroma e despertava os sentidos.

A razão pela qual o diretor quisera que ela jogasse como primeira base estava além de seu entendimento. Bom, talvez não de todo. Todo mundo sabia que era tão torpe que não podia nem pegar um resfriado com um Kleenex usado, assim, situando-a naquela posição, o diretor outorgava a sua equipe e a si mesmo uma vantagem bastante injusta. Talvez aquilo enchesse sua existência de “felicidade e harmonia”, embora obviamente ela não opinasse o mesmo.

Seus olhos vagaram entre seus colegas de trabalho até pousarem finalmente em Jay. Avançava em sua direção, rodeando o perímetro da piscina com forma de rim e em seguida abrindo caminho entre a multidão. Com os olhos fixos nele, estudou-o enquanto se aproximava. Tirou o uniforme que ressaltava com tanta precisão as linhas de suas coxas e de seu traseiro. Agora vestia uma bermuda de cor azul escura que deslizavam cintura abaixo até deixar descoberto seu corpo atlético. Laura olhou-o no rosto e continuou percorrendo o restante de sua anatomia, registrando cada um dos deliciosos detalhes da pele bronzeada, do peito esculpido e de seus firmes abdominais. Enquanto o devorava a distância, sentiu uma pontada intensa entre as pernas.

Passou a língua pelos lábios enquanto se perguntava que traje gostava mais, o uniforme ajustado de soft ball ou a sensual bermuda para nadar. De repente a malvada ideia da Erin, a possibilidade de trocar o conteúdo dos tubos, cruzou sua mente como um relâmpago. Sentiu como a luxúria se fazia mais e mais intensa, apesar de seus esforços para ignorar seus desejos.

Olhou a seu redor e se deu conta de que não era a única que desfrutava da vista. Um grupo de mulheres com os olhos cheios de lascivas promessas convidavam-no a que se unisse a elas na piscina.



Ele respondeu com um gesto de cabeça e logo voltou o olhar para Laura.

Seus olhos brilhavam com uma sensualidade escura e remota que lhe pareceu cálida e familiar. Com passos largos e determinados, Jay continuou avançando em sua direção.

Repentinamente, e como surgida de um nada, Sue, do departamento de contabilidade, materializou-se frente a ele como um cachorrinho mulherengo, ou mais como uma cadela no cio, lhe bloqueando o passo. Se aquela mulher tivesse rabo, agora mesmo o estaria abanando como uma louca.

Falaram durante um instante, mas Laura não pôde ouvir o que diziam acima do bulfício que procedia da piscina, onde alguns empregados disputavam uma partida de voleibol.

Com a cabeça inclinada para trás, a longa juba loira de Sue se agitava sobre seus ombros enquanto compartilhava alguma piada privada com ele. Seus generosos atributos encaixavam perfeitamente com a lista de requisitos básicos de Jay.

Parecia como se aquela mulher estivesse esperando que alguém lhe lançasse um osso. Os dedos de Laura se fecharam com força ao redor do copo que segurava enquanto um estranho som, primitivo e primário, escapava de sua garganta. Depois da noite anterior, ganhou um posto privilegiado na correria por tão cobiçado osso.

Amaldiçoou em voz baixa. O desejo se converteu em ciúmes, e o ciúme tinha matado o desejo. Ao menos ficava o consolo de ver como Jay deixava Sue a um lado e continuava avançando para ela.

Ajoelhou-se ao seu lado e fez com que o quente ar da tarde se estremecesse a seu redor. Laura inspirou, saboreando seu aroma masculino, rico em matizes, terrestre.

Ele se aconchegou a seu lado e ela sentiu uma baforada úmida entre as pernas. Deu a volta para olhá-lo aos olhos.

Tinha o cenho franzido e seus olhos não podiam ocultar a preocupação que sentia por ela.

—Está bem? — A rica cadência de sua voz provocou uma reação imediata no corpo de Laura, que inclinou a cabeça tratando de ocultar a expressão que acabava de florescer em seu rosto.

Jay segurou seu braço com mãos peritas para poder examinar seu rosto com maior detalhe. Laura não deixava de surpreender-se do quão reconfortada se sentia quando a tocava. Esfregou sua pele com o polegar, descrevendo pequenos movimentos circulares. Santo Deus! Reprimiu um gemido de prazer enquanto as tenras carícias de Jay lhe recordavam que já tinha utilizado aquele mesmo movimento com ela, mas em uma parte muito mais sensível de seu corpo.

— Deram-lhe uma surra na última corrida.

A fez esticar o braço e ela se queixou de dor.

—Ah — protestou, franzindo as sobrancelhas com todas suas forças enquanto rogava que aquilo



distraísse a atenção de Jay para longe da forma em que seu corpo não deixava de vibrar. — Bom, não tinha por que ter se lançado em engoma sobre a última base, sabe?

Seus olhos, emoldurados por umas longas e escuras pestanas, pareceram desculpar-se com ela. Inclinou a cabeça a um lado.

— Sinto muito, foi um acidente — O tom de sua voz era suave, tanto que Laura notou como lhe arrepiava o pelo. — Claro que quando me joguei ao Max na segunda não foi precisamente por acidente.

Olhou-o com a boca aberta, surpresa.

— Está me tirando o sarro? — Max Baker, um dos jovens assistentes do quinto andar, levava os últimos dois meses lhe pedindo um encontro. As mesmas quantas vezes lhe disse que não. Ele continuava insistindo.

O sorriso de menino mau de Jay adquiriu uma nota de maldade.

— Não.

— Por quê?

Repentinamente ele deixou de sorrir e franziu o cenho. Aquela faísca que brilhava em seus olhos não podiam ser ciúmes. Estava equivocada, certamente.

— Me enche o saco a forma em que te falta com o respeito. Já sei que me disse que podia se ocupar dele sozinha. — Os músculos de sua mandíbula se esticaram. — E sei que pode fazê-lo, mas preferiria que me deixasse lhe pôr as coisas claras. É evidente que não capitou a mensagem.

Seus olhos, de um azul intenso, percorreram as linhas de seu rosto e Laura sentiu que as palavras abandonavam sua garganta. Aquele olhar penetrante era capaz de deixá-la sem fôlego. Era impossível evitar o nó de desejo que se formava na boca do estômago.

— Olhe, trouxe um pouco de gelo — aproximou-se ainda mais dela e pôs uma bolsa de plástico sobre o cotovelo.

Aquela entrega, aquela sincera dedicação, acionou algo no interior de Laura. Quando levantou a vista e olhou aos olhos azuis e sedutores, teve que controlar suas emoções. Tragou saliva e tentou manter o tom de voz.

Umedeceu os lábios e tomou ar, incapaz ainda de encher os pulmões ao máximo.

— Obrigada. — Deixou a limonada de lado e segurou a bolsa de gelo. Voltou a levantar o olhar e sorriu. — Peguei-a. — Ele retirou a mão e seus dedos se roçaram por um instante. Aquela carícia, tosca e fortuita, despertou todos os sentidos de Laura e a deixou sumida em uma agradável calidez e necessitada do contato de sua pele.

Também se sentiu molhada.



Os olhos de Jay a observaram com ternura. Afastou uma mecha de cabelo da frente e ela sentiu de novo um calafrio que percorria suas costas.

— Quando derreter, me avise e trarei outra bolsa.

De novo aquela sensação cálida nas curvas mais secretas de sua alma. Estavam tão perto que a proximidade emocional entre eles era estranhamente intensa. Sempre havia sentido uma sensação de familiaridade quando estavam juntos, mas agora algo tinha mudado, surgira uma intimidade que anteriormente não tinha estado ali. Embora talvez aquilo não fosse mais que o produto de sua imaginação. De repente soprou uma suave brisa por todo o jardim da casa, que ajudou Laura a desfazer-se da sensação de calor. Jay não se moveu de seu lado. Era evidente que não tinha vontade de relacionar-se com seus companheiros, nem de dar um mergulho de cabeça na piscina, infestada de piranhas de longa cabeleira loira à espreita de uma presa.

Ela temia que Jay quisesse falar do experimento da noite anterior, assim decidiu evitar o tema e falar de Bonnie e Clyde. Olhou-o e arqueou uma sobrancelha.

— Funcionou o novo soro que injetou ontem à noite ao Clyde?

Jay franziu o cenho e suspirou. Sentou-se aos pés da espreguiçadeira com as pernas cruzadas, enquanto os músculos de seu corpo se esticavam e se relaxavam com cada movimento. Passou a mão pelo queixo e sacudiu a cabeça. Apertou a mandíbula e adotou sua expressão mais profissional.

— Não, merda. Por isso mesmo temos que prová-lo outra vez em mim, esta mesma noite. Preciso sentir os resultados para poder documentá-los corretamente — respondeu, murmurando maldições silenciosas entre dentes.

Laura também se deixou levar por seu lado mais profissional e redirecionou seus pensamentos.

— Não sei Jay, sigo pensando que falta algo na fórmula. É como se estivéssemos passando por cima de algo, um detalhe insignificante, mas vital — mordeu o lábio inferior, concentrada nos termos da investigação. — E não consigo saber o que é.

O som de uns pés nus sobre o atalho de cimento anunciou a chegada do diretor.

— Bom, bom, olhe estes dois, perdidos em seus pensamentos. — Laura inclinou a cabeça, protegeu os olhos do intenso sol da tarde com uma mão e viu como Reginald Smith se aproximava.

O diretor inclinou a cabeça para frente. A juba, de cabelos grossos e grisalhos, cobria-lhe os olhos, enquanto seu olhar se deslocava até a bolsa de gelo que cobria o cotovelo de Laura.

— Como tem o braço?

Ela o esticou e logo voltou a dobrá-lo, ignorando a dor.

— Bem, só um pouco dolorido.



Reginald meteu as mãos nos bolsos do ajustado traje de banho cor laranja berrante, que sem dúvida levava dando voltas por seu armário ao menos desde os anos sessenta. Aquela não era a melhor indumentária para um homem de sua idade e tamanho.

Embora parecesse relaxado, a expressão de seu rosto dizia justamente o contrário. Antes de tudo, ele era um homem de negócios ao que não gostava que o subestimassem.

— Bem. Não queria que este pequeno incidente interferisse com a apresentação de resultados ante o conselho da próxima semana.

Os dedos de Jay deslizaram pela perna de Laura. Deteve-se a altura do tornozelo e o apertou brandamente. Uma mensagem silenciosa para que seguisse a corrente. O tato de suas fortes mãos sobre sua pele nua lhe trouxe lembranças da noite anterior e fez mais difícil ainda que pudesse formar um só pensamento coerente. Dissimulou um calafrio, ignorou o provocador passe de descargas que estava tendo lugar dentro de sua cabeça e abriu a boca para falar.

— Nada interferirá na apresentação — disse Jay. Em seguida olhou para Laura — Verdade?

Ela tentou aparentar tranquilidade e rezou para que sua voz não a traísse. Olhou Jay aos olhos e assentiu.

— Verdade.

Reginald inclinou a cabeça e se centrou em Laura.

— Assim, deduzo por suas palavras que tudo segue segundo o plano — disse sem afastar o olhar dela nem um segundo.

Laura clareou a garganta e tratou de concentrar-se.

— Naturalmente — respondeu, com muito mais convicção do que em realidade sentia. — Trabalhamos muito duro neste projeto.

“Duro” era a palavra chave. Embora reservasse para si mesma como a estava aplicando.

— É óbvio. Os dois sabem quão importante é essa subvenção para o centro. E se tudo sai segundo os planos, o próximo inverno poderão começar com as provas preliminares para achar a fórmula para prolongar o prazer, a nova revolução farmacêutica desenhada para garantir ereções prolongadas e orgasmos múltiplos.

Jay e Laura assentiram em uníssono e logo ele tratou de re-dirigir a conversa.

— Sabe-se algo do arrombamento?

— Seguimos trabalhando nisso — Reginald sacudiu a cabeça, claramente contrariado, ao ver sua maravilhosa esposa Verônica aparecer ao seu lado. — O detetive Doyle acredita que foi alguém de dentro.

Verônica franziu os lábios, retirou os escuros cachos de sua juba dos ombros e deslizou seu magro



braço ao redor da protuberante cintura de seu marido.

— Ao menos Laura foi o suficientemente inteligente para guardar os arquivos fora do laboratório — acrescentou Reginald.

Jay sorriu para Laura.

— Essa é minha garota. A mais brilhante do lugar. A mais brilhante do lugar.

Não a mais sensual.

Ou a mais atraente.

Ou aquela a que morria de vontade de levar para a cama, a que lhe arrancaria a roupa com os dentes e ataria a cabeceira da cama para percorrer todo seu corpo com a língua até que... Deus santo!

Verônica se meteu então na conversa e Laura encontrou em suas palavras a forma de desencardir seus pensamentos e pôr os pés de novo sobre o chão.

— Vamos, Reggie, já conhece as regras: nada de falar de trabalho. E, além disso, requerem sua presença no churrasco.

Reggie, como sua esposa o chamava com tanto carinho, passou um braço ao redor dos ombros desta, deu a volta e acrescentou por cima do ombro:

— Espero ter esse relatório em cima de minha mesa antes da reunião do comitê. Quando finalmente estiveram o bastante longe para que não pudessem ouvir, Jay se inclinou para a Laura e disse:

— Como consegui um pit bull como ele encontrar a uma gatinha como ela? - Laura deu de ombros.

— Não tenho nem a mais remota ideia.

Um sorriso brincalhão apareceu nos lábios de Jay.

— Pode ser que a mantenha satisfeita a base de algum potenciador da libido —brincou. — É incrível o que essas substâncias podem fazer na gente.

Laura tragou saliva.

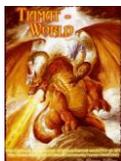
— Sim, verdadeiramente incrível — respondeu, obrigando-se a sorrir. Seu estômago deu um tombo e suas tripas rugiram. Sabia muito bem quão poderoso podia ser um potenciador. E ele também sabia.

— Tem fome?

Era uma desculpa tão boa como qualquer outra para explicar o ruído de suas tripas.

— Sim. — Aproveitou a ocasião para trocar rapidamente de tema, tratando de ocultar a verdadeira razão pela que lhe tivesse revoltado as vísceras.

Laura se fixou então em Erin, que acabava de abrir as portas do pátio e saía ao exterior. Trocou-se e agora levava um traje de banho de uma peça de uma intensa cor amarela que acentuava as sensuais curvas de seu corpo. Com um gesto de mão, Laura a convidou a que se unisse a eles.



Jay ficou em pé e arqueou uma sobrancelha, no que já era sua careta interrogativa por excelência.

— O de sempre? — perguntou com voz suave — Um cachorro quente com mostarda?

— Sim, obrigado. — Tanta consideração por sua parte abrandou seu coração. Deus, era tão adorável...

Enquanto se afastava, levou consigo toda sua atenção.

Erin se deixou cair na espreguiçadeira contigua e fez Laura retornar à realidade com sua pergunta:

— Como está seu namorado?

Laura levantou o queixo uns centímetros e apertou os dentes com força.

— Não é meu namorado.

— Bom ao menos você gostaria que fosse, não? — insistiu Erin. Cansada do tema, Laura se limitou a revirar os olhos.

— Quantos anos tem? Doze?

Erin riu e estirou as pernas.

— Atenção, chefe, *tristão* às duas em ponto.

Laura levantou a vista e viu Max Baker avançando em sua direção. Estava ajustando os óculos enquanto passava a mão por seus macios cachos dourados, que sempre a faziam pensar em uma juba de leão.

— Seja boa, Erin — advertiu Laura a sua amiga — Não deveria pôr apelido às pessoas.

Antes que Max chegasse onde elas estavam, o diretor bloqueou seu passo e começou a falar com ele.

Pela expressão do rosto de Reginald, aquela parecia ser uma conversa importante.

Erin encolheu de ombros.

— Não é culpa minha que esse menino se comporte como um autêntico *tristão* — ficou calada um instante, algo extremamente estranho nela, e logo acrescentou, como se tivesse ocorrido nesse mesmo momento — E seu fôlego cheira como se acabasse de sair de um ataúde. — Levantou as mãos ao céu. — E por que demônios não corta esses cabelos? Parece um desses bonecos aos que, quando os rega, sai erva da cabeça.

Laura dissimulou uma gargalhada.

— Erin, cala-se! Vai ouvir — Esticou um braço e lhe deu um soco na coxa. A garota se limitou a sacudir a cabeça, consternada.

— Certo, retiro-o.

— O que retira?

Sua amiga suspirou claramente resignada.

— Tinha razão, é um ímã de insetos estranhos.



Os lábios de Laura se contraíram até converter-se em uma fina linha rosada.

— Sabe que odeio te dizer “te disse”. — Deixou a bolsa de gelo de lado e agarrou seu copo.

— Estou segura de que todos seus amigos imaginários também estão louquinhos por seus ossos — sussurrou Erin, inclinando-se para sua amiga.

Esta vez Laura foi incapaz de dissimular uma sonora gargalhada. Entretanto, o sorriso desapareceu rapidamente de seu rosto ao ver como uma das piranhas saía da piscina e se dirigia ao Jay, que estava junto a churrasqueira. A expressão daquela mulher era mais falsa que uma nota de três reais. Laura se sentiu como se alguém acabasse de lhe dar uma patada na boca do estômago. Aquela mulher, aquela piranha, não afastava os olhos de Jay, provocando-o, retorcendo o cabelo com as mãos e deixando que a água escorresse entre seus peitos. Laura teria preferido não olhar, mas aquela piranha a tinha intrigado. Santo Deus parecia ser capaz de deixar um osso limpo de carne em somente uns segundos. Ainda não tinha nascido o homem que pudesse sobreviver ao ataque de uma devoradora de homens de semelhante índole.

Jay, entretanto, não parecia estar disposto a cair em suas garras. Retrocedeu um passo. Tão somente foram uns centímetros, mas resultou suficiente para que pudesse recuperar seu espaço vital, e Laura sentiu prazer e surpresa em partes iguais.

Finalmente, afastou o olhar da cena e sussurrou em voz baixa:

— Maldita piranha.

Não tinha direito de estar ciumenta, e sabia. Eram companheiros de laboratório, nada mais. Sabia no que estava se metendo quando aceitou tomar parte daquele projeto. O acontecimento da noite anterior não tinha sido mais que um experimento, e eles não eram dois amantes trocando intimidades.

Limpou umas gotas de suor da testa com o dorso da mão.

— Tenho que me trocar. — Sua voz soou mais áspera que o habitual. Pôs os pés no chão e se levantou.

Erin lhe fez um gesto com a cabeça para advertir que Max avançava de novo entre a multidão para elas.

— Será melhor que corra antes que Max te apanhe, ou do contrário nunca se desfará dele. Parece-me, pela expressão de sua cara, que a próxima vez que te peça um encontro não vai aceitar um não por resposta.

Laura assentiu e olhou de novo em direção ao Jay, enquanto recolhia sua mochila.

A piranha espreitava cada vez mais perto e parecia pronta para afundar seus dentes nele.

Erin ficou de pé e levou as mãos à cintura.



— Essa piranha está tentando caçar ao seu namorado?

— Repito que não é meu namorado — retificou Laura de novo.

A jovem a ignorou por completo. Arqueou uma sobrancelha e em seus lábios floresceu um sorriso malicioso.

— Já sabe que só existe um lugar ideal para as piranhas.

Laura abriu os olhos de par em par.

— Não seria capaz.

— Você acha? — Inclinou a cabeça e uma faísca iluminou seus olhos escuros. — Já o veremos.

Avançou para a casa, olhando pela extremidade do olho para não perder um detalhe.

O certo é que não tinha direito a exortar Erin para comportar-se como uma menina de doze anos. Seu lado mais infantil desfrutou extremamente ao escutar o grito histérico da piranha segundos antes de cair na piscina.

A voz de Erin ressonou por cima da multidão.

— Perdoa, não tinha te visto.

Laura mordeu o lábio, dissimulou um sorriso e sacudiu a cabeça enquanto entrava na casa. Precisava sair daquele uniforme asfixiante e refrescar-se na piscina.

— Não seria mais que outro entalhe na cabeceira de sua cama e sabe disso.

A voz provinha de algum ponto atrás dela. Ficou petrificada. Quando finalmente deu a volta se encontrou cara a cara com Max e em seu rosto desenhou um sorriso forçado.

— Desculpa?

— Não seria mais que outro entalhe na cabeceira de sua cama — repetiu ele.

Erin tinha razão. Seu fôlego cheirava como se acabasse de escapar de um ataúde.

Laura se ergueu em toda sua estatura, tratando de nivelar seu olhar com o dele. Em seguida, e sem mal dar-se conta, estava defendendo Jay.

— Agradeceria que não falasse assim de meu companheiro de laboratório.

Max tratou de dissimular um sorriso irônico e entreabriu seus pequenos e brilhantes olhos com ar calculista.

— Talvez já sejam algo mais que isso.

A raiva fez com que Laura se ruborizasse violentamente.

— Não acredito que minha vida sentimental seja de sua incumbência.

— Sentimental? — respondeu Max com uma gargalhada. — Isso é o que crê que seja?

O aroma de seu fôlego revolveu seu estômago. Sentiu como seu corpo se esticava.



Abriu a boca para responder, mas ele não a deixou falar.

— Esse cara não tem nem ideia de como tratar a uma mulher — disse com uma careta zombadora na cara.

Laura deu a volta e olhou de esguelha para onde sabia que encontraria Jay.

Observou-o enquanto preparava o sanduíche que lhe tinha pedido. Sentiu uma calidez entristecedora no coração. Estava claro que sabia sim como tratar uma mulher.

O problema era que certamente tratava a muitas.

Sem dar a satisfação ao Max de saber que suas palavras a tinham afetado, Laura repetiu com voz firme:

— Repito que agradeceria que não falasse assim de meu companheiro de laboratório.

Ele ignorou suas palavras e se aproximou ainda mais dela, com um sorriso sedutor nos lábios.

— O que acha de nos encontrarmos esta noite, Laura? Você gostaria de ir a algum lugar? Ou talvez, pudéssemos ficar em casa. Poderia comprar comida chinesa e jantar em seu apartamento. Ou então poderia me preparar algo.

Encantador.

Que horror! Esse tipo estava se voltando mais atrevido por momentos. Menos mal que seu contrato de três meses estava a ponto de acabar e então o perderia definitivamente de vista. Se não fosse assim, talvez se visse obrigada a denunciá-lo por perseguição sexual.

Recolheu sua mochila do chão e a segurou pelas alças com tanta força que os nódulos ficaram brancos.

— Esta noite Jay e eu temos trabalho. — Olhou para onde estava Jay, quem, como se tivesse a capacidade de perceber sua angústia, devolveu seu olhar. O olhar de Laura provocou uma reação imediata nele. Era assombrosa a forma em que pareciam estar conectados. Ele arqueou uma sobrancelha e avançou um passo em direção a casa. Olhou-o e assentiu levemente, fazendo-o saber que tinha a situação sob controle.

Max meteu as mãos nos bolsos.

— Parece bem para você amanhã?

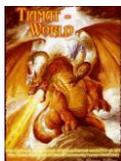
Será que era incapaz de captar uma indireta? Ou inclusive um comentário direto?

— Também trabalharei — respondeu ela, lhe dando as costas.

— Gostaria de te ensinar como se deve tratar uma mulher — murmurou ele em voz baixa.

Laura apertou os dentes, deu a volta e acrescentou:

— Só para que fique claro, Max. Sei muito bem como gosto que me tratem.



Jay tinha se ocupado de mostrar a lástima que seria nunca mais sentir suas mãos lhe acariciando a pele nua, ou o tato de seus lábios sobre os seus, nos seios e entre as pernas. Um suave comichão percorreu suas costas enquanto recordava todas aquelas carícias.

Não, estava segura que jamais voltaria a experimentar sensações como aquelas.

A menos, claro, que trocasse os tubos.

Santo Deus!

Capítulo 6

Com um cachorro quente coberto de mostarda em uma mão e um copo de limonada na outra, Jay avançava para a casa, em busca de Laura. Tinha-a visto atravessar as portas envidraçadas que davam ao pátio não fazia muito, mas não a viu sair.

O que estaria fazendo?

Diferente do restante de mulheres que tinha ao seu redor, ela não era o tipo de garota que passaria horas arrumando-se. Deteve-se um momento a pensar em quão refrescante resultava saber disso.

Talvez estivesse escondendo-se de Max. Jay sentiu crescer a ira em seu interior.

Quisesse ela ou não, pensava ocupar-se daquele tipo de uma vez por todas.

Utilizando o cotovelo, bateu na porta do lavabo.

— Laura, está aí?

Respondeu-lhe uma voz masculina, assim imaginou que ela estaria em outra parte da casa. Uma inspeção minuciosa do andar térreo tampouco deu resultados. Talvez tivesse ido ao lavabo do primeiro andar para trocar-se. Esteve muitas vezes naquela casa, em inúmeras jornadas para estreitar laços com seus companheiros, de modo que conhecia a distribuição como a palma de sua mão. Subiu as escadas de dois em dois e avançou pelo comprido corredor.

A porta do lavabo estava aberta. Empurrou-a ligeiramente com a ponta do pé. Abriu a boca para chamá-la, mas de sua garganta não surgiu nenhum som, extasiado como estava ante a visão com a que se encontrou.

Ali estava Laura, vestida unicamente com calcinhas de seda branca e um sutiã a jogo, inclinada sobre o lavabo e escrevendo algo em seu caderno com tanta dedicação que sequer tinha ouvido seus passos. A cabeleira caía por um lado do rosto, como uma cascata, ocultando seu rosto.

Jay observou a cena com muda fascinação, incapaz de pronunciar nenhuma só palavra. Sua mente



trabalhava freneticamente, tratando de procurar as palavras que melhor descrevessem o que tinha ante seus olhos.

Tanta beleza o deixou aniquilado. Seu corpo reagiu com a urgência do desejo. Deus, a sentia tão próxima, era tão consciente de sua respiração, de seus movimentos, de cada uma das sensuais curvas de seu corpo. Entre suas pernas, a pressão se fez cada vez mais intensa. Em sua boca, mal ficava uma só gota de saliva.

Os raios do sol que entravam pela janela acentuavam a beleza de seus suaves ângulos. Jay registrou com precisão quase científica cada detalhe. Tinha as costas arqueadas e um joelho dobrado para frente, e o traseiro ligeiramente empinado. Da posição em que ele estava a visão de seu voluptuoso contorno era inesquecível.

Santa Mãe de Deus!

Enquanto entre suas pernas tudo cobrava vida, deu-se conta de quanto gostava das femininas curvas do corpo de Laura.

Cada pequeno detalhe em sua postura o atraía irremediavelmente e o bombardeava com o desejo mais primitivo que jamais tinha experimentado.

Seus músculos se esticaram. Seu membro ficou rígido. Seus testículos se contraíram.

Estava à beira da loucura. Precisava acariciar aquela pele nua com os dedos, envolver seus peitos com as mãos e lambe os mamilos até fazê-la gritar de prazer. A boca encheu de saliva ao recordar o sabor daquelas pérolas nacaradas e a forma em que se endureciam sob o inquieto toque de sua língua.

Todos seus instintos ordenavam que a fizesse sua ali mesmo, sobre a pia do lavabo, durante toda a noite. A luxúria se apoderou dele e o impulsionou com a força de um tsunami.

Queria dar rédea solta a suas fantasias, encher as necessidades de seu corpo, aproximar-se dela por detrás, afastar para um lado a fina seda que cobria seu sexo e perder-se dentro dela até que seus gemidos de prazer se confundissem com os dele.

Até o último centímetro de seu corpo gritava que a possuísse. Deus, quanto desejava fazê-lo. Hoje. Amanhã. A próxima semana. Sempre.

OH, Deus!

De repente, começou a tremer da cabeça aos pés.

Clareou a garganta, obstruída pelo amontoado de emoções que Laura despertava nele. Ela se voltou surpresa.

Olhou-o fixamente, mas sem mover um milímetro. Seus olhos eram de um verde intenso, e as pestanas que os emolduravam, frondosas e escuras.



Finalmente, ele soube qual era a palavra exata. Impressionante.

— Jay?

— Sim? — respondeu ele, tragando saliva.

Ela tinha os olhos cheios de vida, banquete de uma intensa excitação.

— Acredito que encontrei a solução.

Ele deu um passo adiante, e as pernas tremeram ao fazê-lo.

— A solução a que?

— A fórmula. Acredito que já sei o que é o que nos falta.

O suave sussurro de sua voz o cobriu como uma onda de desejo. Mal era capaz de ter um só pensamento coerente.

— Diz a sério?

Ela assentiu entusiasmada.

Emocionado pelas possibilidades que se abriam ante eles, disse:

— Mostre-me — aproximou-se dela por detrás, deixou o sanduíche e o copo de limonada no lavabo e olhou por cima do ombro da Laura.

Ela passou os dedos pelo cabelo, agarrou uma caneta e percorreu com ela a superfície do caderno.

— Quando esquentamos o composto ALD, a estrutura subcelular muda. Sendo que necessitamos que o ALD combine-se com os hormônios para conseguir uma maior estabilização, proponho que acrescentemos dois centímetros cúbicos dos PCs sintético ao soro para que o ALD possa manter sua estrutura. Minha hipótese é que a interação molecular produzirá o resultado que estivemos procurando.

Ficou calada, lhe dando uns instantes para que assimilasse a informação e estudasse sua teoria. Nos lábios de Jay se formou um leve sorriso. Sacudiu a cabeça, maravilhado ante tanta inteligência. Essa mulher nunca deixava de surpreendê-lo.

Nem de excitá-lo.

— Laura, é brilhante.

Jay observou seu reflexo no espelho do lavabo. Ela inclinava a cabeça timidamente, como se considerasse sua inteligência um mero defeito de sua personalidade. Uma mecha de cabelo lhe tampava o rosto. Ele o retirou com suavidade com os dedos até aprisioná-lo detrás da orelha, e ela tremeu ante aquele gesto tão íntimo.

Será que não se dava conta do quão sensual era sua inteligência?

Jay se deteve um instante para meditá-lo. Talvez tenha chegado a hora de demonstrar-lhe, Jay se inclinou sobre ela deliberadamente.



— E como chegou a essa conclusão? — Perguntou-lhe enquanto estudava o diagrama.

Ela mudou de posição e roçou sua virilha com a doce curva de seu traseiro. Deus, quanto desejava ajoelhar-se no chão e arrastá-la com ele.

Seus olhares se encontraram no espelho.

— Estava aqui me trocando... — de repente pareceu recordar que estava quase nua. Perdeu o fio de suas palavras e em suas bochechas se materializou um intenso rubor rosado.

Jay se inclinou sobre ela deliberadamente, tratando de criar um momento de intimidade entre os dois. Seu torso se amoldou aos suaves ângulos das costas de Laura. Seu aroma tão quente, tão familiar, apoderou-se de todos seus sentidos e o encheu de um profundo desejo.

Tirou a caneta de sua mão, roçando a pele dos dedos enquanto a puxava para ele. Com o polegar sobre um dos extremos da caneta, começou a brincar com o botão que acionava o mecanismo, comprimindo-o metodicamente, fazendo que a ponta saísse e entrasse, saísse e entrasse, imitando o movimento que tanto gostaria de praticar com ela.

A respiração de Laura se voltou mais profunda. Umedeceu os lábios com a língua, enquanto tentava controlar o tremor que sacudia seu corpo. Ele sentiu sua excitação, cada vez mais intensa, enquanto observava-o encantada brincar com a ponta de sua caneta.

Jay ancorou os pés no chão e apoiou as mãos no lavabo, encerrando Laura em uma jaula entre seu peito e o frio mármore. Aproximou a boca ao seu pescoço e inspirou. Um gemido escapou de sua garganta ao perceber o aroma sensual e intenso que desprendia sua pele.

— E bem? —perguntou.

O corpo de Laura, cativo entre seus braços, pareceu perder força e sua voz tremeu.

— Pois... — continuou — Estava olhando a partida de voleibol pela janela — deteve-se, tragou com força e continuou. — Alguém salpicou água sobre o churrasco. Ao ver como se evaporava ao contato com o calor, minha mente começou a funcionar a todo vapor.

Ele gemeu contra a delicada pele de sua garganta.

— Deus! Adoro como funciona sua cabecinha.

Ela jogou a cabeça para trás. Seus olhos, sempre tão expressivos, obscureceram-se e pareciam cheios de um desejo urgente e animal. Uma mecha de seu cabelo acariciou furtivamente o pescoço de Jay e isso fez com que uma sucessão de calafrios chegasse até a última curva de seu corpo.

Laura riu, com uma gargalhada íntima e sussurrante. Suas escuras pestanas não deixavam de revoar.

— Sério?

— A sério — respondeu ele. Deus, era uma mulher tão incrível... Lhe fez um nó na garganta, sem



dúvida fruto do amontoado de emoções que se amontoavam em sua mente — Sua inteligência não deixa de me assombrar.

Ela se refugiou de novo em seus papéis.

— Percebo.

Não, em realidade não percebia. Não tinha nem ideia do efeito que sua inteligência causava nele.

— Não só me assombra, Laura.

— Não? — O sorriso de seus lábios tremia quase tanto como sua voz.

Ele a atraiu para seu corpo, apertando seu sexo, mais proeminente por momentos, contra o traseiro dela. Era uma mensagem silenciosa carregada de significado.

A respiração de Laura se voltou mais rápida, mais entrecortada. Com o cenho franzido, olhou para a porta do lavabo, que seguia aberta. Jay leu imediatamente em sua linguagem corporal o que era que a preocupava.

Em um intento de fazer que se sentisse mais cômoda, afastou-se um instante, fechou a porta e correu o trinco. Logo, com a agilidade de um predador, aproximou-se de novo dela. Laura respirou profundamente enquanto ele a aprisionava de novo no cárcere de seu abraço e apertava outra vez o vulto que pulsava entre suas pernas contra seu traseiro. Passou os braços ao redor da cintura e a prendeu entre seus braços.

— Agora ninguém poderá nos ver, preciosa — sussurrou ao ouvido. — Posso fazer o que quiser contigo e ninguém tem por que saber. — Tudo em Laura lhe parecia tão íntimo e tão perfeito.

Os olhos dela brilharam e Jay teve a resposta que tinha estado esperando. Desejava-o tanto quanto ele a desejava. Percorreu com as mãos as suaves curvas de seu corpo e se inclinou para diante para lhe acariciar os peitos, percorrendo suas linhas por cima do fino sutiã. Queria provocar a mesma reação selvagem que ela provocava nele. Roçou brandamente a dura superfície de seus mamilos com o dedo polegar. Era como se o corpo de Laura estivesse a beira da ebulição.

Enquanto isso, ela se agarrou aos cantos de mármore do lavabo. O vermelho de suas bochechas parecia cada vez mais intenso. Já não havia espaço para dúvidas. Em seu lugar, quão único ficava era luxúria desenfreada.

— Pode chegar alguém — disse Laura, sem muita convicção. Ele sorriu.

— Alguém vai chegar, disso não cabe a menor dúvida — lhe assegurou com ar zombador, sentindo como tremia entre seus braços, como desejava ver cumprir a promessa que se escondia em suas palavras.

Jay a olhou através do espelho e um calafrio percorreu seu corpo. Podia sentir os batimentos de seu coração, bombeando sangue em uma amalucada cadência. Adorava a forma em que seu corpo respondia a



suas carícias.

Os olhos de Laura estavam nublados pelo fogo e a paixão, e de sua garganta emergia um gemido, grave e contínuo. Inclinou a cabeça a um lado e sua escura juba ficou suspensa no ar. Deus! Desejava-a como nunca antes tinha desejado nenhuma outra mulher.

De repente, ela arqueou as costas, exercendo ainda mais pressão sobre sua virilha. Os olhares de ambos se encontraram através do espelho e ela mordeu o lábio provocativamente. Quando o olhava com tanto desejo, Jay não podia evitar que tudo em seu interior se derrubasse.

Pela janela penetravam as vozes daqueles estranhos que ocupavam o jardim e desfrutavam de um dia de feriado escolar.

Jay baixou a voz e aproximou os lábios à orelha de Laura.

— Não te parece excitante fazê-lo aqui, no lavabo do diretor, com toda essa gente aí fora?

Ela respirou profundamente e seus peitos subiram e baixaram com o movimento.

Aquilo foi suficiente para responder a sua pergunta. Um primitivo desejo o percorreu por dentro, enquanto que seu coração pulsava desbocado.

Laura deixou escapar uma risada nervosa e carregada de paixão ao mesmo tempo.

— Somos maus, Jay.

A hipnótica cadência de sua voz despertou todos os sentidos de Jay e captou por completo sua atenção. O coração pulsava de forma descontrolada. Sentia que perdia a cabeça por momentos. Santo Deus, nunca antes teve que se enfrentar a sentimentos tão intensos como aqueles, que estavam a ponto de fazer com que perdesse o controle.

Os gemidos de Laura, profundos e sensuais, trouxeram-no de volta ao mundo real.

O ambiente estava cada vez mais carregado com o intenso aroma de excitação.

Respirou profundamente o intenso aroma que ela desprendia, saboreou-o, e imediatamente sentiu o desejo de saquear seu corpo, percorrer suas curvas, abrir caminho entre suas pernas e saborear de novo os doces sucos de sua feminilidade.

— Muito maus, eu que o diga. — Afastou-lhe o cabelo do rosto prendendo-o atrás das orelhas e lhe acariciou o pescoço com a ponta dos dedos.

— Me diga, Laura — sussurrou — não terá, por acaso, uma camisinha na mochila, verdade?

— Temo que não — respondeu ela, claramente frustrada.

— Tudo bem, preciosa, me ocorre muitas outras coisas que podemos fazer.

Os cubos de gelo que flutuavam na limonada se chocaram entre si. De repente, ao ouvir o som, Jay teve uma ideia, selvagem e certamente malvada. Claro que sim, podiam fazer muitas outras coisas,



algumas delas sujas e depravadas.

Sem muitos olhares, segurou-a pela cintura e a obrigou a girar sobre si até que estivessem cara a cara. Pôde ver em seus olhos o reflexo de seu próprio desejo. Inclinou-se sobre ela até que entre suas bocas mal houvesse uns milímetros de distância. O cabelo lhe caía pelo rosto em enormes cachos de cabelo castanhos e se precipitava formando ondas além dos ombros. O intenso aroma de sexo saturava a pequena estadia.

Jay afundou os dedos em seu cabelo e inclinou a cabeça a um lado até que pôde fixar o olhar em seus lábios perfeitos. A febre se apoderou dele e cobriu sua pele de pequenas gotas de suor.

Finalmente, não sem muito esforço, falou.

— Como está o cotovelo?

Ela piscou, com uma expressão de perplexidade no rosto e as bochechas tintas.

— O que? — perguntou aparentemente confusa pela repentina mudança de tema.

Jay riu entre dentes. Respirou profundamente. Não deixava de lhe surpreender aquela habilidade que parecia ter para pegar despreparada a uma mente tão brilhante como a de Laura.

— O cotovelo. Ainda dói?

— Um pouco — respondeu ela, exalando as palavras na boca de Jay.

Sorriu com doçura, enquanto no peito o coração dava um tombo.

— Sinto-me responsável por ter se machucado. — Sua voz parecia muito mais profunda.

Ela passou a língua pelo lábio inferior para umedecê-lo e logo lhe sorriu com genuína sinceridade. Deus, aquela mulher lhe tirava o fôlego.

— E faz bem. Foi você quem se atirou em cima. — A cadência melódica de sua voz deixava entrever a intensidade da paixão que sentia.

Jay riu enquanto acariciava sua bochecha com os nódulos.

— Então deveria ser eu a curar suas feridas com um beijo. — E percorreu seus lábios com o dedo polegar.

Ela abriu ligeiramente a boca, mas ele não necessitava um convite. Caiu sobre ela como um predador, lhe roubando as respostas da boca. Quando seus lábios se encontraram, da garganta do Jay emergiu um gemido longínquo e profundo.

Aceitou-o e atraiu a língua dele para sua boca. Acariciou com as mãos a parte superior de seu corpo nu, ao princípio indecisa, porém, ao sentir o gemido de aprovação dele, com maior decisão. Deslizou os dedos por seus ombros, pelos flancos, e introduziu uma mão entre os dois para poder acariciar sua ereção.

Santo Deus!



Jay sentia como o sangue percorria suas veias em uma carreira desenquadrada. O coração pulsava com a força de um martelo.

Possuído por todas aquelas sensações eróticas, cobriu de beijos a face de Laura, o pescoço, e continuou descendendo. Deus, o calor que desprendia do seu corpo abrasava sua pele. Percorreu-a com as mãos, mas mesmo assim Jay parecia não ter nunca suficiente. Não só queria saborear suas maravilhosas curvas. Necessitava-o urgentemente.

Com movimentos rápidos e precisos, Laura acariciou seu membro através do tecido do traje de banho, afugentando qualquer pensamento racional de sua mente. Tremeram-lhe os joelhos e teve que concentrar-se para não perder o equilíbrio.

— OH, Jay. O soro. Ontem à noite. Os efeitos secundários. — Sua voz parecia quebrada, fraturada.

Laura estava falando, lhe dizendo algo, mas entre o ensurdecido batimento do coração, o zumbido nos ouvidos e aquelas palavras quase incompreensíveis, Jay mal entendeu algo.

Possuído pelo desejo teve que reunir toda sua força de vontade para não lhe arrancar as calcinhas e fazer com ela o que tanto desejava. Tinha que acalmar-se, fazer as coisas direito, antes de poder entregar-se finalmente a aquele prazer inimaginável.

Tinha que fazê-lo por ela.

Respirou profundamente e se esforçou em manter o pouco controle que ainda ficava.

Ficou de joelhos, acariciou a pele nua de suas pernas e a segurou pela cintura com força, enquanto inalava o aroma de sua excitação.

Levantou o olhar e suspirou.

— Dói em algum outro lugar, Laura?

Arqueando-se contra seu corpo, ela assentiu e deslizou as mãos sobre a pele de Jay, afastando seu cabelo da face. O suor cobria a pele de ambos e unia seus corpos como se só fosse um.

Ela percorreu cada centímetro de sua anatomia com o olhar, o que fez com que ele sentisse um calor quase insuportável. Jay acreditou que enlouqueceria, enquanto um suave tremor percorria suas costas.

Fechou os olhos e se deixou levar por aquela maré de sensações.

— Diga onde dói para que possa te curar — Sua voz era cada vez mais grave.

Os olhos verdes de Laura se voltaram mais escuros, consumidos pela paixão, e sua respiração era um som queixoso.

— Dói aqui.

Seu fôlego, doce e perfumado, acariciou a face de Jay. Com mãos trementes, agarrou seus próprios peitos e os ofereceu como se fossem uma oferenda, enquanto com os dedos acariciava os mamilos,



tratando de aliviar o desejo.

Santo Deus! Uma baforada de prazer percorreu o corpo de Jay. Agarrou as mãos dela e as ancorou nos flancos de seu corpo, enquanto com a boca procurava ansioso seu mamilo endurecido. Beijou-os e os acariciou com a língua através da fina seda do sutiã. Agarrou o tecido com os dentes e puxou até liberar aqueles maravilhosos peitos de seu cárcere.

— São tão bonitos... — disse, acariciando a pele com seu quente fôlego.

— OH, Jay — sussurrou ela, arqueando-se ainda mais contra sua boca. O fogo que ardia descontrolado em seus olhos lambeu todo o corpo de Jay.

Com um profundo gemido, ele começou a cobrir um mamilo com famintas lambidas, a puxar com os dentes, a chupar, mordiscar e desfrutar de seu doce sabor até que os gemidos de Laura se uniram aos seus. Dirigiu então sua atenção ao outro peito, que recebeu a mesma cascata de beijos e carícias. Deus, como gostava da forma em que inchavam dentro de sua boca...

Como se tratasse de desfazer-se de outra intensa dor, Laura esfregou o quadril contra o corpo de Jay. Foi um movimento discreto, mas mesmo assim não passou despercebido.

Levantou o olhar e arqueou uma sobrancelha.

— Dói em algum outro lugar, Laura?

Seu peito subia e descia com uma cadência errática e sua respiração soava entrecortada.

— Sim — admitiu.

Ele se afastou uns centímetros dela e pôs suas mãos na cintura.

— Toque-se, Laura. Mostre-me onde dói exatamente — ordenou com voz pausada.

Imediatamente, ela deslizou as mãos por seu corpo até chegar ao ponto que se escondia entre as coxas.

— Aqui, Jay. Dói aqui.

Ele compreendeu em seguida a impaciência e o desejo que se desprendiam de sua voz.

Adorava a forma em que seguia o jogo. Sentiu um calor intenso no estômago e desejou poder entregar-se por completo a ela. Laura tinha a capacidade de provocar estranhas reações em seu interior, emoções que lhe eram desconhecidas e que estrangulavam seu coração.

Respirou fundo e tratou de manter o tom de sua voz.

— Quer que te cure com um beijo?

Observou o sensual movimento de seu pescoço enquanto tragava. Suas pernas se abriram ligeiramente em um gesto involuntário.

— OH, sim... — respondeu Laura com um sussurro — Adoraria que me curasse com um beijo. — E



seus olhos se fecharam.

Sabê-la tão excitada fez com que seu próprio corpo tremesse preso a uma doce agonia. Os músculos se esticaram, antecipando o orgasmo.

Deslizou os dedos sob o minúsculo triângulo da calcinha e o afastou para um lado, deixando seu sexo descoberto. Em seguida se inclinou e inalou seu aroma. As aletas de seu nariz se dilataram. A intensidade do desejo que sentia era como algo aterrador. Separou com as mãos os úmidos lábios do sexo de Laura para examiná-lo mais de perto.

— OH, sim, Laura, aqui também te dói. — Com uma suave carícia, descreveu com o polegar um círculo ao redor do clitóris. Estava duro e parecia inchado — Está muito molhada...

Ela tremeu ao sentir o contato de seu dedo.

— Por favor, faça com que desapareça a dor — suplicou.

— Isso é o que penso fazer, preciosa. — Beijou com suavidade o doce montículo de seu sexo e logo abriu caminho entre as dobras de pele com a língua. Laura estava cada vez mais molhada. Jay saboreou o delicioso líquido da paixão e imediatamente sentiu que estava a beira do abismo.

— Assim é melhor? — perguntou depois de percorrê-la muito devagar com a língua, tratando de fazê-la delirar de prazer.

Ela abriu ainda mais as pernas para que pudesse acessar melhor.

— Ainda não, terá que seguir tentando-o...

Quando a beijou de novo, sua voz se apagou e deu lugar a um gemido que emergia do mais profundo de sua garganta.

Jay intensificou a intensidade do beijo e logo introduziu pouco a pouco um dedo dentro dela. Laura gemeu de novo, mais forte desta vez. De seu interior emanava um calor mais intenso por momentos, que fez com que o mundo de Jay girasse fora de seu eixo.

Respirou fundo e levantou o olhar até encontrar o dela. Sua voz um suave sussurro.

— Laura, está tão molhada... — Tinha ideia aquela mulher da influência que exercia sobre ele?

Os olhos verdes de Laura se encheram de um fogo tórrido e sensual. Ronronou como um animal enquanto se arqueava contra suas mãos.

— É você que me põe assim.

Jay introduziu outro dedo nela e o fez girar para empapar-se com seus sucos. Com cada nova carícia, ela parecia mais e mais excitada.

— Assim está bom, Laura? — perguntou ele enquanto a apunhalava com o suave fio de sua língua, que fazia girar ao redor do clitóris — Isto te alivia a dor?



O corpo de Laura não deixava de vibrar entre suas mãos. Ele se maravilhou de quanto desfrutava lhe dando prazer.

— OH, Meu Deus — murmurou ela, enquanto Jay aplicava a quantidade exata de pressão sobre a pérola nacarada que se escondia entre suas coxas. Pela forma em que os músculos se contraíam ao redor de seus dedos, tratando de lhe arrastar ao interior, era evidente que estava a ponto de alcançar o clímax.

— Ainda dói, Laura? — Seu corpo reclamava a gritos poder ocupar seu posto entre as pernas daquela maravilhosa mulher.

Ela tomou ar e, sem deixar de retorcer-se, gemeu.

— Sim — O som profundo e queixoso de sua voz fez que o sangue pulsasse ainda com mais força entre as pernas de Jay, que franziu o cenho, concentrado.

— Então talvez esteja fazendo mal. Pode ser que tenha que trocar de tática.

Laura afundou os dedos no cabelo de Jay e, segurando-o com força, atraiu sua boca para ela.

— Não, Jay, está fazendo muito bem — se apressou a dizer. — Cada vez me dói menos, mas não se detenha, por favor.

Com movimentos precisos, ele continuou penetrando-a com o dedo, enquanto com o polegar desenhava espirais sobre o clitóris. Laura arqueou o corpo para frente e Jay respondeu trocando o ritmo e acariciando o ponto G até que começou a convulsionar entre seus braços. Exatamente antes que se desencadeasse o orgasmo, retirou o dedo e estendeu a cremosa essência sobre o clitóris com uma suave massagem.

— Jay... não... por favor.

— Talvez necessite um pouco de gelo — respondeu com um sorriso excitado nos lábios. Aquela súplica descarada o surpreendeu gratamente. Laura abriu os olhos.

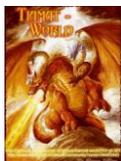
— OH, Deus — gemeu, agarrando-se com força à beira do lavabo.

Sem deixar de olhá-la aos olhos, Jay agarrou o fino elástico das calcinhas e o rompeu com um rápido movimento.

Laura suspirou, surpreendida por aquele ato tão passional. Ele atirou os restos do objeto a um lado e agarrou o copo de limonada do mármore. Tomou um gole, logo colocou os dedos no frio líquido para recolher um cubinho de gelo e finalmente deixou o copo de plástico de novo onde estava.

—Alguma vez utilizou o gelo para baixar o inchaço, Laura? — perguntou em voz baixa. Ela negou com a cabeça em um rápido movimento. Seus olhos cobraram vida com a promessa do que estava a ponto de ocorrer.

Perfeito. Queria ser o primeiro. E se parava para pensar, desejava ser o primeiro em muitas outras



coisas que tivessem a ver com aquela deliciosa mulher.

— Vejamos se isto te ajuda. — Pronunciou as palavras exalando entre suas pernas e viu como o pelo se arrepiava.

Nos pontos em que o gelo entrava em contato com a pele, sua superfície enchia-se de pequenos montículos e o pelo ficava arrepiado. Jay deslizou o cubinho pelo ventre e seguiu para cima. Seus olhares se encontraram a meio caminho. Descreveu espiral sobre os peitos, cada vez menores, até acariciar a fina pele dos mamilos com o gelo. Em questão de segundos, este começou a fundir-se sobre a cálida pele.

Laura começou a tremer violentamente.

— Acredito que não funciona, Jay. Dói mais — gemeu, enquanto percorria o corpo com as mãos.

Com um suave açoite, obrigou-a a separar mais as pernas.

— Talvez não esteja te tocando no lugar certo.

Olhou-o com os olhos totalmente abertos, enquanto ele segurava o cubinho entre os lábios e se inundava entre suas coxas.

Afundou a boca na úmida calidez que dali brotava e acariciou o clitóris com o cubinho de gelo. A pele de Laura tremeu embaixo daquela doce tortura. Enquanto brincava com aquela pérola inflamada, Jay explorou a abertura de seu sexo com os dedos, levando-a cada vez mais perto do limite do êxtase, mas sem permitir que se precipitasse nele.

Ela começou a arranhar suas costas. De sua garganta brotou um grito selvagem e seu corpo tremeu insaciável contra a boca dele.

— Estou tão perto... Por favor, preciso gozar — suplicou, voltando-se para ele.

Jay estava se afogando, perdendo-se na doçura daquela mulher. A dor que palpitava entre suas pernas era já tão intensa que de seu sexo emanavam pequenas gotas de líquido espesso. Teve que fazer provisão das forças que ficavam para não meter a mão nas cueca e acariciar-se.

Quando o frio gelo se converteu em água, substituiu-o pela língua e introduziu outro dedo. Ardia-lhe a boca. Laura acariciou os músculos e logo fechou as pernas, acariciando seu rosto com a suave pele de suas coxas.

Então Jay introduziu um terceiro dedo.

— Quer outro mais? — Sem mal ter ar nos pulmões, suas palavras não foram mais que um leve sussurro.

— Sim... — murmurou ela como resposta.

Tinha chegado o momento de acabar com aquela doce tortura, assim Jay converteu as pequenas e rápidas carícias em lambidas largas e luxuriosas e introduziu o terceiro dedo até o fundo. A sensação era



deliciosa. Lentamente, começou a mover os dedos, primeiro dentro e logo fora. Laura começou a tremer possuída por uma intensa frustração sexual.

Quando ele aumentou o ritmo de suas carícias, sentiu que seu corpo se incendiava. Com uma paixão inquebrável, ela começou a mover-se, a pressionar seu corpo contra a boca de Jay, a marcar o ritmo das investidas, a levá-lo cada vez mais dentro. Sabia o que necessitava para chegar ao limite e estava decidida a consegui-lo. Aquela determinação era uma parte de seu caráter que ele adorava.

— Jay... — Sussurrou seu nome e afundou os dedos em seu cabelo, enquanto não deixava de tremer, dominada por um desejo tanto tempo reprimido. Continuou movendo-se com uma intensidade que roçava a loucura. Quando ele sentiu que se aproximava o orgasmo, gemeu de pura satisfação.

— Assim, Laura. Se deixe levar, faz para mim. Os olhos dela brilhavam como os brilhos de um relâmpago.

— Eu... — Aquela única palavra dizia tudo.

— Sei, preciosa... Sei.

A pele de Laura tomou vida, enquanto entre suas pernas os músculos não deixavam de vibrar. Ofegava como um animal e seu corpo não deixava de tremer com tanta força que teve que segurar-se à cabeça de Jay enquanto um poderoso orgasmo a percorria de cima abaixo. O suave líquido da paixão gotejou até cair na boca faminta dele, que continuou lambendo o doce clímax enquanto a segurava. Um segundo mais tarde, um profundo suspiro de satisfação percorreu o reduzido cômodo.

Deus era tão incrivelmente sensual... Laura sucumbia ao desejo e se deixava levar pelo orgasmo... Era uma cena que despertava uma ternura desconhecida em Jay.

Ficou de pé. O sangue pulsava com força entre suas pernas. Segurou seu rosto entre as mãos e cravou seus olhos nos dela, profundos e saciados. Logo a beijou nos lábios.

— Mmm — gemeu — Laura, nunca antes tinha saboreado algo tão doce.

Ela respirou profundamente e logo descansou a cabeça sobre o peito dele, que afundou as mãos em sua cabeleira e a segurou até que finalmente teve recuperado o fôlego.

Enquanto a abraçava, Jay teve que lutar com valentia contra sua própria excitação. Era evidente que teria que jogar Laura do banheiro para poder ocupar-se do enorme problema que tinha entre mãos antes de poder reunir-se de novo com seus companheiros. Não podia reaparecer naquele estado, e, além disso, estava seguro de que não necessitaria muito tempo para liberar-se da tensão. Deus estava tão excitado que com um par de carícias o problema estaria resolvido.

Laura jogou o quadril para frente e se chocou contra sua ereção. Um grave gemido escapou da garganta de Jay. Quando seus olhos se encontraram, nos lábios dela brilhava um sorriso sacana.



— Tenho sede — disse, afastando-se uns centímetros dele. Logo agarrou o copo de limonada, deu um comprido trago e reteve entre os lábios um cubinho de gelo. Enquanto brincava com ele, empurrou Jay para trás e observou com evidente interesse o vulto que sobressaía entre suas pernas.

— Laura? — perguntou Jay, com a voz alterada pelo desejo.

— Mmm? — respondeu ela. Quando ele a olhou, advertiu em seus olhos o brilho do fogo da paixão, por isso não teve dúvida de quais eram suas intenções.

O pulso de Jay começou a pulsar fora de controle.

— Por seu aspecto — disse ela — diria que talvez te tenha feito mal ao te lançar à primeira base. Também parece um pouco dolorido. Acredito que deveríamos aplicar um pouco de gelo na ferida.

Deus do céu!

Laura se inclinou para ele e beijou-o nos lábios, enquanto com as mãos acariciava o membro, duro como uma pedra. Jay atraiu a língua dela, fria do gelo e coberta de limonada, para saboreá-la melhor. Um segundo mais tarde Laura se afastou e se ajoelhou no chão, entre suas pernas. Sem deixar de olhá-lo aos olhos, puxou o traje de banho até descê-lo à altura dos tornozelos. Os enormes atributos de Jay ficaram livres e atraiu toda sua atenção.

Olhou-a fixamente, como se se tratasse de uma obra de arte.

— É tão bonito.

Abriu os olhos de par em par, assombrada, e se deu uns segundos para desfrutar do que via.

— OH, sim, acredito que aqui é onde te dói. — Percorreu com o índice o objeto de sua adoração e sacudiu a cabeça. Enquanto acariciava-o, a pele se voltou mais escura sob a ponta de seus dedos. — Temo que seja muito pior do que imaginávamos - concluiu finalmente depois da revisão, com uma expressão safada no rosto.

Jay sentiu que a luxúria se apoderava dele. Sua respiração se voltou entrecortada, superficial, e teve que segurar-se ao toalheiro para não acabar no chão.

— Acredito que o *Não-Tão-Pequeno-Jay* vai precisar cuidados especiais se quisermos acabar com este tipo de dor.

Arqueou-se sobre ele e acariciou a ponta de seu sexo com a superfície fria e aveludada da língua.

O corpo de Jay se esticou.

Seu membro saiu disparado para cima. O sêmen corria para a linha de meta.

Maldição!

A voz de Laura era apenas um suave murmúrio.

— Depois de aplicar um pouco de gelo sobre a superfície vou ter que te beijar até que a dor



desapareça. Parece muito, muito pior. De fato, está pondo pior — provocou, antes que sua língua serpenteasse entre os lábios e acariciasse a ponta.

A suave pele brilhava naqueles pontos pelos quais a língua tinha avançado.

A respiração de Jay ficou mais e mais irregular, consumida pelas chamas que o abrasavam por dentro. Soltou a barra metálica do toalheiro, afastou o cabelo de seu rosto e se inclinou para frente. O suave ronronar de Laura, cuja língua tinha dado finalmente com o doce líquido da paixão, brincou sobre sua pele.

— Laura, está me matando. — O desejo obscurecia sua voz — Mal posso me manter em pé.

Ela sorriu.

— Então será melhor que se segure em algo — respondeu ela. Meteu outro cubinho na boca e logo se deixou penetrar até que já não teve mais espaço na boca. Acariciou a ponta com a parte de gelo até que Jay estremeceu. Então, a modo de pausa, substituiu a fria superfície do cubinho por seus quentes lábios. A mescla entre sensações tão opostas estava deixando Jay louco.

Laura era tão sensual, tão cálida, tão brincalhona, tão brilhante, tão... tudo...

Ele sentiu suas delicadas mãos deslizando-se entre as pernas para poder acariciar os testículos.

— Aqui também dói, Jay? — perguntou, piscando um olho em um gesto de autêntica inocência.

— Deus, sim — gemeu ele.

Com um sorriso nos lábios, ela voltou a lhe oferecer a calidez de sua boca. A visão de seus lábios carnudos ao redor de seu membro enquanto ela se movia para frente e para trás esteve a ponto de lhe fazer fraquejar. Oh! Fazia tão bem...

Agarrou-a pelo cabelo levado por uma doce agonia, enquanto lutava por aguentar. Deus! Acabava de abandonar a linha de saída e já estava a ponto de cruzar a meta. Aquele não ia ser um de seus melhores momentos.

— Laura, não acredito que possa aguentar. — Em sua voz se intuía a tortura.

Os gemidos de Laura, doces e eróticos, provocaram um tremor que percorreu todo seu corpo. Sua língua formava espirais ao redor da ponta de seu membro, enquanto ao mesmo tempo chupava cada vez com mais força, levando-o para o clímax. A parte de gelo se desfez e a calidez de sua boca abrasava sua pele.

Jay inclinou o corpo para frente, introduzindo-se ainda mais dentro dela, que se apoiou nos calcanhares enquanto ele a penetrava com fervente paixão.

Foi então quando Laura levantou o olhar e o desejo que se refletia em seus olhos desencadeou tudo.

Acariciou os testículos e Jay soube que tinha chegado a hora. Deus todo-poderoso! Que alguém lhe



cravasse uma estaca. Estava perdido. Seus músculos se contraíram em um intenso espasmo enquanto ela não deixava de sugar cada vez com mais intensidade.

Jay deixou cair a cabeça para trás e grunhiu como um animal selvagem. Sentiu uma autêntica explosão dentro dele e um segundo depois sua semente se derramou na garganta de Laura.

Ela descansou a cabeça contra as coxas dele e permaneceu entre suas pernas durante uns minutos. Quando finalmente Jay se recuperou e começou a respirar com normalidade, agarrou-a pelos braços e a pôs em pé. Seus olhos se encontraram e Laura sorriu. Afastou o cabelo do rosto dela, prendendo-o detrás das orelhas, e beijou seus lábios com suavidade. Ela suspirou e se aconchegou ainda mais perto de seu corpo.

Enquanto a olhava fixamente aos olhos, Jay sentiu um amontoado de emoções. Estar com ela e lhe fazer amor só com a boca e as mãos tinha sido suficiente para apagar a lembrança de qualquer outra mulher com a qual tinha estado.

Pouco a pouco se fez a luz. Pela primeira vez em sua vida, uma mulher se havia coado em seu coração e tinha-o feito sentir-se de uma forma totalmente distinta.

Deteve-se um segundo ante aquela revelação. Talvez não fosse outro Cutler falho de coração. Talvez fosse diferente do resto dos homens de sua família. Cabia a possibilidade de que, com a mulher adequada, pudesse abrir os olhos e provar que era capaz de amar. Afastou aqueles pensamentos a um lado para considerá-los mais tarde.

Abraçou-a com mais força, desejoso de tê-la entre seus braços um momento mais. De repente se ouviu um ruído ao outro lado da porta do lavabo.

— Laura.

— Sim? — respondeu ela, com voz preguiçosa.

— Vem alguém.

Ela sorriu maliciosamente.

— Não passamos já por isso?

Jay deslizou os dedos sob seu queixo e levantou seu rosto até que seus olhos se encontraram. Em seguida, com um gesto da cabeça, assinalou para a porta.

— Não, Laura, sério, vem alguém.



Capítulo 7

Surpreendida, Laura lançou um olhar para a porta, logo ao Jay e finalmente a sua mochila, que ficava fora de seu alcance. O ruído de passos foi se aproximando até parar do outro lado da porta.

OH, Deus!

Assim é que se faz Laura, pensou. Praticar sexo com um companheiro de laboratório no lavabo de seu chefe é uma estratégia profissional realmente inteligente.

O que tinha Jay que a fazia ser tão pouco consciente dos riscos aos que se expunha?

Jay agarrou a mochila de Laura e a deixou sobre o lavabo.

— Rápido, se vista — sussurrou, enquanto vestia de novo o traje de banho e recolhia as calcinhas rasgadas do chão.

Com mãos trementes, ela procurou dentro da mochila até encontrar o traje de banho. De repente alguém bateu na porta e ambos ficaram imóveis.

Laura pôs um dedo sobre os lábios, ao que Jay respondeu assentindo com a cabeça.

Clareou a garganta.

— Há alguém aí fora? — perguntou ela em voz alta.

— Laura, é você?

Verônica. Podia respirar tranquila.

— Estou me trocando. O lavabo de abaixo estava ocupado.

— Não se preocupe carinho. Reggie me pediu que te buscasse, quer saber se tomará parte de sua equipe para as corridas de substituições na piscina.

Assim agora a queria em sua equipe. E tudo porque sabia que era uma grande nadadora. Aquele homem sempre jogava para ganhar. Felicidade e harmonia, e um leite!

— Claro, desço em um segundo — respondeu, odiando a forma em que sua voz tremia.

— Viu ao Jay?

— Não — respondeu ela, muito depressa. Durante um instante, Verônica não disse nada.

— Certo. Se o vir, diga que Reggie também o quer em sua equipe.

— Direi.

— Vejo-a lá embaixo.

Laura fechou os olhos, respirou fundo e em seguida vestiu o traje de banho negro que levava para a ocasião e atou uma canga combinando ao redor da cintura. Não pôde evitar notar a forma em que Jay observava encantado suas generosas curvas. Um calafrio, que pouco tinha a ver com o frio e muito com a



consciência de sua própria feminilidade, percorreu suas costas. A expressão daqueles olhos que a olhavam, famintos de desejo, a fazia sentir-se a mulher mais bela sobre a face da Terra e, pela primeira vez em sua vida, sentiu-se feliz de possuir um coeficiente intelectual por cima da média.

— Ah, e Jay? — disse Verônica.

— Sim? — respondeu ele automaticamente ao ouvir seu nome.

Laura abriu os olhos desmesuradamente e Jay fez uma careta de chateio.

— Merda — sussurrou ele, golpeando a testa com a palma da mão. A risada de Verônica se ouviu do outro lado da porta.

— A próxima vez talvez, deversem pensar em fechar a janela.

O coração de Laura esteve a ponto de deter-se e um calor intenso tingiu sua pele de um vermelho escuro.

— Caralho — amaldiçoou Jay para si mesmo, enquanto se esfregava o queixo com a mão.

Antes que algum dos dois tivesse tempo de responder, Verônica continuou.

— Não se preocupem, sou a única que estava sentada exatamente debaixo da janela, assim também sou a única que ouviu sua... humm... investigação.

Laura terminou de vestir-se e colocou o uniforme de beisebol na mochila.

— Será melhor que saíamos daqui antes que alguém mais se interesse por nossa investigação.

Quando estiveram vestidos e de volta no jardim, a competição de substituições já tinha começado sem eles, o qual não fez mais que alegrar a Laura. Estava muito preocupada para tomar parte daqueles jogos. Além disso, ela já se relacionou o suficiente com seus companheiros para o resto do dia, embora não de uma forma que o diretor teria aprovado.

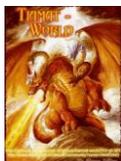
Olhou ao seu redor, temendo que seus companheiros do laboratório, e especialmente a sempre ardilosa Erin, suspeitassem que o rosa intenso de suas bochechas não tinha nada que ver com o sol da última hora da tarde.

De pé junto à piscina, Jay se voltou para ela.

— Saíamos daqui, Laura. Gostaria de ir ao laboratório e provar sua teoria. —

Nas feições de seu atraente rosto era evidente que estava ansioso, como sempre estava quando se achavam perto de conseguir um resultado positivo. Deus adorava seu entusiasmo e sua determinação. Gostava da ideia de que as ambições de Jay tivessem tanto que ver com as suas. Protegeu os olhos com a mão e esquadrinhou a multidão em busca de Erin. Jay leu imediatamente na linguagem de seu corpo e sua voz se suavizou.

— Vem comigo. Podemos ir em meu carro e em seguida me ocupo de levá-la para casa. Com o



diretor nos jogando o fôlego em cima, quanto antes aperfeiçoemos a fórmula, melhor. — Estava tão perto dela que seu fôlego lhe acariciava o rosto. Deslizou uma mão ao redor de sua cintura em um gesto protetor e brincou com os cachos castanhos de sua nuca.

Quando a tocava daquela maneira, como se realmente significasse algo para ele, Laura não podia evitar tremer sob suas tenras carícias.

Sabia que deveria deter aqueles jogos íntimos, conhecedora do que tinha provocado semelhante excitação nele, mas era incapaz de fazê-lo. A luxúria eclipsava os sentidos e a deixava sem forças para controlar seus desejos.

Laura respirou fundo. Necessitava tempo antes de voltar a ficar trabalhando até tarde com Jay, assim lhe disse:

— Vá você na frente e se ponha nisso. Irei com Erin. Não trouxe roupa para me trocar, assim terei que passar primeiro em casa.

Ele sacudiu a cabeça e esticou a mandíbula. Laura o conhecia suficientemente bem para saber que estava a ponto de expor algum raciocínio indiscutível e dizer que podia vestir qualquer avental no laboratório.

— Necessito umas calcinhas — sussurrou ela, arqueando uma sobrancelha com picardia. — As minhas estão rasgadas.

Ele sorriu, divertido.

— Consigo outras para você — prometeu com uma falsa inocência na voz. Laura sentiu que sua determinação se debilitava perigosamente.

— Nos vemos no laboratório — insistiu ela, sem lhe dar tempo a protestar.

Jay encolheu de ombros.

— Está bem. Não demore. Será incrível.

Seus olhos brilhavam cheios de excitação e a contagiavam com o mesmo sentimento. Assim como ela, Jay também adorava aquela parte de seu trabalho.

Laura procurou entre a multidão, cada vez mais escassa, e encontrou Erin deitada em uma das espreguiçadeiras.

— Olá — lhe disse. — Preparada para sair daqui?

— Onde esteve? — perguntou sua amiga, dissimulando um bocejo. — Estou preparada há mais de uma hora.

Uma hora? Não podia ser que tivessem passado uma hora encerrados no lavabo.

— Vamos — disse Laura a modo de resposta, e lhe ofereceu a mão.



Erin aceitou o oferecimento e deixou que Laura a puxasse para ficar em pé, e enquanto o fazia, passou os olhos com lentidão pelo corpo de sua amiga. Logo levou as mãos à cintura e sorriu.

— Agora me ocorre te dizer isso de <<*já te disse isso*>>.

Laura sequer se incomodou em tratar de ocultar seus sentimentos. Ao fim e ao cabo, era transparente como a água.

— E... — disse ao fim, trocando o peso de pé. — Sei que morre de vontade de elaborar suas conclusões.

Erin andou junto a sua amiga a caminho de seu carro, atravessando o pátio e rodeando a pequena cerca que o rodeava.

— Ontem à noite te disse que Jay se deitou contigo porque gosta, e não pelo potenciador — respondeu a jovem assistente em voz baixa.

Laura abriu a porta do carro, deteve-se e olhou sua amiga por cima do teto.

— Me diga algo, Erin — perguntou em um tom de voz similar ao de sua amiga — Você estava presente faz meses, quando provamos o potenciador. Quanto tempo permaneceu ativo no sistema de um homem?

A jovem a olhou com uma expressão que sugeria que estava louca e fez um gesto com as mãos como se cortasse em dois aquele pobre argumento.

— Não engulo sua teoria nem por um segundo. — Logo assinalou para o jardim com um gesto de cabeça. — Embora o potenciador seguisse em seu sistema, o que duvido, poderia ter escolhido a qualquer dessas piranhas, e em troca tornou a escolher você. — Seu sorriso se voltou malvado — Esse cara gosta, e muito de você.

O coração de Laura deu um coice ao ouvir as palavras de Erin. Certo, os efeitos normalmente duravam pouco mais de doze horas, e já tinha passado mais tempo. E sim, Jay poderia ter escolhido a qualquer piranha, em lugar dela. Aquilo era óbvio.

Podia ser que Erin tivesse razão?

Jay gostava dela?

Acaso se congelou o inferno?

Laura se meteu no carro e deixou a mochila no chão, entre seus pés. O forte aroma de ambientador de pinheiro a fez espirrar. Erin se voltou para olhá-la.

— Assim me conte, ao final acabou o que começaram? É tão bom como dizem por aí?

Laura sentiu como o ciúme ruborizava suas bochechas. Não suportava a ideia de que Jay pudesse ser bom na cama com outras mulheres que não fossem ela.



— Não — Baixou a janela e tomou ar.

A jovem assistente se inclinou para diante, com seus olhos escuros abertos desmesuradamente, incapaz de acreditar o que acabava de escutar.

— Não? O que quer dizer, que não é bom ou que não acabaram o que começaram?

— Não utilizaria o termo «bom», Erin. Ocorrem-me outros, como incrível, alucinante, irreprimível, que o definem melhor. E não, não acabamos o que começamos — encolheu-se de ombros. — Não tínhamos camisinhas.

Um suspiro de impaciência encheu o interior do carro.

— Minha mãe, é que não aprendeu nada de mim? — Erin abriu o porta-luvas, tirou uma réstia de preservativos de tamanho extra-grande e os agitou no ar. Logo arqueou uma sobrancelha — Me equivoco ao supor que necessita uma extra grande? — perguntou, esperançada.

Laura assentiu e engoliu saliva, enquanto recordava seus maravilhosos atributos.

— Vá que sim — respondeu, com as mãos entrelaçadas. Erin sorriu.

— Se quer estar com ele outra vez e acabar o que começaram, tem que o seduzir. Isso é o que eu faria. — Colocou os preservativos na bolsa de Laura — E leva sempre contigo um contrabando destes. Nunca sabe o que pode acontecer.

Mais tarde, enquanto empurrava a porta de segurança, Jay se fez de novo presente nos pensamentos de Laura. Merda, a quem tentava enganar? Jay sempre estava em seus pensamentos.

Ainda não podia acreditar que se lançaram um sobre o outro daquela maneira no lavabo do diretor, e tampouco podia acreditar que tivessem feito todas aquelas coisas, eróticas e estimulantes, com os cubinhos de gelo da limonada. Nunca antes tinha sido tão atrevida, tão ousada. Nem tão temerária.

O sexo era fantástico, isso era evidente, mas quanto mais tempo passava entre os braços de Jay, menos poder tinha sobre suas emoções. E pensar que tinham que provar o inibidor de novo. A ideia lhe provocou um calafrio que percorreu todo seu corpo.

Havia dito que sua inteligência o fascinava. De fato, e segundo suas palavras, fazia algo mais que fasciná-lo, tal e como tinha demonstrado de formas tão distintas, todas elas orgásmicas. Laura considerou a situação por um instante.

Erin teria razão? Podia ser que Jay sentisse algo por ela, ou tudo era produto do potenciador da libido?

De repente recordou as palavras do Max. «Não será mais que outro entalhe na cabeceira de sua cama.»

Podia ser que Jay não a achasse atraente. E, além disso, ela sabia que era um autêntico playboy, um



de reconhecida fama, que o único que procurava era passar um bom momento.

Certo, deitaram-se. Muita gente se deitava e isso não significava que estivessem apaixonados. Laura engoliu o nó que acabava de se formar na garganta e apartou aqueles pensamentos de sua mente.

Enquanto subia as escadas para seu apartamento, deu-se conta do esgotada que estava. Nada lhe agradaria mais que ir à cama e dormir uma semana seguida, mas sabia que ainda não podia fazê-lo. Tinha que reunir-se com Jay no laboratório para provar sua teoria.

Justo quando estava a ponto de introduzir a chave na fechadura se deu conta de que a porta estava aberta. Deteve-se, surpreendida. A tinha deixado aberta pela manhã com a pressa por chegar à partida?

Quando empurrou a porta uns centímetros, o que unicamente a recebeu foi à escuridão mais absoluta. Deu um passo à frente e procurou o interruptor da luz. Sob seus pés rangeram pedaços de vidros quebrados. Um segundo depois, seu coração pulsava a toda pressa e sua mente trabalhava a marcha forçada.

Antes que tivesse tempo de sair dali, alguém de grande dimensão apareceu de repente correndo para ela e a fez cair de costas no chão. Golpeou a cabeça contra a parede ao perder o equilíbrio. Caiu contra o chão com um som surdo e gemeu de dor.

Pisadas do intruso ressonaram no saguão e logo foram afastando-se escada abaixo até desaparecer além da porta de entrada do edifício.

Laura necessitou uns minutos para recompor-se e reunir as forças para levantar-se. Ficou ali de pé, imóvel, enjoada, tentando entender que demônio acabava de passar.

De repente ao longe se ouviu a voz de Erin. Laura se voltou e aquele rápido movimento esteve a ponto de fazê-la perder o equilíbrio de novo.

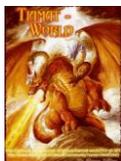
— Vá — murmurou, apoiando-se na parede para não cair ao chão.

Sua amiga a segurou pela cintura.

— O que aconteceu? Vi um homem sair correndo do edifício.

— Chama o detetive Doyle. Seu cartão está em cima da cômoda. Acredito que acabo de pegar em flagrante ao tipo que entrou no laboratório.

Jay se apressou em chegar ao centro de investigação, deu-se uma ducha rápida nos vestiários do laboratório e se vestiu com uns jeans e uma camiseta que guardava em seu armário para uma ocasião como aquela. Passou à hora seguinte preparando e esquentando com supremo cuidado o novo composto. Uma vez completado, tomou uma dose com uma seringa de injeção e a administrou ao Clyde. Quinze minutos antes lhe tinha dado um potenciador, e após o pobre animal não tinha deixado de dar voltas pela jaula como uma pantera em busca de Bonnie, ou o que é o mesmo, em busca de alívio. E Jay conhecia



perfeitamente aquela sensação.

Tinha de admitir, isso sim, que o que se passou entre Laura e ele a noite anterior não tinha tido nada que ver com o potenciador da libido que corria por suas veias. É obvio que não, nem no mais mínimo. Em realidade, estava louco por ela. Tudo o que experimentava com ela, dentro e fora do dormitório, era único, extraordinário, algo que nunca tinha sentido com nenhuma outra mulher. E que não se repetiria.

Gostava de tudo nela. A beleza de seu rosto, de seu cabelo e de seu corpo. Inclusive atraía-lhe a forma em que mordia o lábio inferior. Admirava sua energia e dedicação ao trabalho, sua faceta aventureira e como tinha reagido durante a partida de beisebol, inclusive depois de havê-la enrolado. Mas o que mais gostava da Laura era sua inteligência. Não só excitava-o, mas também o estimulava intelectualmente. Nenhuma mulher tinha conseguido antes algo assim.

Repentinamente viu tudo claro. O que sentia quando estava com ela era a prova de que não era incapaz de amar, como sempre lhe haviam dito. Não era mais um clone dos Cutler. O único que ocorria era que até então não tinha encontrado a mulher certa.

O significado daqueles pensamentos não lhe passou inadvertido.

Jamais lhe teria ocorrido que no processo de derreter a Princesa de Gelo acabaria encontrando-se com algo que tanto tinha desejado, sem nem sequer saber.

E agora que finalmente tinha encontrado, se remodelou seu estilo de vida, seu futuro. Até aquela noite não tinha sido consciente do sozinho que se sentia, quão cansado estava da vida de solteiro, de voltar para casa sempre sozinho, de comer sem ninguém que lhe fizesse companhia, de despertar todas as manhãs em uma cama vazia.

Nunca tinha levado mulheres a sua casa. Era menos complicado passar a noite na delas e logo, chegado o momento, escapar.

Pela primeira vez em sua vida queria levar a alguém a seu andar, a seu território. Desejava poder despertar ao lado de uma mulher doce e carinhosa, cálida e de tato agradável. Queria sentir o corpo de Laura entre seus braços, despertá-la com beijos e passar o fim de semana falando de tudo e de nada com uma xícara de café entre as mãos. Queria compartilhar com ela tristezas e também alegrias.

A noite que tinham passado juntos no apartamento dela não tinha satisfeito seu apetite, como pensava que ocorreria. De fato, a reação tinha sido a oposta. Queria mais, tanto que a tinha assaltado no lavabo da casa do diretor.

Estava se perdendo cada vez mais nela, em corpo e alma.

Ao final, tudo se reduzia ao seguinte: queria Laura, tão dentro como fora da cama.

Podia explicar a ela todos aqueles sentimentos, mas por que teria que lhe acreditar? Todos



conheciam sua fama de playboy, e ele sabia. Era muito provável que Laura pensasse que a tinha enrolado de novo para meter-se outra vez em suas calcinhas. E não é que não a quisesse entre seus lençóis, claro que sim. Afinal, era um homem são e com sangue nas veias.

Mas aquilo teria que esperar, porque agora queria demonstrar que lhe importava que quisesse estar com ela e que os dois podiam estar muito bem além de uma cama. Queria demonstrar que ele era um homem que valia a pena.

Centrou sua atenção no Clyde de novo e viu que estava dando voltas em sua roda de exercício, tratando de queimar o excesso de fogueira.

— Se tranquilize amiguinho, ou acabará se machucando.

Abriu a outra jaula que havia sobre a mesa e agarrou Bonnie entre as mãos.

— Esperemos que, com um pouco de sorte, a fórmula funcione e Clyde te dê uma pausa — sussurrou, aproximando-a ao rosto. O pequeno nariz de Bonnie não deixava de mover-se, enquanto tratava de liberar-se. Deixou a fêmea em um extremo da caixa e esperou. Clyde desceu da roda, levantou-se sobre as patas traseiras e farejou ao seu redor.

Jay esfregou o queixo, coberto por uma barba incipiente, e observou as reações de Clyde. Olhou o relógio e bocejou. Por que demorava tanto Laura?

Clyde deixou de farejar, deu voltas sobre si mesmo como um gato e tombou em posição fetal. Em questão de segundos estava dormindo. Um sorriso aflorou no rosto de Jay, mas estava muito cansado para ficar a saltar de alegria. Sem dar-se conta do que fazia, deu a volta para dar as boas notícias a Laura, mas recordou que ela não estava ali. De repente se sentiu sozinho. Era incrível quão acostumado estava a tê-la por perto.

Enquanto avançava para sua mesa para fazer umas notas, seu celular soou.

Quem chamava àquelas horas da noite? Tirou o telefone do bolso da calça e atendeu. Talvez fosse Laura que chamava para avisar que chegava tarde.

— Alô.

— Jay, é Erin. — Pelo tom de sua voz, parecia estar nervosa.

— O que aconteceu?

— Deveria vir à casa de Laura tão rápido como puder. Alguém entrou em seu apartamento e ela está ferida.

Jay ficou rígido. Laura estava ferida. Como? Onde? Quem lhe tinha feito mal? Antes que tivesse tempo de formular todas aquelas perguntas, a jovem desligou.

Deixou tudo e saiu disparado do edifício em direção ao carro. Conduziu até a casa de Laura a uma



velocidade de vertigem e chegou ali em um tempo recorde.

Deteve o veículo detrás de dois carros de polícia, enquanto se formava um nó na boca do estômago. As luzes azuis e vermelhas das patrulhas iluminavam a calçada, bordeada por uma fileira de árvores. Saiu do automóvel, correu para o edifício e subiu as escadas tão depressa como pôde.

A porta do apartamento de Laura estava aberta e viu que ela estava sentada no sofá, em um canto da sala de estar, sujeitando uma bolsa de gelo contra um lado da cabeça. Erin estava sentada ao seu lado, enquanto os oficiais, os mesmos que tinham ido ao laboratório a noite anterior, revolviam entre a desordem e procuravam pistas.

Cruzou o cômodo com passo firme, pisando em um abajur pelo caminho. Olhou o rosto cinzento de Laura e sentiu que o sangue gelava nas veias. Parecia tão frágil tão vulnerável... Queria agarrá-la em seus braços e fazer desaparecer qualquer problema de sua vida.

— Laura, está bem? — Fez um gesto a Erin para que se fizesse a um lado e assim poder sentar-se junto a ela.

Laura se obrigou a sorrir.

— Estou bem.

— Não está bem. — Amaldiçoando entre dentes, Jay colocou uma mão sobre a bolsa de gelo para segurá-la. Ela parecia exausta e destemperada. — Se importaria conseguir uma manta? — perguntou a Erin.

— Claro. — A jovem se levantou e desapareceu pelo corredor. Então ele fixou sua atenção no detetive Doyle.

— Quem é o responsável por isto?

— Estamos trabalhando nisso — respondeu o oficial.

Jay atraiu Laura para seus braços e lhe ofereceu sua calidez. Deveria ter insistido em levá-la para casa. Se ele tivesse estado ali, com ela, aquilo não teria ocorrido.

Erin voltou com a manta. Jay a agarrou e envolveu os ombros de Laura com ela. Podia sentir como sua ira aumentava por segundos.

— Suponho que tudo isto tem a ver com o que aconteceu no laboratório — disse.

O detetive assentiu.

— Assim parece — Laura interveio.

— Procurava os arquivos, mas cheguei antes que os encontrasse.

Parecia contente por isso. Jay afastou a bolsa de gelo com muito cuidado e examinou a ferida com uma careta de dor.



— Os arquivos não importam. O único que importa é que você está a salvo. — Sua voz estava carregada de emoção. O que teria feito se algo de ruim tivesse lhe ocorrido?

— Claro que os arquivos importam — protestou ela franzindo o cenho. Jay pôs a bolsa de gelo de novo na cabeça.

— Acredito que deveria ver um médico.

Ela agitou a mão no ar, tirando importância ao assunto.

— Estou bem — insistiu — Não necessito um médico.

Ele olhou ao seu redor, no desastre em que se converteu aquela sala tão acolhedora, e suspirou.

— Deve dormir na minha casa.

— Não, nem pensar — respondeu ela convencida.

Mas Jay não estava disposto a aceitar um não por resposta.

— Sim, claro que sim, Laura.

— Mas...

— Não discuta comigo. Não passará a noite aqui. Até que não detenham quem está fazendo isto, sua casa não é um lugar seguro.

— Já sei que não é seguro. Erin já me ofereceu sua casa — respondeu Laura.

Jay se voltou e olhou à jovem assistente com uma expressão no rosto que significava claramente que lhe convinha que Laura mudasse de ideia.

Erin captou a mensagem em seguida e, com ar teatral, levou a mão à testa.

— Ai, acabo de recordar que não pode passar a noite em minha casa. Estou pintando o quarto de hóspedes.

— Perfeito, então já está tudo dito. Virá comigo — insistiu ele. Laura ficou tensa entre seus braços.

— Erin... — Sua voz era um claro aviso.

Sua amiga levantou as mãos com as palmas para cima e se encolheu de ombros.

— Já me conhece, não tenho memória.

Jay sentiu como Laura se relaxava entre seus braços e como sua decisão parecia definitiva.

— Está bem — concedeu finalmente.

Ele se levantou do sofá e a ajudou a ficar em pé.

— Deixa que te leve para a casa e a ponha na cama.

Enquanto se levantavam, o corpo de curvas generosas de Laura se desabou sobre o de Jay. Passou os braços pelas costas para segurá-la. Quando o quadril roçou suas coxas, sua respiração pareceu acelerar-se.

No rosto de Laura se fizeram visíveis diferentes emoções e Jay se perguntou no que estaria



pensando. Decidiu não pressioná-la. Teriam tempo de sobra para falar quando chegassem a sua casa. Aquela ideia desatou um suave comichão em uma zona de seu corpo que, no momento, devia ignorar.

— Tenho que recolher minhas coisas e tomar banho.

Segurou sua mão, recolheu sua mochila do chão e a acompanhou para o corredor.

— Vá tomar banho — disse oferecendo a mochila — E, em seguida prepare uma boa mala, porque ficará em minha casa até que encontrem ao tipo que fez isto.

O que Jay não disse foi que, uma vez estivesse instalada em sua casa, não pensava deixar que se fosse nunca mais. Aquela noite pensava demonstrar que não era um playboy qualquer, desesperado por lhe pôr as mãos em cima. Aquela mulher tinha aberto seus olhos e o coração. Queria que tomasse parte de sua vida.

Capítulo 8

Quando saíram do apartamento de Laura e subiram no carro, já era noite fechada. Jay a observou com a extremidade do olho enquanto manobrava para incorporar-se ao tráfego. Vestia uns jeans que acentuavam as curvas de seu corpo e uma blusa de manga curta de uma cor amarela pálida. Sem afastar o olhar da escura estrada que se abria ante eles, Laura acariciava brandamente a ferida com a ponta dos dedos. Ele agarrou sua mão e a apertou com ternura, captando toda sua atenção.

— Está segura de que não quer ver um médico? — perguntou arqueando as sobrancelhas.

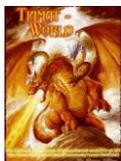
Ela descansou as mãos sobre o colo e sacudiu a cabeça.

— Estou bem, de verdade — assegurou — Além disso, não gostaria de passar horas esperando em um hospital, para que um médico me diga que tenho um galo na cabeça. Até porque isso eu já sei. — E acompanhou suas palavras com um sorriso cálido e sincero.

Deus! Voltava-o louco cada vez que lhe sorria daquela maneira. Como ia ser capaz de colocá-la em sua cama e manter as mãos afastadas dela, quando a única coisa que podia pensar era em beijá-la, acariciá-la e acabar o que tinham começado no lavabo do diretor?

Sabia que se queria que lhe considerasse algo mais que um playboy amalucado, algo mais que o Jay Cutler “O Selvagem” de que todos falavam, tinha que manter as mãos a boa distância e pensar numa estratégia. E rápido. Tinha que conseguir que Laura visse nele alguém com quem ter uma relação séria e não só a um tipo com o que desfrutar de um queda no celeiro.

E aquilo era tão novo para ele... Nunca antes tinha adotado aquela estratégia e não queria enfiar



o pé na jaca. Uma coisa era certa: enquanto ela dormisse em sua cama, ele devia permanecer afastado dela. Porque se não o fizesse, necessitaria algo mais que força de vontade para não lhe cobrir o corpo de ardentes beijos, apertar seu quadril contra o dela, provar o sabor de seus mamilos e abrir suas pernas para mergulhar na úmida calidez de seu sexo.

Merda, o Pequeno Jay acabava de voltar para a vida.

Apartou a um lado tais pensamentos e se concentrou na estrada que se abria frente a ele. De acordo, afastar-se da cama tinha que ser sua prioridade número um. Não tinha sentido ficar a prova perante semelhante tentação. De repente, as tripas de Laura rugiram.

— Deve estar morta de fome — disse ele. Ela assentiu.

— Um pouco. — Seu estômago grunhiu de novo, esta vez com mais força. Riu e disse — Certo, admito, muito.

— Claro! Ao final não comeu o sanduíche.

Laura olhou de esguelha.

— Distraí-me um pouco. Tinha alguma... investigação que terminar. Pediu desculpas com o olhar.

— Sinto muito.

— Não, não sente — provocou ela, com um sorriso nos lábios. Jay levantou as mãos em um claro ato de rendição.

— Certo, pegou-me, mas assumo todas as minhas responsabilidades.

Laura afastou o olhar da estrada, com uma expressão de indignação no rosto.

— Assim que eu gosto — acrescentou brincalhona.

— Conheço o lugar ideal. É um restaurante italiano autêntico, que as receitas passam de geração em geração. Vai te encantar. — De repente seu estômago se uniu ao coro de rugidos.

Laura respondeu com uma gargalhada. Aconchegou-se no assento e disse:

— Soa bem.

Jay pisou no freio e trocou o sentido da marcha. Ambos permaneceram calados o resto do caminho, perdidos em seus pensamentos enquanto se dirigiam ao outro lado da cidade.

Em menos de meia hora chegaram a Isabella's. Jay desligou o motor e olhou ao seu redor.

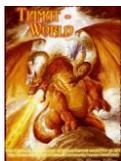
Laura parecia mais animada. Quadrou os ombros e se incorporou no assento.

— Ouvi falar deste lugar. Não precisa reservar antes? - Ele sorriu.

— Não. Tenho bons contatos.

— Sério?

— Costumava passar muitas horas aqui quando pequeno. — Fez um gesto para frente com a cabeça



— Cresci justamente ao virar a esquina.

Laura abriu desmesuradamente seus preciosos olhos verdes. Estava intrigada.

— De verdade? E seus pais ainda vivem aqui? Jay sacudiu a cabeça.

— Não, meu pai se foi quando eu era um menino e minha mãe... Bom, ela e eu nunca nos demos muito bem. Suponho que recordava muito ao meu pai. — A tristeza caiu sobre ele como se fosse uma grossa manta. — Morreu há alguns anos.

Laura acariciou seu braço, tratando de lhe dar consolo.

— Sinto muito, Jay. Não posso nem imaginar quão duro deve ter sido para você. Sempre me dei bem com meus pais. Ainda hoje seguimos nos reunindo cada domingo para comer juntos.

Ele sorriu. Sua preocupação lhe trazia um alívio. Assinalou o restaurante com a cabeça.

— Tony e Isabella me trataram sempre como a um filho. Inclusive paguei a universidade trabalhando em sua cozinha. — Abriu a porta do carro. — Vamos, entremos já. Tenho vontade de que os conheça.

Rodeou o carro e se agarraram da mão. As luzes da rua projetavam círculos perfeitos sobre a calçada e iluminavam os cantos mais escuros das ruas. Laura tremeu ao sentir o frio ar da noite sobre a pele. Jay a rodeou com um braço, oferecendo seu calor. Deu de presente um sorriso e avançou a seu lado para o restaurante.

Quando ele abriu a porta do local, um suave murmúrio de vozes e música lhes deu as boas-vindas. Ao Jay invadiu em seguida o tentador aroma do pão recém assado e dos molhos italianos. Todos aqueles sons e aromas tão familiares o fizeram sentir como em casa.

Procurou com o olhar pela sala do restaurante, com suas toalhas quadriculadas e seu ambiente íntimo, até encontrar Tony Moretti.

O homem se apressou a cruzar a sala para saudá-lo, gratamente surpreso.

Sua voz, familiar e robusta, e seu marcado acento italiano eram para Jay a melhor boa-vinda.

— Jay, menino. Vamos, entrem, entrem. Isabella vai se alegrar tanto de te ver. Passou muito tempo da última vez que nos visitou. — Acolheu-o entre seus fortes braços. Diño, o melhor amigo da infância de Jay, apareceu junto dele e os dois se abraçaram.

Tony se voltou para seu filho.

— Diño, chama sua mãe.

Uns minutos mais tarde, apareceu Isabella pela porta da cozinha. Vê-la sempre enchia de amor o coração de Jay. Por mais difíceis que tivessem sido as coisas em sua casa, ele sempre tinha podido contar com Isabella. Desde que se entendia por gente, tinha-o tratado como se fosse um dos seus, até o extremo de lhe arrebanhar e guiar pelo bom caminho quando se metia em problemas, algo que ocorria com



frequência.

— Jay, venha aqui — disse Isabella enquanto limpava as mãos no avental.

Abraçou-o e em seguida beijou-o nas bochechas. Levava seu comprido cabelo grisalho recolhido em um apertado coque no alto da cabeça, mas fez cócegas em seu rosto com algumas das mechas rebeldes que tinham escapado. Seguia desprendendo aquele aroma tão familiar que sempre lhe tinha sido tão reconfortante. A mulher deu um passo atrás e franziu as sobrancelhas. Em questão de segundos, passou da felicidade mais sincera a um aborrecimento monumental.

— O que? Já não tem tempo para sua família agora que é um cientista famoso na cidade?

— Sinto muito, Isabella. Estive trabalhando dia e noite. Prometo que a partir de agora passarei para vê-los mais frequentemente. Como está a vovó?

— O mês que vem faz noventa e oito anos — respondeu a mulher com uma sobrancelha levantada — Virá, não é?

— Me viu perder isso alguma vez?

Com um sorriso brilhando de novo em sua face, Isabella beliscou suas bochechas e sua expressão se suavizou.

— Ah, é um bom menino, Jay Cutler. Tem um coração de ouro — voltou-se para Tony e levantou o queixo — Não te disse que tinha bom coração?

O marido suspirou pacientemente.

— Sim, disse, Issy. Diz a todo mundo. Mas sabíamos desde aquele dia em que, ainda sendo um guri, levou a filha de minha prima ao baile de fim de curso quando seu par a deixou plantada.

O sorriso de Isabella se voltou ainda mais intenso.

— Sabia que seria distinto a outros — voltou para seu marido e levantou as mãos ao ar. — Não disse que ia ser diferente dos outros? Que não ia se dedicar a romper corações como mais um Cutler? Ele não é mais um Cutler de frio coração.

Jay tragou saliva, tratando de desfazer o nó que estava se formando em sua garganta. Ultimamente seu expediente não tinha sido tão bom. Parecia decidido a cumprir com seu destino. Olhou a Laura de rabo de olho. Graças a ela, sabia que era capaz de algo mais. Queria ser um homem melhor. Por ela. E também por si mesmo.

Tony sorriu a sua esposa com a paciência dos que levam toda a vida juntos.

— Sim, Isabella, disse-nos isso. — Olhou ao Jay e lhe piscou um olho — Muitas, muitas vezes.

De pé ao lado de Jay, Laura observou o intercâmbio de adulações. Havia visto pequenos brilhos do lado mais íntimo de Jay outras vezes, mas ser testemunha do brilho que desprendiam seus olhos



enquanto recebia amor e carinho daquela família que tinha cuidado dele chegou ao mais profundo de seu coração.

Tomou um instante para examinar o pequeno restaurante. Era singelo, informal e agradável, a imagem e semelhança de seus proprietários. Sobre as toalhas quadriculadas de vermelho e branco das mesas descansavam garrafas vazias de Chianti que, cobertas de cera, faziam de candelabros. As paredes estavam pintadas de cores vivas, cada uma oposta na escala cromática ao anterior.

A voz de Jay a devolveu à realidade.

— Apresento-lhes a Laura. Trabalhamos juntos no laboratório — voltou-se para ela e a apresentou ao Diño, Tony e Isabella.

Com as mãos apoiadas nos quadris, Isabella centrou toda sua atenção nela. Laura se sentiu um pouco incomodada enquanto o atento olhar daquela mulher passeava por suas curvas, avaliando-a. Inclinou-se para Jay em busca de apoio.

— Gosto desta garota, Jay. Não está magra como uma cenoura. Tem umas curvas preciosas, como toda mulher que aprecie ser uma. Seguro que come comida de verdade e não só alface.

Enquanto sorria ao escutar o comentário de aprovação de Isabella, Laura sentiu os olhos de Jay percorrendo com evidente prazer sua figura e notou como seu pulso acelerava. Aparentemente, e apesar de que sua anatomia não se ajustava a suas preferências habituais, Jay também parecia valorizar positivamente suas curvas generosas. Pode ser que, ao fim e ao cabo, sim, sentisse algo por ela.

Isabella se voltou de novo para Jay.

— Esta é para sempre?

Ele revirou os olhos e agarrou a mão de Laura.

— Isabella, sempre me pergunta o mesmo.

A mulher franziu o cenho e agitou as mãos no ar.

— E seguirei perguntando isso até que me diga o que quero ouvir.

Jay apertou com suavidade a mão de Laura, um gesto ao que ela estava acostumada e que significava que lhe seguisse o jogo.

— Sim, Isabella, esta é para sempre.

Laura sentiu que o coração dava um salto e teve que esforçar-se para que não notasse. Se suas palavras fossem certas...

A mulher deu então uma palmada e deu a Laura um caloroso abraço de boas-vindas.

— Sabia, sabia. Tony, venha, temos que celebrar — E olhando seu filho, acrescentou: — Diño, leva-os



a nossa mesa.

Este indicou com um gesto que o seguissem. Ficou ao lado de Laura e disse:

— Espero que não tenha pressa. Minha mãe leva sem ver o Jay um par de meses e querará repassar com ele todas as batalhas de nossa infância. Se tiver sorte, conseguirá escapar antes que saque o álbum de fotos.

Ela sorriu e sentiu uma simpatia imediata por Diño.

— Não se preocupe, não tenho pressa.

Seguiram Diño até uma grande mesa redonda que ocupava o fundo do restaurante, junto à porta da cozinha.

Jay olhou Laura e sorriu.

— Não são geniais? — E, em sua voz era evidente uma nota de orgulho.

— São maravilhosos — perguntou-se se, não tendo a aquela gente perto, ele teria aprendido o que era o amor — Não é de estranhar que você adorasse passar as horas ociosas aqui. — O sorriso de Jay ampliou, como se o fato de que gostasse de sua família o fizesse ainda mais feliz.

Havia dez cadeiras ao redor da mesa, assim Laura supôs que deviam ser um clã bastante extenso. Escolheu uma, estofada em veludo vermelho, e tomou assento. Os aromas que saíam da cozinha fizeram rugir as tripas ainda mais forte.

Tony voltou com uma garrafa de Chardonnay e cinco taças. Enquanto servia o vinho, Isabella retocou o coque, tirou o avental e tomou assento junto ao Jay.

Era evidente quanto o queria. E Laura se deu conta de que o sentimento era mútuo.

Diño deixou uma fogaça de pão recém assado e um pote com manteiga no centro da mesa. O aroma que desprendiam era incrível.

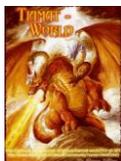
— Mmm, cheira muito bem — disse Laura.

Diño, sentado a seu lado, inclinou-se para ela e disse em voz baixa:

— Ataca. Podem passar horas antes que a deixem partir.

Ambos se puseram-se a rir e ela sentiu os olhos de Jay sobre ela. Voltou-se ligeiramente e o encontrou sorrindo. Trocaram um olhar longo e carregado de significado. Deus, cada vez que a olhava daquela maneira, como se fosse a pessoa mais importante do planeta, tremiam-lhe as pernas.

Sentiu uma pontada no coração. Era como se estivessem conectados. Sob uma fina capa de pele, seu sangue pulsava com paixão e desejo, e com algo mais. Algo que não se atrevia a nomear. Algo que Jay Cutler, o Selvagem, não tinha intenção de lhe dar. Se fez um nó na garganta. Jamais deveria ter se permitido sentir algo por ele.



Desejava-o com tanta intensidade que seus próprios sentimentos a assustavam. Queria que a olhasse com os olhos cheios de paixão, que percorresse sua pele nua com a boca, com a língua, com os dedos. Queria acariciar seu corpo com as mãos e acabar de uma vez o que tinham começado no lavabo do diretor.

Respirou profundamente, tratando de se desfazer daquela sensação que lhe aprisionava o peito e pôr de lado tanta fantasia. Recostou-se na cadeira, tomou um gole de vinho e foi mordiscando o pão, enquanto Isabella levava o peso da conversa, compartilhando com ela as travessuras do pequeno Jay.

Passar tempo com ele fora do laboratório causava estragos nela e pulsava até a última das cordas de seu coração. Era tão fácil estar com ele, tão agradável. Só olhá-lo, enquanto relembrava as histórias de juventude que Isabella se encarregava de adornar, produzia uma intensa paz interior. A realidade, o que a rodeava, perdia toda sua importância quando estava ao seu lado, e fazia esquecer que provavelmente aquilo não fosse para sempre.

Desfrutava da forma em que a risada de Jay, profunda e sensual, revolia tudo em seu interior. Sabia que estava entrando muito naquelas águas turvas. Muito. Se não construísse um muro para proteger seu coração, e logo, acabaria necessitando uma bússola para encontrar a saída.

Mal tinham esboçado as primeiras histórias de juventude da Isabella quando um homem jovem, atraente e de pele escura, pôs a cabeça pela porta da cozinha.

— Isabella, precisamos de você.

— Sim, Carlos, vou agora — respondeu ela exasperada, agitando as mãos no ar. — O que fariam sem mim?

— Bom, se compartilhasse as receitas de sua família com o Carlos, ele também poderia fazer os molhos — disse Tony.

Apontou com um dedo e logo se voltou para o Jay. Antes de levantar-se, agarrou sua face entre suas fortes mãos.

— Ah, Jay, te converteu em um homem bonito e respeitável. Há gente que ainda vem ao restaurante te buscando, perguntando por sua especialidade.

Ele baixou o olhar envergonhado. Agarrou a taça de vinho e a bebeu de um só gole. Imediatamente, seu pescoço se tingiu de um vermelho intenso.

O coração de Laura deu um pulso. Não podia acreditar na adorável cena que acabava de acontecer ante seus olhos. Jay Cutler ruborizando-se? Vá, tinha-o visto com seus próprios olhos.

Tomou um sorvo de vinho e perguntou.

— Que especialidade? — Não estava muito segura de querer ouvir a resposta, sobre tudo depois de



experimentar em suas próprias carnes o selo indiscutível do que estava segura era realmente sua especialidade.

Isabella beijou a ponta dos dedos e logo agitou a mão no ar.

— Jay faz uns linguine incríveis — respondeu com orgulho — Eu ensinei à ele tudo o que sabe.

— Mas ainda não me ensinou a fazer o molho que os acompanha — se queixou ele. Ela fez uma careta enquanto a assinalava com o dedo.

— Você... — Logo se levantou e vestiu novamente o avental. Laura arqueou uma sobrancelha, surpreendida.

— Sério? Linguine? — Impressionante. Sobretudo para alguém que era capaz de destroçar uma caixa de macarrão com queijo — Isso eu gostaria de ver.

— Tem que prová-los — respondeu Isabella. Tony deixou sua taça sobre a mesa.

— Issy, deixa o menino em paz.

Ignorando as palavras de seu marido, a mulher ficou em pé.

— Vamos, Jay. Mostre a Laura o que sabe fazer — O afeto que aquela mulher sentia por Jay irradiava de seu corpo e iluminava a todos o que se sentavam ao redor da mesa.

Ele se encontrou com o olhar de Laura, que ao ver a indecisão em seus olhos o acariciou no braço e disse:

— Adoraria vê-lo preparar linguine. De fato, adoraria que me ensinasse.

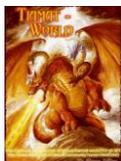
Compartilharam um olhar tenro e íntimo que esteve a ponto de deixar Laura sem ar. Seu coração começou a pulsar com mais intensidade e por um instante acreditou que, pela forma em que a olhava, aquilo realmente era para sempre.

Era possível? Atrevia-se Laura a acreditá-lo?

— Então, feito. Venham, os dois.

Laura seguiu Isabella à cozinha. O intenso aroma das especiarias invadiu seus sentidos. Nunca antes teve acesso à parte mais privada de um restaurante: a cozinha. Observou durante uns segundos tudo o que a rodeava. Havia vários homens, cozinheiros, atarefados com a preparação da comida. Sorriam enquanto preparavam deliciosos pratos de massa. Um deles introduziu o que parecia ser uma pizza de carne com dupla porção de queijo, ou, como Laura preferia chamá-la, alguém coroar, em um forno de lenha que se abria na parede e em seguida se colocou de novo frente aos fogões, onde frigideiras e panelas não deixavam de chispar. Sua cabeça se movia ao ritmo de uma canção que soava no rádio. A cena era maravilhosa e pitoresca ao mesmo tempo.

De repente ouviu a voz do Carlos ao outro lado da cozinha.



—J, me alegro em te ver — passou a mão pelo cavanhaque, perfeitamente recortado, e seu olhar posou em Jay. Em seguida se fixou em Laura e percorreu lentamente as curvas de seu corpo. Cruzou a cozinha com passos decididos, quase sensuais, até deter-se frente a ela, invadindo seu espaço vital. — E quem é a preciosa senhorita que trouxe contigo? — perguntou ao Jay com um marcado acento italiano.

Laura se fixou na tatuagem em forma de águia que lhe cobria a parte superior do braço e teve que obrigar a si mesma a levantar o olhar. Carlos inclinou a cabeça e seus olhos se encontraram. O cabelo, escuro e generoso, caía sobre os olhos. Era um homem cujos poros exalavam testosterona em estado puro. Carlos levava «menino mau» tatuado por todo o corpo.

— Olá — saudou o cozinheiro. Era evidente que sua voz, profunda e masculina, tinha quebrado mais de um ou dois corações.

Jay passou um braço ao redor de Laura, como se tratasse de protegê-la.

— Se afaste deste cara — advertiu. E, embora em sua voz houvesse certo tom de zombaria, ela percebeu nele um instinto de posse. — Se meterá em problemas a cada cinco minutos — inclinou-se para ela e sussurrou ao ouvido: — Sei por experiência própria. — Seu fôlego, perfumado pelo suave aroma do vinho, roçou-lhe o pescoço e penetrou dentro dela, despertando todos seus sentidos e deixando-a com uma intensa sensação de desejo.

Laura tratou de ignorar tudo isso e ofereceu uma mão ao Carlos.

— Prazer em conhecê-lo. — Durante um instante se perguntou se aquele homem era filho de Isabella.

Como se tivesse lido seu pensamento, Jay acrescentou:

— Carlos vivia a duas casas da minha. — Logo assinalou com a cabeça — Este cara é o responsável por todos os problemas e as brigas em que Diño e eu nos metemos na adolescência, até que Isabella o acolheu sob sua asa e mostrou o bom caminho.

Laura não deixava de surpreender-se com a facilidade com a que aquela gente abria sua casa e seus corações. Não era de estranhar que tivessem tantas cadeiras preparadas ao redor da mesa.

— Isabella me explicou algumas das travessuras do Jay, mas parece que há outras que ela não conhece. Adoraria escutá-las — disse com um sorriso nos lábios.

Carlos sorriu contente. Abriu a boca para dizer algo, mas Jay o cortou com o olhar.

— Esquece, Carlos — se apressou a dizer, tratando de que Laura não conhecesse os detalhes.

O cozinheiro se aproximou ainda mais dela e agarrou sua mão. Acariciou sua pele com o dedo polegar e logo, com um pequeno puxão, separou-a de Jay.

— Se esqueça da especialidade de J, Laura, e prove um pouco da minha. — Sua voz era suave como a



seda.

Ela afastou a mão, levantou o queixo e arqueou uma sobrancelha.

— Sim, Jay. Já vejo ao que se referia com o de que estava acostumado a os colocar em problemas — disse, respondendo à provocação. Logo olhou Jay e acrescentou — Estou segura de que Diño e você não foram mais que uns meninos puros e inocentes.

— Evidentemente — respondeu ele. Em seguida lhe fez um gesto com o dedo para que voltasse para seu lado, e sem afastar os olhos de Laura disse — Quantas vezes tenho que repetir isso Carlos? Quando uma mulher prova pela primeira vez um prato delicioso, nunca mais voltará para a comida lixo.

O cozinheiro respondeu com uma sonora gargalhada. Com os olhos brilhantes pela emoção do enfrentamento, penteou o bigode com os dedos enquanto piscava um olho para Laura.

— Já lhe disse isso, J. Quando uma mulher prova o sabor de um bom menu italiano — se deteve para dar uma palmada sobre o peito — nada mais será suficiente para saciar sua fome.

Esta vez foi Jay quem respondeu com uma gargalhada.

Continuaram brincando como só os bons amigos fazem, e Laura observou enfeitiçada o intercâmbio. Ao final, Jay deslizou um braço ao redor de sua cintura e a puxou, e ela se deixou guiar, e se aconchegou entre seus braços.

Jay riu enquanto Isabella empurrava ao Carlos para o outro lado da cozinha.

— Você... — disse — Já tem muitas mulheres das quais se ocupar. Vamos, Laura, achei um lugar em uma mesa para que possam cozinhar os dois.

Jay jamais tinha reparado que preparar massa pudesse ser algo tão erótico. Claro que nunca antes tinha preparado linguine com uma sensual cientista ao seu lado.

Laura era tão brilhante no laboratório como inapta na cozinha. Passados vinte minutos havia mais farinha em seu rosto, em sua roupa e em seu cabelo que sobre a mesa. Mas tinha que admitir que estava linda, inclusive com aquele aspecto tão desastroso.

De pé atrás dela, Jay a observava enquanto manipulava torpemente a massa como se tivesse algum tipo de vingança pessoal que perpetrar contra ela. A cena era tão cômica que não pôde evitar uma gargalhada.

— Laura, está se dando muito mal.

Ela levantou o queixo e apertou os lábios até que não foram mais que uma fina linha, claramente ofendida por suas palavras.

— Desculpa, mas acaba de dizer que me dou mal?

Ele sorriu, enquanto afastava uma mecha de cabelo de seu rosto e a prendia atrás da orelha.



— Sim, e acredito que é evidente que não me engano.

Laura agarrou um pouco de farinha com os dedos e a atirou à face.

— Né, seja bom comigo.

— Sempre sou — respondeu ele, piscando um olho.

A expressão no rosto de Laura dizia, entretanto, que nem sempre era assim.

— O que imagina que essa massa fez para que a trate assim? — Perguntou Jay, assinalando o vulto disforme que descansava sobre a mesa de trabalho.

Ela riu e inclinou a cabeça.

— Quer dizer que não deveria estar tão grumosa? — Sua risada profunda percorreu suas costas e encheu Jay com sua calidez.

Deu um passo à frente e se posicionou justamente atrás dela.

— Exato. O segredo está na forma de amassar. Olhe. — Passou as mãos ao redor da cintura de Laura, aprisionando-a na jaula que formavam seus braços, e uniu seus dedos aos dela para repassar a massa. Aquela posição trouxe tórridas lembranças do que tinha passado entre eles aquela mesma tarde. Desfez-se delas rapidamente e tratou por todos os meios de manter seus desejos sob controle. Santo Deus, não deveria estar pensando naquelas coisas quando o que queria era lhe demonstrar que era mais que um simples playboy.

Tratou de manter um tom de voz aceitavelmente baixo.

— Terá que amassar pouco a pouco, utilizando a palma da mão. Continua amassando até que a farinha se mescle e a textura seja mais fina — inclinou-se sobre ela e sentiu o suave perfume de seu cabelo recém lavado. Respirou profundamente aquele delicioso aroma enquanto debatia consigo mesmo para não beijar seu pescoço.

Laura afastou as mãos de Jay, recordando-o que era uma mulher decidida e que sempre enfrentava às provocações cara a cara, um traço de sua personalidade que ele adorava.

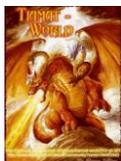
— Certo, já entendi. Deixe-me provar.

Jay deu um passo atrás e a observou. Era evidente que Laura estava desfrutando.

Seu único objetivo era dominar a arte da massa. Golpeou de novo a massa e em seus lábios se formou um sorriso.

— Acredito que já o tenho — disse ao Jay por cima do ombro, enquanto se balançava para frente e para trás, esmagando a massa, com sensualidade e ao mesmo tempo com inocência.

— Né, J, esta canção é para você — gritou Carlos do outro extremo da cozinha. Subiu o volume do rádio e a canção Play That Funky Music ressonou em toda a sala.



Laura começou a cantar e a seguir o ritmo com o corpo. Sua longa cabeleira se agitava no ar enquanto movia a cabeça seguindo o compasso da música. Apesar de todos seus esforços, Jay foi incapaz de afastar os olhos do traseiro de Laura, tão deliciosamente perfeito. Ficou ali de pé, paralisado, desfrutando da forma em que ela seguia o ritmo da música com o quadril.

Movia-se de uma forma sensual enquanto cantarolava a canção entre dentes, igual tinha feito aquele dia em seu apartamento quando tinham jogado com a moeda. Olhou-a de cima abaixo. Não importava com quanta intensidade tentasse. Era incapaz de esquecer a forma que tirou a roupa íntima naquele dia, a luz da vela projetando-se sobre sua pele nua ou como seu corpo reagia ao contato de suas mãos.

O som de sua doce voz e a visão dos jeans ajustados acentuando suas curvas acabou por acelerar o pulso de Jay. O coração bombeava cada vez com mais força. Sua determinação e seu autocontrole se desfizeram tão rápido como se formaram, como um torrão de açúcar em um copo de água.

Uma repentina explosão de paixão rugiu por todo seu corpo com a força de um raio, sentiu como o sangue se acumulava entre as pernas e o deixava sem sentido comum. De novo a luxúria, de novo aquela tensão na garganta. Era impossível não sucumbir perante semelhante mulher.

Unicamente no que podia pensar era em deixar-se levar. Tinha vontade de rugir de frustração, de liberar a tensão que o dominava com um grito selvagem. Seu pênis lutava por sair de sua jaula de tecido. Maldição. Desde que Laura tinha entrado em sua vida, vivia em um contínuo estado de excitação.

Respirou fundo e deu outro passo atrás, mantendo uma distância prudente entre ambos que o dissuadesse de fazer algo do que se arrepender. Algo como agarrar seu braço, obrigá-la a dar a volta e beijá-la até que a necessidade de se atirar ao chão e fazer amor grosseiramente fosse muito intensa. Queria sentir Laura sentada em cima dele, escarranchada, montando-o com a fúria de um animal, até que alcançasse o clímax e seus músculos se fechassem ao redor dele e sua doce essência o impregnasse.

Um calafrio percorreu seu corpo.

— Voilá! — disse Laura, dando a volta de um salto. Sorriu com tanta doçura que ele sentiu que seu coração derretia. — Consegui... — Quando seus olhos se encontraram com os dele, as palavras morreram em sua garganta. Tinha descoberto, não sem certa surpresa, a profunda excitação que se refletia no rosto de Jay.

Deus, estava tão bonita... Tragou saliva enquanto tratava de reunir as forças suficientes para não sucumbir à necessidade de acabar com o espaço que os separava.

— Eu... Acredito que consegui — sussurrou ela finalmente, depois de passar a língua pelos lábios.

Uma intensa febre percorreu o corpo de Jay. Fechou os olhos e se concentrou para não obedecer às



ordens de sua libido traidora.

— Jay... — O tom doce de sua voz chamou sua atenção. Abriu os olhos e a olhou fixamente. Tinha as bochechas cobertas por um intenso rubor.

A cadência sensual de sua voz e a forma em que tinha pronunciado seu nome não fez mais que anular a determinação pela qual tanto estava lutando. O desejo de tocá-la ou de saborear a doçura de sua boca era tão intenso que superava qualquer pensamento racional.

Já não podia ignorar seus impulsos nem um minuto mais. Tomou ar, deu um passo à frente e entrou no espaço de Laura. Um beijo, tão somente necessitava um curto, mas intenso beijo.

Os olhos verdes dela se abriram ainda mais ao advertir suas intenções. Acabou-se o manter distâncias. Quando se tratava de Laura, convertia-se em um homem débil.

Engoliu saliva e falou, não sem ter que fazer um esforço titânico para isso.

— Tem farinha no rosto. — Sua voz era grave.

Lentamente, aproximou uma mão de seu rosto e limpou o pó branco da bochecha. Ao sentir o contato de sua pele, Laura tremeu. Sua mão se fechou sobre a dele e seus corpos se encostaram um no outro, sem deixar de olhar-se aos olhos nem um instante. Cada vez que o tocava daquela maneira, como nenhuma outra mulher o fez antes, Jay sentia que custava respirar. Era uma carícia que despertava suas emoções, um tipo de carícia a que não estava acostumado. Podia ser que Laura o visse como algo mais que Jay Cutler o Selvagem?

Ao menos ficava a esperança.

Pigarreou. Ela fechou ainda mais os dedos sobre os seus e Jay sentiu uma ternura inconfessável. Tratou de concentrar-se em outra coisa, o que quer que fosse, antes de perder o controle por completo, assim fixou o olhar na massa que descansava sobre a mesa.

— Aprende muito rápido. Talvez a próxima vez seja você a compartilhar suas especialidades culinárias comigo.

Os olhos de Laura brilhavam de desejo.

— O único que sei fazer são cubinhos de gelo — Seu quente fôlego acariciou sua pele e fez que suas boas intenções se rompessem em mil pedaços.

Obrigou-se a rir, enquanto em sua mente passavam as coisas que poderiam fazer os dois com aqueles cubinhos.

Jay tratou de não concentrar-se na agradável sensação que supunha ter os quadris generosos de Laura contra os seus, mas foi em vão. Ela ficou nas pontas dos pés e ele pôde sentir a superfície cálida de seu sexo contra sua própria virilha.



— Tem farinha nas bochechas — disse ela, e a limpou com o reverso da mão.

— E você tem farinha por toda parte, preciosa — respondeu ele com a voz possuída pelo desejo.

Laura olhou sua blusa e o movimento de sua cabeça liberou as mechas de cabelos presos atrás das orelhas, que caíram sobre seus ombros.

— Já vejo. — Quando levantou de novo o rosto para olhá-lo, Jay lhe acariciou os lábios com o polegar. Aquele simples gesto era mais que suficiente para lhe fazer explodir.

— Inclusive no cabelo — continuou ele, enroscando uma mecha ao redor de seu dedo. Sua voz evidenciava seus sentimentos, por muito que se esforçasse em ocultá-los.

Uma intensa energia sexual percorria os corpos de ambos.

Laura passou os braços ao redor de seu pescoço. Olhou ao redor. Ocupados cozinheiros estavam atendendo diligentemente suas frigideiras e suas panelas, assim, sem prévio aviso, separou os lábios e meteu um dedo do Jay na boca.

Santo Deus!

Um gemido começou a formar-se em sua garganta e sua mente se desconectou por completo. Tanta ousadia o pegou despreparado.

Laura fechou a boca ao redor do dedo e chupou com força. Um amontoado de emoções nublam seus olhos e Jay soube que a situação estava fora de controle e que já não poderia detê-la.

Tudo nele, cada centímetro de seu corpo, pedia aos gritos que se entregasse a seus desejos.

Esqueceu por um instante onde estavam e a atraiu para si. Inclinou-se sobre ela e percorreu seus lábios com a língua. Ela tremeu entre seus braços. Jay sentiu seus mamilos eretos cravando-se em seu peito. Laura abriu os lábios, convidando-o, e ele, incapaz de seguir ignorando seus próprios desejos, beijou-a com paixão enquanto percorria as curvas de seu corpo com as mãos e deixava escapar de sua garganta um leve gemido de satisfação.

Lábio com lábio, saboreou a calidez acetinada de sua boca. Em seguida introduziu brandamente a língua, apenas uma insinuação, procurando a sua companheira. A doce invasão fez suas pernas tremerem. A calidez da boca de Laura o fazia seu sangue ferver. Beijou-a ainda com mais desejo e gemeu, deixando-se levar por seus desejos.

Deslizou as mãos por suas costas até encontrar os limites de sua blusa. Uma vez sob o fino tecido, desenhou pequenos círculos sobre sua pele e desfrutou do consolo que aquele abraço era para ele.

— Né, J — disse Carlos.

Laura interrompeu o beijo. Abriu os olhos e retrocedeu um passo, liberando do círculo de seus braços e acabando assim com a magia do momento. Um segundo depois, Jay já sentia sua falta.



Segurou-a pelo cotovelo mal dando conta do que fazia e a atraiu para ele.

— Laura... — sussurrou.

— Busca um quarto — burlou Carlos.

Ao ouvir a voz de seu amigo, a realidade caiu sobre ele como o raio que entra em contato com o chão.

Caralho.

Soltou o braço de Laura.

“Bem feito — disse a si mesmo — Assim é como se demonstra que não é um playboy de três por quarto que segue a torto e a direito por aí.”

Amaldiçoou-se por ter cedido aos seus impulsos. Laura merecia que a tratassem melhor.

Preocupado pelo que acabava de ocorrer, olhou-a pedindo desculpas em silêncio. Nos olhos de Laura, descobriu um amontoado de emoções enfrentadas e decidiu provar de uma vez por todas que era merecedor de uma mulher como ela.

Com os dentes apertados e os músculos da mandíbula tensos, retrocedeu um passo, pondo uma mínima distância entre eles.

— Por que não pegamos uma parte? — perguntou, assinalando uma pizza recém saída do forno — Deixemos que Carlos termine isto e nos prepare para levar.

Capítulo 9

Laura cruzou as mãos sobre seu colo e deixou que seu olhar vagasse pelas marcadas feições de Jay enquanto ele avançava entre o tráfego. Seu aroma, profundo e masculino, saturava até o canto mais escondido do carro e formava redemoinhos ao seu redor. Inspirou fundo e estudou seu rosto durante um bom momento.

— Né, J — disse brandamente.

Ele inclinou a cabeça e sorriu.

— Sim?

— Obrigado por esta noite.

Aquele sorriso lhe chegava ao coração.

— Graças a você, — respondeu ele — foi divertido.

— Gostei de conhecer sua família.



— E a eles de conhecer você.

Laura esticou um braço e acariciou sua mão.

— Sempre passo bem quando estou contigo.

Jay arqueou uma sobrancelha e apertou seus dedos com suavidade.

— Sério? Inclusive quando te enrolei jogando beisebol?

— Bom, suponho que há algumas exceções à regra.

Levantou a bolsa de papel que Isabella encheu generosamente com pasta fresca e um delicioso molho.

— E obrigado por me ensinar a fazer massa. Embora esperarei até manhã para prová-la. — esfregou o estômago — Estou completamente satisfeita. Comi muita pizza. — Deus, como gostava de estar ali sentada, falando com ele de tudo e de nada em particular, compartilhando com ele um momento de bate-papo.

Uma vez no estacionamento, Jay deteve o carro em sua vaga. O lugar estava quase às escuras. Laura repassou mentalmente os acontecimentos da noite e Isabella reapareceu em seus pensamentos.

Voltou-se no assento para poder olhar Jay cara a cara.

— O que Isabella quis dizer com não foi outro Cutler “de frio coração”?

Ele ficou imóvel um instante, franzindo o cenho.

— Meu pai e o restante de homens da família Cutler nunca foram capazes de manter uma relação duradoura. Todos eram uns vivedores, uns playboys a três por quatro, incapazes de sentir nada por ninguém. Depois que meu pai nos abandonou, minha mãe batizou ao clã como os Cutler “de frio coração”. — Se voltou para ela, esperando uma reação.

Laura limitou a assentir com a cabeça, convidando a que continuasse. E ele, depois de tomar ar, assim o fez.

— E, sempre estive acostumado a dizer que comigo não seria diferente.

O coração de Laura se deteve em seco. Agradecia que fosse tão honesto com ela, e a sua vez também queria ser sincera com ele. Enrugou o nariz e, com toda a delicadeza que foi capaz, disse:

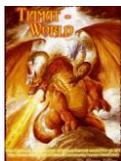
— Suas façanhas até a data não são muito alentadoras. — No olhar de Jay se refletiram mil emoções.

— Sei — disse com a mandíbula apertada.

— Parece que Isabella e Tony sempre tiveram fé em você. Acreditaram que você seria diferente.

Ele encolheu de ombros.

— É certo, mas quando alguém te repete tantas vezes que quando crescer não será diferente de seu pai, acostuma-se a viver segundo essas expectativas.



Laura assentiu.

— E o que necessitaria para demonstrar a si mesmo que não é outro desses Cutler “de frio coração”?

— A mulher certa — respondeu ele, levantando lentamente a cabeça.

Quando a olhou nos olhos, o coração de Laura começou a pulsar de forma descontrolada. Era o mesmo olhar do restaurante, que a fazia se sentir a mulher mais importante do mundo e a se perguntar se podia ser que Jay estivesse interessado em que aquilo fosse para sempre.

O coração deu um tombo dentro do peito.

Quando havia dito a Isabella que Laura era para sempre, tinha sido só para contentá-la, como Laura tinha pensado, ou era possível que ela fosse aquela mulher da que ele falava?

Deus, como se atrevia sequer a imaginar? De repente ele olhou por cima de seu ombro e Laura voltou a cabeça.

— O que acontece?

— Não sei. Acredito que vi algo. E prefiro não me arriscar, depois do ocorrido no laboratório e em seu apartamento.

O coração de Laura pulsou mais rápido por um momento. Entreabriu os olhos e olhou ao seu redor.

— Não vejo nada, Jay — Pensou que talvez estivesse trocando de tema para deixar de ser o centro da conversa. Possivelmente não gostasse de falar de suas emoções.

— Vamos, entremos em casa — disse ele.

Agarrou as bolsas de comida enquanto Laura procurava sua mochila, que deixara em algum lugar do assento traseiro, e rodeou o carro para reunir-se a ela.

Somente deram uns passos em direção ao edifício quando dois homens mascarados saíram das sombras.

— Merda — amaldiçoou Jay, segurando Laura para que se mantivesse atrás dele — Vá para o carro e feche as portas — ordenou em voz baixa, olhando-a com preocupação. Tinha o corpo tenso, preparado para a briga.

— Não tão rápido — disse um dos mascarados, e tirou algo que escondia nas costas. A luz dos apartamentos caiu sobre o homem e iluminou a folha da faca que segurava.

— Dê a bolsa.

Laura estava confusa. Queriam as linguine? Como estava atrás de Jay, olhou por cima de seu ombro e lhe golpeou brandamente nas costas.

— Dê a bolsa — disse.



O homem se movia com gestos rápidos, nervosos, e não deixava de olhar ao seu redor.

—Essa não — disse, sacudindo a cabeça.

Bom, tampouco tinha sido muito específico.

Por sua voz, o assaltante parecia nervoso, como se tudo aquilo estivesse pondo a prova sua paciência. Laura intuiu que não pensava lhes fazer mal, que não queria problemas.

O mascarado assinalou sua mochila.

— Essa bolsa.

Sua roupa? Queriam sua roupa?

Genial, estavam sendo atacados por um casal de travestis. Encantador.

O outro homem se limitou a dar voltas ao redor deles, sem dizer uma única palavra. Havia algo familiar na forma que se movia.

Laura rodeou Jay pela cintura. Ele fechou as mãos sobre as dela e apertou com força. Estavam sendo atacados por dois homens mascarados, e, mesmo assim, Laura se sentia segura ao seu lado.

— Já sabem o que estamos procurando — continuou o homem.

De repente Laura compreendeu tudo. Eram muito parvos se acreditavam que os arquivos do projeto estavam em sua mochila. Mas, ao fim e ao cabo, quem era ela para discutir suas ordens? A faca não estava em seu poder, precisamente.

— Dê a bolsa — disse o homem da faca, apontando com o queixo para seu cupincha— e ninguém ficará ferido.

Por que deixou as aulas de defesa pessoal? Não queria que sua roupa íntima caísse em mãos daqueles tapados da AdTech.

Com um movimento tão rápido que pegou aos dois homens de surpresa, Laura reuniu todas suas forças e deu uma cotovelada no estômago do tipo que estava mais perto, o silencioso, que avançava para ela.

O homem gemeu de dor.

Santo Deus! Aquele fedor era inconfundível. Inclusive um ataúde aberto desprenderia um aroma mais agradável que aquele.

O homem da faca avançou para ela, proferindo uma réstia de obscenidades a cada passo que dava. Então Jay, aproveitando a ocasião, tratou de arrebatá-la a faca. A arma saiu disparada. Em seguida lhe deu um murro na cara e o tipo desabou no chão.

Impressionante!

Antes que Jay tivesse tempo de ir em seu resgate, Laura propinou ao Max um pisão com todas suas



forças, golpeou-o no nariz e arrematou com um chute na virilha. E isso por que a virilha de Max era uma zona de sua anatomia da qual jamais queria aproximar-se além do estritamente obrigatório.

Obrigado, Gracie Hart!

Max amaldiçoou em voz baixa enquanto cobria suas doloridas partes com as mãos. Levantou-se do chão, agarrou a mochila e desapareceu na escuridão da noite.

Maldição, tanto trabalho para que o *Menino Tostón* escapasse com sua roupa íntima. Laura sacudiu a cabeça. Ao menos agora entendia por que Max foi tão persistente em tentar convencê-la por todos os meios para deixá-lo entrar em seu apartamento. Não queria nada com ela, só estava interessado na fórmula.

Olhou Jay e viu que estava tirando o celular do bolso. O outro encapuzado aproveitou para ficar em pé e sair correndo na mesma direção que Max.

Mal podendo respirar, Jay a olhou, e ela pôde ver em seus olhos quão preocupado estava por ela.

— Está bem? — perguntou.

Laura assentiu.

— E você?

— Sim. Onde demônio aprendeu a fazer isso?

Ela respirou fundo enquanto agitava a mão no ar, tratando de livrar-se da dor.

— A semana passada tive um encontro com Ben & Jerry e Miss Simpatia 2: armada e perigosa.

Jay franziu o cenho, claramente confuso.

— Repete isso? Desta vez em cristão, se não se importar.

— Ben & Jerry é uma marca de sorvetes, e Miss agente especial 2, um filme de Sandra Bullock. — Repetiu os movimentos que tinha utilizado para golpear Max — utilizei a técnica especial de Gracie Hart: plexo solar, pés, nariz e virilha.

Ele sacudiu a cabeça, assombrado ante aquela peculiar explicação.

— Não sabia que era uma mulher de talentos tão diversos. Lembre-me de nunca te fazer cócegas.

Tirou um cartão do bolso detrás de suas calças.

— Temos que chamar o detetive — disse, enquanto marcava o número no telefone.

— Bom, porque sei quem é o responsável por tudo isto. Os dedos de Jay se detiveram imediatamente.

— Sério?

— Sim. Max.

— Max? E como sabe que foi ele?



— Por seu fôlego. Poderia identificá-lo a quilômetros de distância.

Ele a olhou como se tivesse perdido algo mais que a mochila com sua roupa íntima.

— Não estou louca, Jay.

— Não vimos seu rosto, Laura. Não podemos identificá-los. — Arqueou uma sobrancelha e sorriu —
A menos, é óbvio, que a ponham em uma roda de reconhecimento de fôlegos.

— Boa ideia — Agitou as mãos no ar, impaciente. — Dê-me o telefone.

Tocou duas vezes antes que a voz do detetive Doyle respondesse do outro lado. Enquanto ainda tratava de recuperar o fôlego, Laura explicou em poucas palavras os detalhes do que tinha ocorrido.

Doyle permaneceu em silêncio durante um instante. Ela supôs que estaria engolindo uma parte de donut antes de poder responder. Finalmente clareou a garganta e falou:

— Farei uma visita, mas necessitarei mais provas que seu fôlego, Laura.

Ninguém parecia acreditar e aquilo a deixava furiosa. Abriu a boca para responder, mas o detetive a cortou antes que pudesse dizer algo.

— Não se preocupe, nem tudo está perdido. Encontramos uma digital em seu apartamento e estamos trabalhando nela.

Falaram uns minutos mais e logo Laura devolveu o celular para Jay.

— Quer falar contigo.

Ele trocou umas palavras com Doyle, assegurou que ambos estavam bem e prometeu passar pela delegacia de polícia a primeira hora para poder fazer o relatório do que lhes tinha acontecido.

Uma vez que desligou, guardou o telefone no bolso e olhou a Laura.

— Disse que fiquemos tranquilos e descansemos, amanhã tomarão o depoimento. — Agarrou sua mão — Vamos antes que se deem conta que escaparam com seus sapatos. Embora algo me diz que não voltarão.

Sorriu

— Não depois de ver você se fazer de Jackie Chan. Esse cara estará segurando as bolas o resto de seus dias.

Laura tirou os sapatos no vestíbulo e olhou ao redor dele. O piso de Jay não era nada o que esperava. Talvez vivesse a vida de um playboy, mas sua casa não parecia o retiro de um donjuán solteiro. Embora no fundo não a surpreendesse.

Abaixo daquela fachada de sex love se escondia um homem profundo e sincero, talvez inclusive um cientista estranho como ela.

O saguão dava acesso a uma sala de estar muito masculina, mas confortável. Mais à frente uma



cozinha de paredes amarelas com uma pequena mesa para uma refeição ligeira em um canto.

— Vou deixar suas coisas no quarto.

O som profundo de sua voz raspou algumas cordas dentro dela. Não podia acreditar quanto o desejava o quanto ansiava que ele sentisse o mesmo por ela.

Caminhou atrás dele, admirando suas costas largas e musculosas enquanto avançavam pelo corredor. Jay abriu uma porta e indicou com um gesto que entrasse.

Uma cama de enormes dimensões enchia o quarto. Laura não pôde evitar olhar a cabeceira em busca de marcas. Perguntou-se quantas mulheres teriam provado a suavidade daquele edredom azul cobalto. Fechou os olhos com força, tratando de ignorar seus próprios pensamentos, e os intensos batimentos de seu coração a levaram por uma viagem emocional cheia de turbulências.

Abriu de novo os olhos e a evidência apareceu antiga e cristalina frente a ela.

Fazia meses que não via Jay com outra mulher. E agora que o pensava, o telefone tinha deixado de tocar como nos velhos tempos. Talvez porque estiveram trabalhando em tempo integral no projeto, ou será que possivelmente tinha perdido o apetite por aquelas mulheres magras como cenouras?

De repente um intenso cansaço se apoderou dela. Bocejou e encolheu de ombros. O movimento arrancou uma careta de dor de sua face. Talvez tivesse se machucado ao golpear Max.

Jay a olhou preocupado. Agarrou seu braço e começou a massagear a zona com suavidade. Laura se sobressaltou ao sentir o tato de suas mãos, cobrindo seu ombro por completo. Eram mãos fortes e masculinas, mas capazes ao mesmo tempo de acariciar com ternura.

Laura olhou-o aos olhos, enquanto em sua mente as ideias passavam a toda velocidade. Pensou em todos os anos em que trabalharam juntos e em todos os projetos que levaram a bom termo. Recordou as partidas de beisebol, as reuniões com companheiros em que compareceram e as risadas que compartilharam; a noite em seu apartamento, a tarde no lavabo do diretor, a deliciosa noitada com sua família e a aula de culinária no restaurante da Isabella.

Eles passavam tão bem juntos... Recordou a forma que Jay a beijara fazia somente umas horas. Se o potenciador ainda estivesse ativo em seu corpo, provavelmente aquele beijo não teria sido tão tenro, tão emotivo.

Pensou em como se sentia quando estava com ele. A seu lado, era algo mais que uma cientista ou uma simples rata de biblioteca. Pela primeira vez em sua vida sentia que suas curvas generosas eram belas e que devia sentir-se orgulhosa de sua inteligência.

Deteve-se para considerar a situação. Talvez agora a tocasse, talvez sua missão fosse demonstrar que não era um playboy de terceira, que não se parecia em nada aos homens de sua família. Jay era amável e



atento, e sem dúvida capaz de experimentar o que era o amor.

Laura respirou fundo. Aquela noite pensava fazer algo que não tinha feito antes. Abandonaria seu espaço, seu remanso de tranquilidade, para arriscar-se.

Demonstraria para Jay que não era outro Cutler “de frio coração”. E o que era mais importante, o faria compreender que ela era a mulher que levava tanto tempo procurando.

E como pensava fazer? Seduzindo-o em corpo e alma e terminando o que tinham começado. Faria amor toda a noite, para lhe provar que o que compartilhavam podia ser para sempre. E, enquanto se entregavam ao prazer nos braços um do outro, ela tocava sua alma e demonstraria que era um homem que podia experimentar emoções.

— Está muito tensa.

A voz de Jay a devolveu ao mundo real.

Deu um passo para ela e a envolveu com seu aroma quente e masculino. Laura tragou saliva e tratou de concentrar-se nas pequenas explosões de prazer que aconteciam por todo seu corpo com tanta intensidade que teve que reprimir-se para não lançar-se sobre ele e comprovar se estava tão “tenso” quanto ela.

— Pode ser que seja da cotovelada que dei no Max — respondeu finalmente, depois de recuperar a voz.

— Entre uma coisa e outra, hoje recebeu uma boa surra, verdade?

— Poderia-se dizer que tive dias melhores — assentiu — Ao menos você não é o responsável por todos os meus machucados — continuou, com um sorriso sacana nos lábios.

Jay sorriu.

— O que acha de um banho quente? Ajudará a se sentir melhor.

Laura sentiu um calafrio enquanto imaginava todas as maneiras que Jay poderia ajudá-la a sentir-se melhor, como tinha feito aquela mesma tarde na casa do diretor.

Ele não esperou que respondesse.

— Vamos — Agarrou sua mão e a guiou ao outro lado do corredor — Prepararei seu banho.

O corpo de Jay desprendia uma calidez e uma fortaleza comovedoras. Laura sentou-se na borda da banheira de porcelana cinza e observou-o enquanto ele ajustava a temperatura da água, perguntando-se com o pulso acelerado em que momento se apaixonou por ele.

— Assim está bem — disse ele, inclinando a cabeça. — Vou buscar uma camiseta para que possa se trocar em seguida. Volto em um minuto.

Laura contou os segundos antes de deixá-la só para que pudesse banhar-se, Jay acendeu umas



velas e atenuou a intensidade das luzes do banheiro. O ambiente perfeito para a sedução, disse Laura.

A suave luz das velas criava uma iluminação cálida e tênue, e a temperatura da água acalmava sua dor e relaxava seus músculos. Esfregou o corpo com um sabonete perfumado e logo deixou cair entre suas coxas. De repente, Jay bateu na porta.

— Entre — respondeu ela, surpreendendo-se de que batesse em sua própria casa. Além disso, aquela mesma tarde, quando a descobrira em roupa íntima no lavabo do diretor, não lhe tinha parecido que estivesse muito preocupado pelas formalidades.

— Está decente? — perguntou Jay do outro lado da porta.

Aquilo dependia do que ele considerasse como decente. Ao menos seus pensamentos não eram.

— Estou nua.

Sua risada soou ao outro lado da porta.

— Não se preocupe. Se vir algo que não tenha visto antes, correrei.

Sempre tão irreverente. Antes que Laura tivesse tempo de responder, abriu a porta.

— Pensei que gostaria de uma xícara de chá. Sei que você gosta de tomar uma antes de se deitar.

— Ah, sim? — respondeu ela, arqueando as sobrancelhas — E como sabe disso?

Ele se limitou a encolher de ombros.

— Quando ficamos trabalhando até tarde no laboratório, sempre tem uma xícara de chá perto.

Laura admirou a perfeição de seu rosto sob a tênue luz das velas.

— Obrigada.

— De nada. — Entregou-lhe a xícara e logo se sentou na beira da banheira.

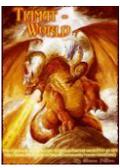
Laura se sentiu incrivelmente vulnerável ao seu lado. Claro que não era todos os dias que tomava a decisão de abrir-se ao Jay, de oferecer-se em corpo e alma. Estava a ponto de descobrir de uma vez por todas se o potenciador estivera guiando suas ações todo aquele tempo ou se realmente sentia algo por ela.

Tomou ar, levantou-se e deixou ao descoberto seus peitos cobertos de sabão, enquanto aceitava a xícara de chá quente. Tomou um pequeno gole.

— Mmm. Está muito bom — sussurrou, e nos lábios dele se formou um sorriso de satisfação.

Jay afundou uma mão na água quente e em seguida lhe acariciou a nuca com os dedos. Laura adorava a naturalidade com que a tocava. Seu corpo tremeu sob uma intensa sacudida de prazer.

Decidida a utilizar todas suas armas de sedução, inclinou-se para frente e soprou brandamente o fumegante chá. O movimento fez com que várias mechas de cabelo molhado se precipitassem sobre seus ombros e lhe acariciassem os mamilos. A sensação foi tão intensa que as pequenas pérolas rosadas se



contraíram até converter-se em duas minúsculas contas.

Jogou a cabeça para trás e observou Jay, calibrando suas reações: ele tragou saliva e a olhou; primeiro os lábios e a seguir os peitos. Trocou de postura ligeiramente e, por último, apertou os lábios até que não foram mais que uma fina linha. Em seguida passou os dedos pelo cabelo.

Era desejo o que Laura pareceu perceber em seus profundos olhos azuis, tão somente um instante antes que afastasse o olhar?

Um segundo foi suficiente para acabar com suas ilusões. Jay se levantou da beira da banheira, com mil emoções contraditórias brilhando em seus olhos. A mudança em sua atitude foi tão sutil que pegou Laura totalmente despreparada.

— Deveria descansar um pouco. É tarde e hoje já lhe aconteceram muitas coisas —parecia tenso— Além disso, amanhã temos muito trabalho. — Agarrou uma toalha que pendurava da parede e a deixou sobre o lavabo — Deixei uma camiseta em cima da cama — Depois de dizer isto, saiu do banheiro, fechando a porta atrás dele.

E naquele preciso instante Laura soube: seus piores medos se converteram em realidade. Não só não estava interessado nela, mas também sequer gostava.

Os efeitos do potenciador tinham controlado suas ações.

Laura tragou saliva, tratando de desfazer o nó que bloqueava sua garganta. Sabia que não poderia abandonar aquele apartamento com o coração intacto.

De repente se sentiu débil. Saiu da banheira, secou-se com a toalha e voltou para o quarto. Fitou a enorme camiseta que Jay lhe deixou preparada, apagou as luzes, meteu-se na cama e se cobriu até o pescoço.

Enterrou o rosto no travesseiro e inspirou. O intenso aroma de homem de Jay impregnava tudo.

A lua brilhava no céu alto e sua luz chapeada penetrava através das cortinas e banhava a cama com um brilho sensual e quente. Era uma luz perfeita para dois amantes. Amantes! Maldita seja. Como se permitira acreditar naquela esparrela? Entre eles não havia nada. Não era mais que um simples experimento científico. Desejou de novo não ter abandonado as aulas de defesa pessoal, mas esta vez para chutar seu próprio traseiro.

— Como está? Precisa de algo?

Sobressaltou-se ao ouvir a voz de Jay. Olhou para a porta e estava ali apoiado contra o batente, com as mãos nos bolsos e aquela expressão tão atraente no rosto. Tratou de dissimular seu nervosismo, embora o coração pulsasse desbocado.

— Não. Estou bem.



— Que tal o galo? Ainda te dói?

Laura passou os dedos pelo ponto em que se golpeou.

— O inchaço quase desapareceu.

Repentinamente recordou as formas que Jay tinha aliviado outro inchaço totalmente distinto daquele essa mesma tarde, na casa do diretor.

Ele cruzou o quarto. Sentou na beirada da cama e o colchão afundou sob seu peso. Laura se voltou para ele, com uma mão debaixo da cabeça e o cabelo caindo como uma cascata por seu rosto.

— Me alegro de que não tenha sido nada — disse, enquanto recolhia as mechas de cabelo rebeldes e os passava por detrás da orelha.

Ela sentiu um calafrio que a percorreu da cabeça aos pés.

— Considero um pequeno preço que devo pagar por salvar os arquivos do projeto. Não quero que ninguém aperfeiçoe o inibidor antes de nós.

Jay abriu os olhos desmesuradamente e levantou as mãos no ar.

— Laura! Quase me esqueci de dizer isso o inibidor funcionou em Clyde.

Ela se levantou de um salto.

— Está me tirando o sarro — Jay sacudiu a cabeça — Isso é fantástico. Certamente o conselho aprovará a subvenção assim que virem os resultados.

Ele se encolheu de ombros.

— Não estou tão seguro. Os efeitos secundários podem ser diferentes nos humanos. Acredito que deveríamos prová-lo outra vez em nós, só para estar completamente seguros.

Laura mordeu o lábio inferior e se deixou cair sobre o travesseiro.

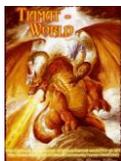
— Suponho que tem razão. Será melhor que tenhamos todas as bases cobertas e todas as respostas preparadas antes de apresentar os resultados — deteve-se um instante, pensativa. Não tinham chegado tão longe para voltar atrás agora que quase tinham obtido. O êxito daquele projeto era muito importante para muitas pessoas. Não podia deixar suas emoções se interpor.

— Administrarei em você uma dose amanhã pela tarde.

Jay a agasalhou e a beijou docemente na testa com tanta ternura que a surpreendeu. Tá, o que se supunha que significava aquilo? Um homem que não está interessado em manter uma relação séria não beija a sua garota dessa maneira.

Ele ficou em pé e em só três passos cruzou o quarto.

— Não faz falta que não vá ao laboratório pela manhã. Trabalharemos em casa. Passarei por ali para recolher o inibidor e logo provaremos a estabilidade dos efeitos secundários.



Deteve-se na porta, impedindo, com seu forte corpo, que entrasse a luz do corredor.

— Pode injetar em si mesmo?

Jay sacudiu negativamente a cabeça.

— Erin já sabe o que trazemos entre mãos, assim lhe pedirei que o ela faça.

OH, Deus. O coração parou em seco. Teve que respirar profundamente, tratando de voltar para a realidade. Tinha que falar com a jovem assistente antes que fizesse algo estúpido.

Algo como trocar os tubos.

Incapaz de encontrar uma postura cômoda, Jay deu voltas no sofá até altas horas da madrugada. Não conseguia afastar de sua mente a visão de Laura nua em sua banheira. A só a ideia provocava uma dolorosa ereção. E saber que estava dormindo em sua cama, apenas a uns metros de onde estava ele, não fazia mais que acrescentar gasolina ao fogo. Teve que controlar-se para não colocar as mãos na cueca e acabar com aquela tortura.

Às quatro e meia da madrugada desistiu de dormir. Afastou para um lado o fino lençol com que se cobriu, levantou-se, esticou braços e pernas para espreguiçar-se e caminhou em direção ao corredor.

Jogou uma olhada em seu quarto e viu Laura dormindo placidamente. Parecia muito relaxada, quase angelical. Em algum momento da noite se descobriu e o edredom descansava no chão, aos pés da cama. Aproximou-se, recolheu-o e a agasalhou de novo.

Então se deu conta de que o despertador da mesinha estava programado para soar às cinco. Aquilo era uma hora antes do que Laura estava acostumada a levantar-se.

Que razão teria para levantar-se tão cedo? Já tinham combinado que passariam o dia em sua casa, trabalhando. Inclinou-se sobre a mesinha e desconectou o alarme do despertador para que ela pudesse dormir tudo o que necessitasse.

Ela murmurou algo em sonhos e se voltou. Jay teve que conter-se para não deitar-se ao seu lado e embalá-la entre seus braços. Mas não queria despertá-la.

Precisava descansar, especialmente para o que ele tinha planejado para a noite seguinte.

Aquele dia quis lhe mostrar outro lado de si mesmo, além de sua faceta de playboy obcecado pelo sexo. Queria demonstrar que podia estar com ela sem ter necessariamente que possuir seu corpo. E no restaurante tinha mostrado quão bem podiam passar juntos fora do laboratório.

A noite seguinte, entretanto, a história seria muito diferente. Tinha planejado lhe ensinar quão bem podiam passar também entre os lençóis. Seus lençóis. Tinha chegado a hora de acabar o que tinham começado. Queria tomar seu tempo e lhe fazer amor lenta e apaixonadamente até que ela se entregasse



em corpo e alma.

Repentinamente recordou que realizariam as provas de estabilidade do inibidor de libido.

Franziu o cenho. Maldição.

Aquilo supostamente seria um obstáculo em seus planos.

Capítulo 10

O corpo exausto da Laura queria seguir dormindo, mas o canto dos pássaros penetrou em suas horas de descanso e despertou. Abriu os olhos e imediatamente voltou a fechá-los, cegada pela intensa luz da manhã que se filtrava pelas cortinas. Deu a volta e tratou de conciliar o sono de novo.

Sentiu uma intensa dor em todos os músculos de seu corpo e recordou certo episódio sexual que tinha compartilhado com Jay.

Fora, os pássaros continuaram cantando até que Laura já não pôde estar mais sonada. Espreguiçou-se, sabendo-se descansada como fazia muito tempo que não se sentia. Olhou a hora no despertador da mesinha de noite e imediatamente abriu os olhos espantada. Dez e meia! Se o pôs para as cinco. Que demônio tinha passado? Levantou-se rapidamente e olhou ao seu redor em busca de Jay.

Estaria no laboratório? Notou uma sensação pesada na boca do estômago. Precisava falar com Erin a todo custo.

Saltou da cama e sentiu o frio chão de parqué sob os pés nus.

Encontrou umas sapatilhas junto à mesinha de noite e as pôs e também colocou um robe de Jay.

Avançou pelo corredor, penteando o cabelo com os dedos.

— Jay? Está aí? — Foi até a cozinha e ali encontrou uma nota sobre a mesa.

Leu, reconhecendo imediatamente sua letra. Tinha deixado a cafeteira ligada e fruta e pão-doces frescos na geladeira. O que sempre tomava no café da manhã.

Acariciou as palavras com os dedos. Assombrava-a o atento e observador que era com ela, como conhecia nos detalhes o que gostava e o que não.

Então soou o telefone. Laura seguiu o som até que finalmente encontrou o aparelho sobre uma mesa pequena.

— Alô — apertou o fone contra a orelha e começou a procurar nos armários da cozinha uma xícara para o café. Necessitaria uma boa dose de cafeína para sobreviver a aquele dia.

— Né, Laura. Não te despertei, verdade? — A voz de Jay chegou até o último nervo de seu corpo.



— Não. Estava a ponto de me servir uma xícara de café.

— Estou a caminho de casa e queria saber se precisa de algo.

O coração deu um tombo. Era a forma como havia dito aquelas palavras, a naturalidade com que saíram de sua boca. A caminho de casa. Laura imaginou como seria compartilhar uma casa, um lar, com ele. As tardes a sós depois de um comprido dia de trabalho no laboratório. Deixar cair na cama cada noite e fazer amor apaixonadamente. Lutou contra aquele amontoado de emoções que lutavam por apoderar-se dela.

— Preciso falar com Erin — conseguiu dizer por fim, ignorando o nó que apertava sua garganta.

— Não estou no laboratório. Estou no carro, a um quarteirão do apartamento.

Laura mordeu o lábio inferior.

— Injetou o inibidor?

Jay pareceu duvidar um segundo antes de responder.

— Sim — Em sua voz detectou algo estranho.

— Erin quem te injetou? — perguntou ela, aguentando a respiração.

— Sim.

Deus!

Tratou com todas suas forças de manter um tom de voz calmo.

— E como... como se sente?

Jay, ignorando a pergunta, respondeu:

— O que está vestindo, Laura? — A excitação era evidente em sua voz e fez que Laura sentisse pânico... e excitação.

Meu Deus, certamente que Erin tinha trocado os tubos!

O coração começou a pulsar com mais força e sentiu como um intenso rubor cobria suas bochechas. Tinha que compartilhar com ele suas suspeitas. Ou não?

— Acabo de estacionar. Agora subo. — Parecia tão selvagem, tão no limite do abismo. Laura desligou o telefone e correu ao banheiro para refrescar-se. O aroma de Jay ainda flutuava no ambiente depois de sua ducha matinal. Sentiu um intenso prazer que a percorria por dentro, e, todo seu corpo começou a umedecer-se devido a pensamentos sobre o que aconteceria se evitasse o insignificante detalhe de que pelas veias de Jay corria um potenciador da libido, e se sucumbisse a seus desejos e fizessem amor, ou se o corpo dele estivesse em cima do dela e lhe cravasse as unhas nas costas enquanto ele a penetrava. Absorta como estava naquelas imagens, não ouviu os passos de Jay aproximando-se, nem tampouco se deu conta do tempo que levava observando-a.



— Né, olá.

Laura se voltou, encontrou seus olhos azuis e tomou ar.

— Olá.

Reconhecia perfeitamente aquele olhar em seus olhos. Era escuro e selvagem como de um lobo, o olhar de um animal indomável espreitando sua presa. Eram os mesmos olhos que lhe tinham feito amor com os dedos e a língua. Tragou saliva.

— Está bem? — O coração de Laura pulsava cada vez com mais força e suas pernas tremiam.

Jay se aproximou dela até que pôde sentir a calidez de seu corpo.

— Em realidade, não. — Sua voz era como um sussurro profundo.

— O que te passa? — perguntou ela franzindo o cenho.

Jay a segurou pela cintura e a atraiu para ele. Logo, com um rápido movimento, beijou-a.

Ela notou a ereção entre suas pernas e o coração deu um tombo dentro do peito. Tratando de dissimular o prazer que sentia, retrocedeu um passo e tratou de mostrar-se como uma autêntica profissional.

— Já vejo — Deus! desejava-o com tanta intensidade que quase resultava doloroso. Mas aquilo estava mal, verdade? Como podia fazer amor com ele sabendo o que Erin fez, sabendo que em circunstâncias normais ele nunca se deitaria com ela? Seu intento de sedução a noite anterior era uma boa prova disso.

— Suponho que a dose não fez efeito. Talvez devêssemos ir ao laboratório e realizar uma análise — sugeriu Laura.

Ao ver que se separava dele, Jay se sentiu decepcionado. Segurou-a pelo cotovelo e a puxou. Quando o corpo de Laura se chocou contra o dele, notou como todas suas terminações nervosas cobraram vida.

Os olhos de Jay posaram sobre sua boca. Ela estremeceu de prazer e logo passou a língua pelos lábios.

— Está funcionando, Laura. Tudo está ocorrendo tal e como deve ser — Sua voz foi adoçando.

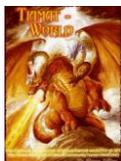
O que queria dizer com isso?

— Deixa que te faça amor, preciosa — O desejo e a paixão desenfreada nublavam seu olhar.

Deus! Tinha que dizer. Era o correto, e também o mais lógico. Jay acariciou sua bochecha com o reverso dos dedos e a olhou aos olhos com um desejo sincero e profundo brilhando neles.

Laura abriu a boca para falar, mas não pôde dizer nada. Uma luxúria incontável percorreu seu corpo quando os dedos de Jay desceram, até deter-se tão somente uns centímetros de seus mamilos.

De repente ela soube que tinha ido muito longe e que já não podia negar o prazer de seus beijos e de



suas carícias. Talvez não tivessem futuro juntos, mas ao menos ficava o presente. E, no momento, isso teria que ser mais que suficiente.

O que estava a ponto de fazer não era o mais inteligente que tinha feito em sua vida e carecia de moral, mas não pôde deter-se. Após aquele dia nunca mais teria a oportunidade de estar com ele. Esticou um braço e acariciou seu cabelo, atraindo a boca de Jay para a sua.

Abriu-se por completo a ele, em corpo e alma. Desabotoou o robe e deixou que deslizasse por seu corpo até o chão.

— Me faça amor, Jay — lhe sussurrou na boca.

Com a boca ligeiramente aberta, Laura se apertou contra o corpo de Jay enquanto percorria suas costas com as unhas, fazendo vibrar seus músculos com cada uma de suas suaves carícias.

Ele inclinou a cabeça e cobriu a boca de Laura com a sua. Assim que seus lábios tocaram-se, teve que recordar a si mesmo o que tinha que fazer para não deixar de respirar. Sentiu que o corpo dela relaxava e soube que estava a ponto de voltar-se louco de desejo.

Fazia tão somente uns minutos, ao girar a esquina e vê-la ali de pé, tão sensual e tão preciosa, com seu robe e suas sapatilhas, teve a sensação de que alguém tinha lhe dado um murro na boca do estômago. Um desejo animal o possuiu. Laura era a combinação perfeita de inocência e sedução, uma mescla explosiva que provocava nele a necessidade urgente, quase dolorosa, de lhe fazer amor.

Sentiu que o batimento do coração de sua ereção sobre o ventre de Laura era cada vez mais intenso. Tremia-lhe todo o corpo. Levava muito tempo esperando aquele momento. Era impossível ignorar a luxúria que corria por suas veias, não perder o controle quando a besta se apoderasse dele. Precisava tomar o corpo da Laura naquele preciso instante, de forma rápida e implacável. Desejava-a tanto que a intensidade do sentimento lhe resultava aterradora.

Afastou-se uns centímetros dela. Com os olhos fixos em sua boca, puxou a camiseta, e esteve a ponto de perder o conhecimento ao sentir a suavidade de seus cachos castanhos e úmidos entre seus dedos.

— Deus, Laura, não leva calcinhas — Estava molhada, e muito. Jay exalou um suspiro tremente e lhe acariciou o clitóris, esticando-o de prazer.

— Me roubaram — respondeu isso ela em um sussurro.

Ele deslizou um dedo dentro dela e o corpo de Laura respondeu imediatamente. Era incapaz de dissimular suas reações. Queria que aquilo ocorresse tanto como ele.

— Graças a Deus — murmurou ele.

O olhar de Laura se tornou profundo e brilhante.



— Jay, leva muita roupa em cima — disse, enquanto abria sua camisa com mãos impaciente — Preciso tocar sua pele — Sua voz soou intensa, desesperada.

Ele retrocedeu um passo e tirou a roupa até ficar totalmente nu. Ela baixou o olhar ao meio de suas pernas, de onde emergia uma alarmante ereção, e tomou ar. Passou a língua pelos lábios e fez um gesto com o dedo indicador para que se aproximasse.

Avançando lentamente, Jay abriu o armário do lavabo, agarrou um preservativo e o pôs. Continuou caminhando até cobrir o espaço que se interpunha entre eles. Sem muitos olhares, subiu a camiseta até a cintura, rodeou seu corpo com as mãos até encontrar as curvas de seu traseiro e a levantou, com uma perna a cada lado do quadril.

Ela ofegou, surpreendida, e se moveu contra o corpo dele. Jay sentiu o tato inconfundível de seu sexo abrindo-se para ele e lhe acariciando a ponta do pênis.

De repente os músculos de seu corpo se esticaram e sentiu que a cabeça lhe dava voltas. Tinha absorvido o calor que emanava de entre suas pernas.

— Me rodeie com as pernas — ordenou.

Laura obedeceu diligentemente e então Jay avançou dois passos e apoiou as costas dela contra a fria superfície da parede.

O intenso aroma da excitação nublava os sentidos. Estava a ponto de voltar-se louco de paixão. Um segundo mais tarde, sua boca caía violentamente sobre a dela, úmida e faminta. Acariciou-a, por toda parte, como se nunca fosse ter suficiente.

— Laura, não posso parar isto — sussurrou contra a suave pele de seu pescoço.

— Não quero que o faça. — A voz dela, crua, quase frenética, encheu-o de mil emoções distintas. Tragou saliva e tentou continuar.

— Queria que a primeira vez que fizéssemos amor fosse lentamente, com ternura. Merece isso.

A respiração de Laura era cada vez mais superficial.

— Teremos tempo de fazer amor mais tarde, Jay. Agora quero que me foda — A camiseta formava redemoinhos ao redor de sua cintura, enquanto ela se apegava ao quadril de Jay com força. Rebolou sobre seu corpo até que seu sexo abriu-se por completo.

Com um grunhido, ele cobriu seus peitos com as mãos e acariciou os mamilos através do fino tecido da camiseta.

— Está certa? Queria me assegurar de que você gozasse primeiro. — Sua respiração era também mais dificultosa por momentos.

As bochechas de Laura se cobriram de um intenso rubor.



— Não se preocupe, gozarei, mas agora, Jay, me fode, porra — Sua voz era como uma súplica sussurrada. Apertou os dentes com força e intensificou a força de seus movimentos. Jay sentiu como se abria completamente para ele.

Com pouca doçura, arrancou-lhe a camiseta e investiu com ferocidade. Seu sexo deslizou dentro dela. Sem lhe dar tempo a que se acostumasse, começou a mover-se para frente e para trás, a entrar e sair de entre suas pernas.

Laura arqueou as costas e acariciou ao seu rosto com os peitos. Jay apanhou um mamilo entre os lábios e chupou com deleite, enquanto beliscava o outro.

— Mais... mais... por favor... — Dominada pela paixão, Laura jogou a cabeça atrás e gritou seu nome — Jay!

Investiu-a com tanta força que os testículos se chocaram contra a suave pele de suas nádegas. Pelo olhar em seus olhos e o rubor em suas bochechas, era evidente que Laura estava a ponto de alcançar o clímax.

Ela fechou os olhos. O coração de Jay não deixava de pulsar cada vez com mais força dentro de seu peito.

— Não, preciosa, deixe que te olhe enquanto goza. É tão bonita. Deus, a quero tanto...

Laura abriu os olhos e se encontrou com os dele. Abriu a boca, mas dela não saiu nenhum som.

Jay experimentou uma agradável sensação de calidez quando os músculos de Laura começaram a contrair-se ao redor de seu membro. Ela deslizou uma mão entre seus corpos para acariciar o clitóris, e aquele gesto de abandono arrancou um gemido da garganta de Jay. As delicadas mãos da Laura se moviam febrilmente entre suas pernas. Sem sair dela, começou a descrever movimentos circulares para lhe provocar o orgasmo. De repente o corpo de Laura ficou tenso e de seu sexo emanou um líquido doce e quente que abrasou ao Jay.

— Esta é minha garota.

Excitado pelo que acabava de ver, sentiu como o sangue bombeava com força entre suas pernas.

Laura enterrou a cara em seu pescoço e ele sentiu seu quente fôlego sobre a pele coberta de suor. Investiu de novo, cada vez mais perto do abismo, uma vez atrás de outra. Os braços da Laura lhe rodeavam o pescoço e seus peitos se chocavam contra seu torso. Com um empurrão final, deixou-se levar.

Gemeu de prazer e ficou imóvel, incapaz de controlar o orgasmo que estava experimentando. Laura esticou os músculos de seu sexo ao redor dele, lhe ajudando a liberar até a última gota de sua essência. Foi tão intensa a sensação, que Jay sentiu como tremiam suas pernas. Quando tudo esteve acabado, exalou um plácido gemido de satisfação.



Ficou imóvel, dentro dela, durante uns minutos que pareceram horas. Nenhum dos dois falou concentrados em recuperar o fôlego.

Finalmente, Laura rompeu o silêncio.

— Jay?

— Mmm?

— Não sinto as pernas.

Ele deu um passo atrás e a soltou com suavidade.

— Sinto muito — se desculpou.

Assim que Laura pôs um pé no chão, suas pernas começaram a tremer descontroladas e ele deslizou um braço ao redor de sua cintura para ajudá-la a manter o equilíbrio, um gesto que lhe agradeceu com um sorriso.

— Acredito que preciso me sentar antes que caia ao chão.

Levantou-a nos braços e a levou até a sala de jantar. Com supremo cuidado, colocou-a no sofá e, sentado a seu lado, acariciou sua face com ambas as mãos.

— Laura, tenho que te confessar algo. - Ela se mordeu o lábio.

— Eu também.

— Certo, comece você.

Capítulo 11

Tinha que dizer, explicar ao Jay o que Erin fez. O mais provável é que a odiasse por fazer algo tão ruim, por lhe deixar acreditar que o projeto tinha fracassado, mas se não se justificasse com ele, seria incapaz de seguir adiante com sua vida. Ele devia saber que o inibidor de libido funcionava. Laura não queria que acreditasse que sua carreira profissional estava em perigo.

Entrelaçou os dedos e fixou o olhar em seu colo, tratando de encontrar a forma de suavizar uma verdade tão crua. Sentiu-se muito débil, emocional e fisicamente.

— A fórmula não falhou — disse finalmente em voz baixa. Jay franziu o cenho.

— Não?

Laura respirou fundo e acrescentou:

— O que corre por suas veias não é o inibidor, mas sim o potenciador.

Levantou o olhar um instante para ver em seu rosto qual era sua reação, convencida de que



mudaria seu humor por completo. Mas por que parecia que suas palavras lhe resultavam divertidas?

— Erin trocou os tubos — continuou Laura, esperando que estas palavras apagassem o esboço de sorriso de seu rosto.

— Tem feito isso? E por quê? — perguntou ele, pondo uma mão sobre a coxa dela. Sua pele era cálida e suave. Ela sentiu um involuntário calafrio percorrendo as costas.

— Porque lhe disse que queria acabar o que tínhamos começado e ela me disse que trocasse os tubos outra vez, mas me sentia incapaz de te fazer algo assim. É verdade que considerei a possibilidade uma vez, ou duas, ou um milhão, mas não o fiz. Sendo assim, suponho que ela tenha feito, do contrário não teria se excitado de novo — Estava divagando, mas era incapaz de calar-se.

Jay levantou o queixo uns centímetros.

— Queria acabar o que tínhamos começado? — Sua reação confundiu Laura, que tinha esperado que se zangasse ao lhe contar o acontecido.

As palavras saíram de sua boca como se tivessem vida própria.

— Sim. Bom, não teria se deitado comigo se Erin não tivesse trocado os tubos.

— Isso é tudo?

Retirou a mão da coxa de Laura, esticou os braços por cima da cabeça e deixou-se cair sobre o respaldo do sofá. Ela estremeceu ao deixar de sentir o quente contato de sua pele. Consciente de repente de sua nudez, cruzou os braços e as pernas.

— E por que pensa isso, Laura?

— Porque sou um tipo estranho, um rato de biblioteca, e não uma dessas mulheres macarrão com as quais gosta de sair.

A respiração de Jay trocou de ritmo. Olhou-o de esguelha, tensa ante aquela reação. Baixou o olhar até a virilha e lhe pareceu ver que ali abaixo algo se movia.

— Suponho que agora seja minha vez de confessar — disse ele, com a voz alterada pela emoção.

Laura assentiu. Permanecia com as mãos entrelaçadas sobre o colo.

— Adiante — não tinha a mais remota ideia do que estava a ponto de escutar. Só sabia que o que ele dissesse não podia igualar a gravidade de seus enganos.

— Erin não estava no laboratório esta manhã. Telefonei para lhe dar o dia livre.

Laura ficou rígida, perplexa perante aquelas palavras.

— Mas me disse... Ele a interrompeu.

— Sei, e sinto muito.

— Então, quem te injetou o soro? Nos lábios de Jay se formou um sorriso.



— Ninguém.

— O que quer dizer?

— Que não me injetei o soro.

Aquelas palavras deixaram Laura sem fôlego.

— O que? — perguntou, sobressaltada.

— Não tomei nada — respondeu ele, encolhendo-se de ombros. De repente ficou de boca seca.

— E por que não?

Jay se voltou para olhá-la muito sério aos olhos.

— Porque parece que eu gosto dos insetos estranhos. Um em particular. - Laura tragou saliva.

— E esse inseto é você, minha doce Laura. Queria acabar o que havíamos começado. — Sua voz, profunda e masculina, percorreu o corpo da Laura como se fosse uma carícia.

O coração lhe deu um tombo dentro do peito. Sacudiu a cabeça, tratando de clarear suas ideias. Acabava de ouvir o que acabava de ouvir, ou seguia perdida no frenesi do momento depois de uma sessão de sexo tão incrível?

— Não te entendo — conseguiu dizer por fim.

— O que é o que não entende? Já te disse que te quero. — Segurou o rosto de Laura entre suas mãos e a olhou fixamente com todo o amor que albergava em seu interior. Ela sentiu que lhe faltava a respiração.

Seu coração começou a pulsar com mais força. Tragou saliva. Dizia que a queria. Tinha-o ouvido enquanto faziam amor, mas tinha dado é obvio que aquelas palavras eram fruto da paixão do momento.

— Estou confusa. Ontem de noite estava nua em sua banheira tratando de te seduzir e você foi como se nada houvesse. — disse Laura com um fio de voz.

Jay sorriu.

— Tentou me seduzir?

— Sim. — Levantou as mãos no ar — Certo, não me saí bem com isso. Dê-me um desconto, era meu primeiro intento.

Agarrou uma mão e a apertou brandamente.

— Laura, queria te demonstrar que não sou um simples playboy obcecado com o sexo. Também me interessam outras coisas — deteve-se um instante — Bom, não muito, mas... — continuou com um sorriso nos lábios. Esticou uma mão e afastou uma mecha de cabelo molhado da face. Em seguida a olhou fixamente aos olhos — Poderia ter dito que estava louco por você, mas teria acreditado? Você mesma disse que era um playboy, que meus antecedentes eram bastante turvos. É uma garota pronta, Laura.



Pensei que não acreditaria uma só palavra que saísse de minha boca, porque a mim mesmo custaria acreditar.

— Possivelmente tenha razão — assentiu ela.

— Se mantive certa distância de você é porque queria te demonstrar que me importa. E não só por esse corpo tão incrível que tem, mas também porque é você. Queria te demonstrar quão bem podíamos passar juntos, fora de um quarto. Você tem aberto meu coração e me ensinou que posso amar.

— Vá. — de repente ela compreendeu tudo e sua voz se converteu em um leve sussurro — Sempre suspeitei que houvesse algo mais em você. Só precisava ter fé em si mesmo.

Aquelas palavras pareceram agradar Jay.

— E você também tem que confiar em você mesma, Laura — disse — Adoro seu corpo cheio de curvas e também sua mente. — Sorriu e a beijou brandamente na bochecha — Não há nada mais sensual que uma garota de ciências — brincou — A partir de agora, penso eliminar o macarrão de minha dieta.

Laura riu e seu coração começou a pulsar com força presa da emoção. Queria-a.

Jay baixou a vista ao chão timidamente.

— É obvio que estaria mentindo se te dissesse que quando a vi nua na banheira não pensei em sexo, molhado e espumoso — Suas sobrancelhas se arquearam apenas uns milímetros.

Laura passou a língua pelo lábio inferior.

— Mmm... sexo molhado e espumoso. Nunca provei isso — sentia-se incrivelmente feliz, tanto que por momentos lhe parecia estar enjoada. Lágrimas de felicidade nublaram seus olhos.

Jay limpou suas lágrimas das pestanas.

— Bom, pois não tem nem ideia do que está perdendo — Em seus lábios floresceu o melhor de seus sorrisos de menino mau. Como Laura gostava daquela expressão!

— Talvez devesse me dar aulas — disse ela.

Rodeou os ombros com um braço e ambos avançaram pelo corredor em direção ao banheiro.

— Será um prazer.

— Agora que penso, nunca fiz na ducha, nem sobre a mesa da cozinha, nem em um elevador, nem em um avião...

Jay riu.

—Né, para Laura, que não sou mais que um homem. Temos o resto de nossas vidas para fazer todas essas coisas.

Ela adorava o brilho de seus olhos. Beijou-o brandamente nos lábios enquanto uma intensa calidez



Ihe invadia o coração.

— O único homem para mim. Te amo, Jay Cutler.

— Também te amo, Laura Cutler. Ela abriu os olhos surpreendida.

— Jay...

— E é a única mulher para mim. Quer se casar comigo? — A solenidade de sua voz fez com que os olhos de Laura se enchessem outra vez de lágrimas de felicidade.

— Com uma condição. — Por um instante pensou que Ihe incendiava o coração de tanto amor que sentia.

Jay inclinou a cabeça.

— Sêrio? - Ela sorriu.

— Nunca mais voltaremos a provar o inibidor de libido em você. Não quero ter que passar uma só noite sem fazer amor contigo.

— Trato feito. — Jay Ihe devolveu o sorriso, beijou-a nos lábios e a guiou até a banheira, onde demonstraria de novo quanto a queria.

Capítulo 12

Laura dava voltas pelo laboratório, nervosa, alisando com as mãos a saia negra até o joelho que vestia. Jay e ela tinham apresentado os resultados da investigação ante o conselho fazia tão somente umas horas e estavam ansiosos por conhecer o veredicto. Saber que estavam três andares mais abaixo, na sala de conferências, discutindo se outorgavam uma subvenção ou não a punha incrivelmente nervosa.

Tirou-se a presilha de plástico que Ihe sujeitava o cabelo e sacudiu a cabeça até que os cachos castanhos caíram por suas costas como em uma cascata. Logo olhou ao Jay. Estava sentado em seu banquinho, muito relaxado, folheando uma revista. Estava muito bonito com aquele traje azul marinho. Aquela cor acentuava a calidez e a profundidade de seus preciosos olhos azuis.

Levantou o olhar da revista para ela e Laura se viu cheia de amor por ele.

Fazia menos de uma semana os dois eram companheiros de laboratório e pouco mais. E agora, em menos de seis meses, encontrariam-se ante o altar e se converteriam em companheiros para toda a vida. Sentiu uma alegria imensa enquanto imaginava Jay vestido de smoking e esperando-a junto ao altar.

Deu de presente um sorriso carregado de sensualidade.



— Relaxe, Laura. Encantou-os.

Era incrível a facilidade com a que ele lia cada uma de suas emoções em seu rosto.

Sabia que tinha razão. Os membros do conselho haviam parecido impressionados ao conhecer seus descobrimentos, mas mesmo assim não podia evitar sentir-se nervosa. Suas futuras carreiras dependiam daquela subvenção.

— Crê que aprovarão o pressuposto apoiando-se unicamente nos resultados de Bonnie e Clyde?

— Passarão no pressuposto apoiando-se no brilhantismo de sua fórmula, Laura — assegurou ele.

Ela sorriu ao sentir-se respaldada.

Alguém bateu na porta do laboratório. Levantou a cabeça e viu a cabeça de Erin aparecendo.

— O diretor quer ver os dois em seguida.

— Chegou a hora — disse Jay, com os olhos brilhantes pela emoção. Ficou de pé, cruzou a sala até estar frente a Laura e lhe deu a mão. — Pronta? — perguntou arqueando uma sobrancelha.

Laura deixou escapar um suspiro.

— Vamos.

Erin lhes desejou boa sorte. Uns minutos mais tarde se detiveram frente ao escritório do diretor. Ela se ergueu, tomou ar e chamou.

— Entre — disse a voz de Reginald.

Tinham decidido manter sua relação em segredo, ao menos até que conhecessem os resultados, assim Laura soltou a mão de Jay. Reginald não gostava das confusões entre empregados e eles não queriam que nada interferisse com a subvenção, com futuras propostas ou com sua capacidade para trabalharem juntos, se é que essas novas propostas eram bem acolhidas.

Jay girou o trinco, empurrou a porta e franqueou a entrada a Laura.

Ela observou com curiosidade o inexpressivo rosto do diretor enquanto avançava até sua mesa e tomava assento em uma das cómodas cadeiras que havia frente a ele. Jay se sentou junto a ela. Laura não queria parecer nervosa, assim entrelaçou os dedos das mãos e se sentou tão reta como pôde.

Reginald se apoiou no respaldo de sua cadeira de pele marrom, que rangeu sob seu peso. Olhou-os fixamente e franziu o cenho.

— Só para mantê-los ao dia, Max foi preso. — Com um gesto da cabeça, assinalou em direção a algum ponto do chão. Laura se voltou e ali estava sua mochila.

— Encontraram sua bolsa no apartamento de Max. Isso e a digital do apartamento foram suficiente para acusá-lo formalmente.

Reginald baixou a voz, sacudiu a cabeça e continuou com a explicação.



— Os da AdTech se inteiraram de que estavam trabalhando em um projeto Top secret, assim infiltraram Max aqui para que espiasse. Quando o contratamos não tínhamos nem ideia de que trabalhava para a concorrência. Obviamente, esqueceu de mencionar em seu curriculum o posto que ocupava na AdTech — acrescentou, fechando os punhos — E como tinha contatos na empresa, as medidas de segurança não deram nenhum resultado. Levou-se a cabo uma investigação entre os empregados e aqueles que tinham algo a ver com ele já foram despedidos.

Olhou Laura e seu olhar se suavizou. Pôs as mãos sobre a mesa e as cruzou.

— Te devo uma desculpa, Laura. Conseguiu meter-se no sistema, mas isso é algo que não voltará a passar. Sei que disse isto antes, mas é que não me cansarei nunca de repetir. Sinto que entrassem em seu apartamento e sinto que ficasse apanhada no fogo cruzado.

A sinceridade do diretor a emocionou.

— Obrigada — respondeu com um sorriso.

Reginald centrou então sua atenção em uma pasta que tinha sobre a mesa e abriu-a.

— Bom, estou seguro de que estão mais interessados em conhecer a decisão do conselho que em falar do Max.

Os dois assentiram ao unísono e Reginald sorriu.

— Esse pequeno reverso não foi em detrimento de suas carreiras. Felicidades, o conselho aprovou a subvenção. Impressionou-os a apresentação, o trabalho duro, a dedicação completa ao projeto e os resultados positivos em Bonnie e Clyde.

Francamente aliviada, Laura deu uma palmada.

— Sim — disse.

Jay se inclinou para diante e perguntou ansioso:

— E a proposta?

— Também aprovada — respondeu Reginald — Podem começar com as provas preliminares para achar a fórmula para prolongar o prazer este mesmo inverno — Fechou a pasta e os olhou — Bom trabalho, aos dois. Vão contar aos outros.

Ficaram de pé, Sorrindo como o gato de Chesire. Laura agarrou sua mochila do chão e se apressou para a porta, onde Jay já a esperava.

— Ah, e Jay, uma coisa mais — disse Reginald. Os dois se detiveram em seco e o olharam.

— Sim? — perguntou ele, ainda sorrindo.

— Nem te ocorra voltar a pisar em meu lavabo. Não aprovo esse tipo de relação entre colegas de trabalho.



O sorriso de Laura desapareceu imediatamente. Meu Deus que vergonha!

Envergonhada, abriu a boca para dizer algo, mas foi incapaz de pronunciar uma só palavra. Sentiu um intenso rubor nas bochechas, que se foi estendendo por todo seu corpo.

— Merda — murmurou Jay entre dentes — Sinto muito.

Desejando poder sair daquele escritório, Laura girou sobre si mesma e agarrou a maçaneta da porta como se fosse sua vida. As palavras do diretor abortaram de novo a fuga.

— Uma coisa mais.

Ela tragou saliva, temendo o que lhes diria. Seu rosto ficou tenso enquanto se voltava outra vez.

Reginald arqueou uma sobrancelha em modo de aviso e os observou com atenção. Sua voz adquiriu um tom duro que antes não tinha.

— Se voltarem a provar uma droga em vocês mesmos sem consentimento escrito e sem ter os resultados preliminares com os ratos, ponho-os de patinhas na rua. Não penso permitir que meus dois melhores empregados ponham em risco sua saúde. Entendido?

Ambos assentiram.

Laura pensou que a preocupação do Reginald por seus empregados era genuína. Talvez todas aquelas reuniões tivessem algum sentido, ao fim e ao cabo.

Jay franziu o cenho.

— Mas como...?

O diretor levantou as mãos para interromper.

— Meu trabalho é saber tudo de todos. — Agitou uma mão no ar, como se tratasse de lhes afugentar — Vão celebrar. Bebam. Comam algo. Façam o que for que façam os jovens de hoje em dia. Mas isso sim, não se metam em problemas.

Jay e Laura deram a volta, dispostos a abandonar o escritório.

—Ah, e Laura.

Maldição, se já quase tinha chegado ao corredor. Tragou saliva e logo se voltou para olhá-lo, afastando o cabelo da cara. E agora o que? Pensava comentar suas habilidades com a massa? Ou o incidente das calcinhas rasgadas? Tratou de encontrar um fio de voz com o que responder, enquanto se esforçava em mascarar qualquer possível emoção.

Tinha um nó na boca do estômago que apenas a deixava respirar.

— Sim? — perguntou finalmente, tratando de aparentar tranquilidade. Reginald piscou um olho.

— Felicidades por seu casamento.

Ela sorriu e sacudiu a cabeça. Jamais deveriam ter tentado ocultar nada a Reginald Smith, também



conhecido como Pit Bull.

— Obrigada — respondeu.

— Verônica e eu esperamos receber um convite.

Jay agarrou Laura pela mão. Ela se inclinou para ele e absorveu a calidez que desprendia seu corpo.

— Podem contar com isso. — E então soube. Aquele suposto pit bull em realidade não era mais que um gatinho.

Reginald voltou a concentrar-se nos documentos que tinha sobre a mesa.

— Caiam fora. Têm uma celebração a que participar — repetiu com voz firme — E planos de bodas que fazer.

O banquete de bodas tinha começado fazia pouco mais de uma hora e estava em plena ebulição. Sentada junto a Erin no bar com um daiquiri de morango entre as mãos, Laura observava aos convidados. Tomou um instante para considerar quão maravilhosas tinham sido as coisas com Jay desde que se apaixonaram, fazia já seis meses.

Ali estavam seus pais e também sua nova família, Isabella, Tony e Diño, sentados ao redor da mesa, conversando uns com os outros. Sorriu, comovida pelo amor que desprendiam seus olhos cada vez que a olhavam. Logo avistou Reginald e a Verônica tratando de seguir o ritmo de uma canção dos anos sessenta, que Reggie tinha pedido expressamente, e lhes saudou com um gesto da cabeça.

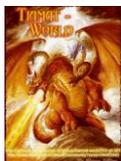
Sem deixar de rir, centrou toda sua atenção em Jay. Admirou a seu marido do outro lado da sala enquanto se mesclava facilmente com os convidados.

Marido. Não podia evitar sorrir cada vez que ouvia esta palavra.

Como se sentisse seu olhar sobre ele, Jay levantou o queixo até que seus olhos se encontraram. Estava muito bonito vestido com aquele smoking negro. Laura mal podia esperar tê-lo só para ela, embora sabia que ainda tinham que passar algumas horas para que isso acontecesse. Ergueu-se na cadeira e tratou de ignorar, ao menos de momento, a excitação que formava redemoinhos entre suas pernas.

De novo ele pareceu ler sua mente, porque piscou o olho do outro lado da pista de baile em um gesto cúmplice. Laura sentiu que lhe acelerava o pulso. Pela expressão do rosto de Jay, era evidente quanto a queria.

Não podia ser mais feliz. Depois de cair nos braços de Jay aquela cálida noite do verão, todo o resto parecia ter encontrado também seu lugar. Tinham conseguido a subvenção para seguir adiante



com as provas para encontrar a fórmula de um remédio que permitia ter o prazer sob controle e também para começar a trabalhar em um soro que ajudasse aos homens a prolongar suas ereções e conseguir orgasmos múltiplos. Jay morria de vontade de prová-lo. E não é que o necessitasse, tal e como tinha demonstrado em numerosas ocasiões.

Em um par de horas partiriam em lua de mel para o Hawai, assim tinham decidido, junto com o diretor, pôr Erin à frente da investigação. Aquela era sua oportunidade para deixar seu pequeno rastro no mundo da ciência e levar sua carreira ao seguinte nível. Durante os meses seguintes, trabalharia com Kale Alexander, amigo de Jay e padrinho de bodas.

Kale tinha pedido uma licença em seu laboratório de Los Anjos para voltar a Iowa, sua terra natal, e substituir ao Jay enquanto este estivesse ausente.

Laura deu meia volta para falar com Erin. Estava linda com seu vestido azul céu de dama de honra. Levava o cabelo recolhido em um elegante coque, um penteado muito diferente do rabo-de-cavalo que estava acostumada a levar.

Laura sorriu ao ver como sua amiga olhava Kale, seu novo companheiro de laboratório. Alheio aos cuidados de sua admiradora, Kale deslizava pela pista de dança com uma jovem loira. Laura acreditou distinguir entre a multidão uma fileira de garotas que esperavam ansiosas seu turno para poder dançar com ele. De fato, pareciam estar pisando nos vestidos as umas das outras só para poder estar mais perto dele.

Laura deu um golpezinho no ombro de Erin para chamar sua atenção.

— Se você gosta, seduz-o. Isso é o que eu faria — sussurrou, lhe devolvendo suas mesmas palavras — E por certo, talvez queira limpar a baba da própria boca, Erin — brincou — Não é uma visão muito agradável.

A jovem abriu a boca, surpreendida.

— Muito engraçadinha.

Laura riu, recordando o dia em que Erin a tinha ameaçado trocando os tubos. Nunca saberia se teria feito ou não. Embora, em realidade, acreditava muito capaz. Sempre tinha sido uma garota muito descarada.

Jay cruzou a sala e apareceu ao lado de sua esposa. Laura se voltou para lhe olhar.

Tomou ar, enquanto um calafrio lhe percorria as costas. Instintivamente, inclinou-se para ele e olhou aos olhos. Tinham escurecido e pareciam cheios de desejo.

—Tudo preparado para sair para o aeroporto?

Ela reconheceu imediatamente a excitação que se escondia em sua voz. Jay deslizou um braço ao



redor da cintura de sua esposa e a sujeitou com força contra seu corpo musculoso. Deus, como gostava daquela sensação. Laura notou de novo como um calafrio percorria seu corpo enquanto a calidez de Jay incendiava todos seus sentidos.

— Estou pronta — respondeu.

Antes de desaparecer com ele, Laura se inclinou para Erin e sussurrou:

— Pode ser que vocês dois se divirtam tanto provando a fórmula de Prazer Prolongado como Jay e eu nos divertimos experimentando Sob Controle.

Embora a tivesse encantado poder ficar a escutar os detalhes, Laura tinha coisas mais importantes em mente. Como, por exemplo, que em poucas horas Jay e ela tomariam parte do seletivo Clube da Milha.

Além disso, os detalhes das aventuras e desventuras de Kale e Erin para produzir e testar o futuro Agradar Prolongado era outra história...

Epílogo

Quando levavam meia hora de vôo a caminho do Hawai, Jay se inclinou sobre Laura e perguntou em voz baixa:

— Está vestido as calcinhas que te dei de presente?

Ela sentiu uma sensação familiar sobre a pele, essa excitação crescente que a dominava cada vez que Jay lhe acariciava as bochechas com os lábios. Em uns minutos, uma vez que tivesse começado o filme e as luzes da cabine se atenuassem, tinham planejado que Jay a iniciaria no Clube da Milha, e só a ideia enchia Laura de uma intensa excitação. Durante os últimos meses se dedicaram de corpo e alma em tornar realidade todas as suas fantasias, e não só isso, mas também, além disso, Jay lhe tinha descoberto outras tantas que nem sequer sabia que tinha.

— Terá que esperar para averiguar — respondeu ela, zombadora, enquanto acomodava a cabeça sobre o travesseiro e cobria as pernas com uma manta.

O sorriso de Jay se converteu em uma careta letal.

— Não penso esperar — disse, e deslizou uma mão por debaixo da manta.

— O que supõe que está fazendo? — sussurrou Laura, olhando, nervosa, a seu redor. Tinham uma aeromoça a tão somente uns assentos de distância fazendo a ronda com o carro das bebidas.

— Quer te iniciar no Clube da Milha, verdade? — perguntou ele em voz baixa, e logo começou a massagear entre as pernas através do tecido da saia.



Laura não pôde conter um discreto gemido de prazer.

— Sim, mas não aqui — “OH, Deus, que sensação tão incrível” — Ainda estamos em nossos assentos. Jay se encolheu de ombros.

— Alguém poderia nos ver — continuou Laura. Esta vez ele se limitou a sorrir.

— É que acaso não passamos por isso já?

Lentamente começou a afastar a saia. A respiração de Laura se voltou mais e mais irregular, enquanto os peritos dedos de Jay descreviam pequenos círculos sobre sua pele.

Santo Deus!

Sua resistência se desmoronou como um castelo de areia. Separou as pernas ligeiramente, convidando a que seguisse com a massagem. O coração lhe pulsava cada vez mais depressa.

— Isto é muito perigoso, Jay.

Ele a olhou e arqueou uma sobrancelha.

— Sei.

— Não deveríamos estar fazendo isto — insistiu Laura.

—Você acredita?

Ela sacudiu rapidamente a cabeça e abriu as pernas um pouco mais. Os dedos de Jay avançavam cada vez com mais atrevimento.

— Sua boca diz uma coisa, Laura, mas seu corpo diz outra muito diferente — respondeu ele com um sorriso sacana nos lábios.

Vale, tinha-a pego.

O dedo polegar de Jay encontrou os suaves cachos que se escondiam entre as pernas de Laura e seus olhos se obscureceram de desejo.

— Santo céu — murmurou enquanto lhe acariciava o sexo nu.

Laura riu ao ver a reação de Jay ante sua nudez.

— Espero não se importar que não leve as calcinhas que me comprou, mas é que pensei que assim economizaríamos tempo — Enrugou o nariz — E os lavabos dos aviões são muito pequenos, não há espaço suficiente para manobrar.

— Deus, é consciente do que me está fazendo? — gemeu Jay enquanto afundava um dedo entre as úmidas carnes de sua esposa.

A punhalada de prazer fez com que as pernas de Laura comessem a tremer. Sua visão se voltou imprecisa e teve que fazer provisão de todas suas forças para poder falar.

— OH, meu Deus — conseguiu dizer finalmente.



Jay separou os lábios de seu sexo e com um rápido movimento deslizou o dedo da parte dianteira para trás.

— É tão sensual, Laura. Não posso suportar mais. Estou impaciente por te fazer amor. — Sua voz, profunda e masculina, embriagou-a por completo.

Laura afogou um gemido em sua garganta enquanto se afundava mais em seu assento. Jay deslizou um dedo dentro dela, excitando-a de tal modo que ela se sentiu arder por dentro.

— OH, meu Deus — murmurou, sujeitando-se aos braços do assento. Seus mamilos endureceram, pedindo a gritos um pouco de atenção.

Jay descreveu pequenos círculos ao redor do clitóris e ela começou a rebolar ao compasso de suas carícias. Trocou de posição para que tivesse um melhor acesso, e ele continuou acariciando-a com mãos peritas, levando seu desejo cada vez mais longe até que Laura acreditou que não ia poder suportar mais aquela prazerosa tortura.

Justo naquele momento apareceu a aeromoça.

— Querem algo para beber?

Graças a Deus o carrinho das bebidas impedia que a mulher visse as mãos de Jay movendo-se freneticamente entre as pernas de sua esposa.

Laura tragou saliva e tentou recuperar o fôlego.

— Água, por favor — sussurrou. Jay continuou lhe acariciando o clitóris com os dedos a um ritmo irrefreável.

— O mesmo para mim — disse ele com a voz um pouco afogada.

Beliscou a pequena pérola rosada, apertou e puxou até liberá-la de seu capuz de pele. Laura estremeceu de dor e prazer ao mesmo tempo.

— Com muito gelo — acrescentou Jay, transformando um solícito sorriso em uma careta quase malvada.

Os olhos da aeromoça se centraram em Laura.

— Encontra-se bem? — perguntou.

Jay deslizou outro dedo dentro de sua esposa. Santo Deus! Estava a ponto de ter um orgasmo, ali mesmo, com a aeromoça olhando-a fixamente.

Laura assentiu e sorriu.

— Estou... bem.

— Está enjoada? Tem as bochechas rosadas — Os olhos da aeromoça a percorreram de cima abaixo.

Jay aumentou a intensidade e a velocidade de suas carícias. Laura sentia cada vez mais pressão entre



as pernas e mal podia falar.

Tomou ar e abanou a face com as mãos, tratando de afastar a atenção da aeromoça da manta.

— Faz um pouco de calor aqui. Tenho um pouco de sede, isso é tudo.

Então os olhos da garota se fixaram na manta que cobria suas pernas.

Maldição!

— Parece um pouco acalorada, Laura — interveio Jay.

Olhou-o de esguelha. Ali estava com aspecto de não ter quebrado um prato na vida, enquanto seus dedos se perdiam dentro dela e a levavam lentamente ao bordo do precipício.

A aeromoça deixou dois copos de plástico com água e gelo em cima da bandeja de Laura. Jay agarrou um, bebeu um bom gole e meteu um cubinho na boca. O som do gelo contra os dentes trouxe para Laura velhas lembranças. Enquanto brincava com o cubinho, massageou-lhe o clitóris com o dedo polegar com uma incrível determinação.

A aeromoça entreabriu os olhos, visivelmente preocupada.

— Por que não se tira a manta?

Uma sucessão de pequenos terremotos sacudiu o corpo da Laura cada vez com mais intensidade, à medida que o orgasmo se aproximava, implacável.

— Não... — respondeu — Gosto da manta.

A mulher a olhou com uma expressão estranha e acendeu o ar condicionado no pequeno console que havia em cima do assento.

— Talvez devesse ir ao banheiro para molhar a face.

— Sim, Laura. Deveria ir ao lavabo. Está com uma péssima fisionomia — disse Jay, e acrescentou um dedo mais a doce penetração. Deus! Ela notava como seu coração pulsava a um ritmo frenético, e, além disso tinha começado a suar. Um último movimento com os dedos e seu corpo respondeu com uma explosão de puro alívio.

A aeromoça afastou o carro para que Laura tivesse mais espaço para ficar em pé. Os músculos de seu sexo começaram a contrair-se e a pulsar. Passou-se a mão pela testa para limpar gotas de suor.

—Vai... certo — gemeu, enquanto um intenso orgasmo sacudia seu corpo. Surpreendeu-a que a altura pudesse intensificar dessa maneira aquela deliciosa sensação, tomou uns segundos para acalmar-se e recuperar o fôlego e logo se voltou para seu marido.

— Pagará pelo que acaba de fazer — sussurrou.

Ele retirou a mão de debaixo da manta, devolveu a saia a sua posição original e se sentou comodamente em seu assento como se nada tivesse acontecido.



— Isso espero — respondeu com uma gargalhada.

Jay passou a mão pelo queixo. Os dedos ainda cheiravam a doce essência de Laura, o aroma tóxico que tanto o excitava.

— Talvez devesse te acompanhar, Laura. Tremem-lhe as pernas — Ignorando o olhar receoso da aeromoça, Jay seguiu a sua esposa para o pequeno lavabo que havia na parte traseira do avião.

Assim que a porta se fechou a suas costas, ela se sentou sobre o lavabo e abriu as pernas.

— Jay, estou muito molhada e preparada para que me foda — Seus olhos se encheram de um desejo quase doentio ao encontrar-se com os dele.

Nada o agradaria mais do que penetrar nela sem descanso até que ambos gemessem de prazer, mas antes queria saborear aqueles mamilos que tão insistentemente apareciam sob o fino tecido da blusa.

— Mostre-me os peitos — ordenou, incapaz de dissimular a urgência e a emoção em sua voz.

Laura obedeceu imediatamente. Tomou ar e desabotoou os botões da blusa um a um, até deixar descoberto as formosas curvas de seus peitos.

A respiração de Jay se voltou mais entrecortada, mais superficial. Sentiu um calor intenso ao ver como os mamilos de Laura se contraíam e trocavam de cor ante seus olhos. Inclinou-se sobre ela e rodeou a areola aveludada com a língua.

— Mmm...

Laura se arqueou contra sua boca.

— OH, isso é tão... — As palavras morreram em sua garganta quando o polegar de Jay penetrou entre suas pernas e lhe acariciou a tenra superfície do clitóris.

— Adoro quão molhada está sempre — sussurrou. Rodeou a fina pérola rosada com os dedos. Podia sentir como os músculos de Laura se esticavam, lhe pedindo a gritos que a penetrasse. Fechou a boca sobre um dos mamilos e puxou dele, disposto a devorá-la.

— Por favor, Jay... Foda-me — Sua voz entrecortada o excitava ainda mais — Quero mais. Por favor, necessito mais... — suplicou.

Ele deslizou um dedo dentro dela e se concentrou no outro mamilo. Acariciou-o com a ponta da língua, cobrindo o de saliva, e logo soprou sobre ele até que Laura gemeu de prazer. Os músculos de seu sexo se esticaram de novo ao redor de seu dedo, apanhando-o em seu interior. Deus, estava tão perto...

— Tem suficiente com isto, Laura?

Ela deixou cair a cabeça para trás e gemeu.

— Não — gritou, cheia de frustração. As chamadas que ardiavam em seus olhos lambeiram a pele de Jay enquanto ela seguia lhe suplicando.



Retorceu o dedo que tinha dentro de Laura e acrescentou outro mais.

— E o que me diz agora? Tem suficiente, Laura? — perguntou, enquanto pressionava cada vez com mais força até fazê-la gemer de prazer.

Respondeu com um movimento de quadril.

— Não, Jay. Quero seu pau dentro de mim, quero sentir sua dureza e sua ferocidade. Deslizou uma mão pelas calças de Jay até abranger seu membro com a mão.

Ele sentiu uma forte sacudida enquanto ela acariciava, e apertava, e percorria a fina pele de seu membro com os dedos, estendendo as pequenas gotas que emanavam da ponta. Aquilo era mais do que podia suportar.

Com um rápido movimento, desabotoou as calças e abaixou a cueca até os joelhos. Segurou as pernas de Laura e as abriu tudo que pôde para deixar ao descoberto a rosada pele de seu sexo. Em seguida tomou seu tempo para admirar aquela obra de arte da natureza e desfrutar do erótico da cena.

— É tão bonita... — lhe disse, inclinando-se sobre ela.

Ajoelhou-se no chão, entre as pernas dela, e acariciou seu doce sexo com a ponta da língua. Permaneceu ali um bom momento, desfrutando do delicioso sabor, aspirando a essência da excitação. Gostava da forma em que ela se entregava por completo a ele, o íntimo e desinibido que era o sexo entre os dois.

Laura tremeu, sem deixar de ofegar nem um instante.

— OH, sim — gemeu de agrado ao sentir que a língua de Jay a penetrava.

Ele ficou de novo de pé entre suas pernas e as bocas de ambos se encontraram. Tinham deixado de utilizar preservativo fazia já vários meses, porque queriam ser pais o quanto antes, e Jay estava seguro de que jamais se cansaria da erótica sensação de sentir a pele contra a pele. Nada que tivesse experimentado antes era comparável a aquilo.

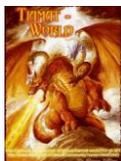
Olhou-a aos olhos, aqueles dois luzeiros que transbordavam paixão, e logo a beijou com ternura.

— Te quero, Laura.

— Também te quero — murmurou ela em sua boca, inclinando-se para diante para arrastá-lo ainda mais para aquela espiral de paixão. Sujitou-o pelos ombros e gemeu uma e outra vez, enquanto ele não deixava de penetrá-la.

A potência do orgasmo de Laura surpreendeu Jay, que sempre se maravilhava de como respondia a suas carícias. Lançou um suspiro ao notar como os músculos de seu sexo se esticavam e ondulavam ao redor de seu membro.

Então a segurou pelo quadril, colocou-a de forma que pudesse penetrá-la mais profundamente e



investiu com força, e cada vez mais depressa, como gostava, enquanto com o polegar aplicava pressão no clitóris. Os gemidos de Laura confirmaram quanto gostava que a acariciasse daquela maneira.

A força das investidas e a sensação de inundar-se no núcleo da mulher a que amava estimularam a intensidade de sua paixão até limites inimagináveis. Mal podia respirar.

Ela inclinou o quadril para frente, para intensificar a penetração, e ele seguiu investindo sem piedade. Em questão de segundos, os movimentos pequenos e lentos se converteram em ataques furiosos, rápidos.

Laura deslizou os dedos pelo cabelo de Jay.

— Gosto tanto... — murmurou. Juntos eram capazes de estabelecer o ritmo perfeito, dando e recebendo ao mesmo tempo.

Jay sentiu uma pressão cada vez mais intensa em seu interior e grunhiu de satisfação com uma voz grave e gutural. Tinha a pele coberta de pequenas pérolas de suor.

—Vamos, céu, faça-o por mim — sussurrou Laura perto de sua boca, com os olhos obscurecidos pela paixão. O coração do Jay pulsava a um ritmo enlouquecido. Deus, aquela mulher o deixava sem fôlego!

Finalmente, deixou-se levar pelo clímax e mil estrelas de cores estalaram ante seus olhos. Gemeu com força, enquanto segurava Laura e tratava de controlar seus próprios movimentos.

Ela esticou os músculos de seu sexo ao redor do membro, tomando até a última gota de sua essência, e o beijou nas bochechas, no nariz e na boca.

— Foi incrível — disse Jay, e a rodeou com seus braços. Ela se aconchegou contra ele e lhe fez cócegas com as pestanas ao piscar. Passaram uns minutos antes que Laura rompesse o silêncio.

— Posso perguntar algo? — Sua voz era um leve murmúrio aveludado.

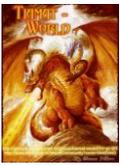
Mal respirando, Jay a olhou aos olhos.

— Claro. Afastou-lhe uma mecha de cabelo da frente e a beijou docemente nos lábios.

— Tem algum tipo de obsessão em me comer nos lavabos? — perguntou ela fazendo um gesto com a cabeça, assinalando a seu redor.

— Preciosa, estou obcecado por te comer em todos os lugares — respondeu ele com um sorriso sensual.

FIM



Tiamat World

Prazer Sob Controle
Cathryn Fox

